
KILL
SLEEP
REPEAT
BRITNEY KING





Tradução: Kamy B.

Revisão: Blossom

Leitura Final: Angel

Conferência: Angel

Formatação: Ana Ruiiz

Disponibilização: GIRL POWER & THE HUNTRESS

2020



Da autora best-seller do The Social Affair e HER vem um conto provocativo intenso e mortal que segue uma mulher que, em uma luta pela sobrevivência, percebe que seu trabalho pode custar mais do que paga.

Várias vezes por semana, a Charlotte Jones deixa os subúrbios para trás e embarca num voo fretado para partes desconhecidas, onde ela envolve as mãos à volta dos pescoços de marcas[1] durante o tempo que for preciso.

Então ela volta para a vida doméstica com um salário, ferimentos de defesa, e a sensação de que ela pode lidar com qualquer coisa.

O que é bom, porque ser esposa, mãe e sociopata, com um gosto insaciável por assassinato, dá ao termo equilíbrio trabalho-vida um novo significado. Quando uma vida inesperadamente se esvai na outra, levando-a um admirador secreto e a um novo limite com a fama instantânea, Charlotte é forçada a perguntar a si mesma se ela realmente pode ter tudo.

[1] Marcas de estrangulamento nesse caso.

Habilidoso e perturbador, Kill, Sleep, Repeat[2] é um conto astuto de decepção e desejo que leva a pergunta: Será que realmente conhecemos as pessoas da maneira que pensamos que fazemos?

[2] Matar, dormir, repetir.

“Tudo o que precisa ser dito já foi dito. Mas, como ninguém estava ouvindo, tudo deve ser dito novamente. ❞ André Gide

PRÓLOGO

A primeira vez que isso aconteceu, não achei engraçado. Também não foi engraçado na segunda vez. A essa altura, salvar sua bunda havia se tornado um trabalho em tempo integral. Com horas extras obrigatórias. Até então, eu tinha percebido algo profundo - o que não me matou, apenas me fez querer mais.

Talvez tivesse ajudado se ela quisesse. Quem deve dizer?

Ela pode não querer ser salva, mas Deus precisava dela. E de qualquer maneira, o que eu deveria fazer? Depois de se comprometer com uma pessoa nesse nível, como você não consegue enxergar isso?

Você poderia dizer que é o que estou fazendo agora. Vendo através. O pior seria se tudo isso fosse por nada. E como tenho sua atenção, isso é importante, então ouça - o que você tem aqui é uma história sobre como tudo foi para o sul. Não literalmente sul, mas o que você chamaria de oposto à direita. De cabeça para baixo. De pernas para o ar. Você provavelmente pegou meu desvio.

Essa coisa que você está ouvindo, o gravador de vôo, bem, aposto que os garotos do NTSB se divertiram pescando nas profundezas geladas do Pacífico. A caixa preta, como é chamada. Na realidade, é laranja. Provavelmente, meu primeiro grande ponto: a maioria das coisas não é o que parece.

De qualquer forma, no interior da caixa preta está o registro de tudo o que resta. O que você encontrou é exatamente isso. Uma história sobre como as coisas foram de mal a pior.

Exceto um - dois, se você contar comigo, o que a maioria das pessoas não conta - os passageiros estão bem. Eles desembarcaram em Dallas, dentro do cronograma. Então éramos apenas nós dois. Exatamente como deveria ser.

Você realmente não tem ideia do que é preciso para deixá-la sozinha.

Os pilotos também estão com ela.

Embora, eles não contam. Estão mortos.

Então, sou apenas eu aqui em cima na cabine do piloto. Bem, eu e um dispensário de frascos de comprimidos meio vazios. Xanax, Valium, codeína, Adderall - praticamente tudo o que você poderia querer - tenho tudo alinhado em uma fileira bem organizada em cima do painel de instrumentos.

Talvez valha a pena mencionar, geralmente não sou tão descontraído. Eu normalmente não voo sob a influência, mas é isso que você poderia chamar de circunstância especial.

Aqui em cima, onde o ar é fraco, há apenas nós tentando ficar acima do tempo.

Bem, pelo menos um de nós está tentando.

O outro é todo de olhos tristes e o que você poderia chamar de emocional. Podem ser os laços. Não é a primeira vez que fui acusado de levar as coisas longe demais.

Isso e bem... ela não se importa particularmente com o termo "refém". Obviamente, isso é mais do que isso - se alguém foi cativo em toda essa provação, sou eu. Também pode ser que ela esteja pensando em seus filhos. Eles vão ficar bem. Eu fiz o meu melhor para tranquilizá-la. Eles têm idade suficiente para fazer sua própria comida, amarrar seus próprios sapatos. Eles têm um pai sobressalente. Nem todo mundo tem tanta sorte, eu disse. Nem todo mundo tem dois.

Ela não parecia confortada com isso, mas sempre teve uma cara de pôquer.

Farei o meu melhor para não aborrecê-lo com os detalhes, mas estamos no piloto automático aqui até usarmos o combustível. Chama é o termo técnico.

Não vou desperdiçar seu tempo precioso, ou o meu, fornecendo um curso intensivo sobre as especificações de consumo de combustível de dois motores a jato Rolls Royce, com aceleração máxima de 10.000 metros ou quanto tempo leva bater sessenta mil em um planador para arpão do Oceano Pacífico.

Felizmente, eu posso aproveitar o passeio sem as mãos. O piloto automático executará sua melhor descida do ponto morto.

Que alivio. Não consigo pensar em nada que prefiro ter.

Tudo o que sei desde que ela entrou na minha vida deu exatamente o contrário.

Mas provavelmente estou me adiantando.

Por enquanto, o céu se expande para sempre à nossa frente. Estou na nuvem nove. Nunca estivemos mais juntos. Juntos, em direção ao Pacífico, em direção ao desastre, no final de nossas histórias de vida, dela e minha, e suponho que todas as estradas realmente levam para o oeste.

Só para constar, nunca me senti tão fantástico.

A essa velocidade e altitude, temos duas, talvez três horas restantes. O que significa que vou ter que fazer isso rápido. Ninguém quer morrer no meio da história de sua vida.

Antes, enquanto eu posicionava cuidadosamente o capitão e o co-piloto mortos em suas posições finais, sentadas e eretas, ao lado dela, ela exigiu saber por que estou fazendo isso. Acredite, eu me perguntei a mesma coisa. Demorou muito trabalho para colocá-los nesses lugares.

No final, valeu a pena o esforço. Parecia que ela tinha muito o que conversar, e eu não queria que ela estivesse sozinha.

Ainda assim, eu não respondi, pelo menos não imediatamente, porque nós dois sabemos o porquê. Quando essa coisa despencar no Pacífico e quebrar em bilhões de minúsculos pedaços de jato ardente, a caixa preta sobrevive. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas o encontrarão. Então, finalmente, contei a verdade: estou gravando isso para que nossa história continue para sempre.

CAPÍTULO UM

Charlotte

Três semanas antes

O motorista do Uber me deixa a três quadras do meu destino. Mesmo que esteja a -2°C, estou mais do que feliz em seguir o restante do caminho.

Meu telefone toca quando saio do meio-fio, um lembrete de que é melhor eu olha-lo. Olhando para a tela, vejo uma notificação pedindo que eu deixe uma classificação na minha experiência com o motorista. Considerando que suas tentativas incessantes de conversar pouco são metade da razão pela qual ando vários quarteirões com saltos de cinco polegadas, contra o frio intenso, tenho algumas coisas a dizer.

Desligo o telefone, observando-o cair na calçada, onde canalizo minha frustração em esmagá-lo em pedaços com o pé esquerdo. Não faz sentido zoar nos meios de subsistência de uma pessoa porque tive um dia ruim.

Depois de abotoar meu casaco, embaralhei o telefone quebrado na direção da sarjeta com a ponta do meu sapato preto. Um chute pequeno e é um caso perdido, e então estou a caminho. Minha mente já está, como sempre, dois passos à frente, dando boas-vindas à hora de se reagrupar. É imperativo que eu esteja no espaço certo para o que vou abordar.

Existem três regras. Mais do que isso, mas três principais: Mantenha o foco. Permaneça no personagem. Não seja assassinada.

Cabeça para baixo, ando rapidamente em direção ao meu destino, minhas mãos nos bolsos, o resto de mim tremendo contra a brisa gelada, tentando manter o ar frio à distância. Afastada da estrada, a casa está convenientemente situada no final de uma longa unidade, fechada e escondida entre árvores, longe dos olhos curiosos.

Está escuro agora, mas não preciso da luz do dia para saber que o amplo gramado da frente está bem cuidado, que existem oito degraus da porta da frente ou que a unidade foi recentemente reformada.

Também não estou surpresa ao ver que o caminho é bem iluminado ou que o quintal menor perto da casa está cheio de brinquedos, triciclos e vários equipamentos esportivos. Meu anfitrião tem pessoas para isso, então meu senso é que ele está

tentando enviar uma mensagem. Ele quer que eu me sinta segura aqui. Mas eu sei melhor.

Eu sei que isso seria um erro.

Pode ser isso - ou pode ser que ele realmente não se importe de uma maneira ou de outra.

Talvez seja um pouco dos dois.

Talvez isso não importe.

Com exceção de um pequeno banco, sei que a varanda está vazia. À esquerda do banco, há dois pares de botas de jardinagem - um tamanho adulto e outro infantil - e ao lado deles, uma roseira em vaso e um saco de fertilizante.

Ao passar pela primeira câmera, posicionada adequadamente ao longo da caminhada, sorrio. Assistir é um fetiche dele. Existem outros, mas o voyeurismo faz com que ele se sinta grande e poderoso. Isso o faz se sentir seguro e sob controle. Engraçado, um sistema de segurança, não importa quão sofisticado, não o salvará esta noite.

Meus calcanhares batem propositadamente contra os degraus da varanda enquanto caminho em direção à porta da frente. Vejo que as cortinas foram deixadas abertas, um brilho azulado bruxuleante emanando da grande janela da frente. Ao me

aproximar da entrada, ouço a voz de um especialista vindo da televisão lá dentro. É tarde, mas ele está me esperando, e eu sei que ele terá esperado.

Levanto uma mão enluvada, respiro fundo e deixo meu punho bater contra a porta. Bato três vezes, o som umedecido pelo couro grosso. Eventualmente, ouço passos e a porta se abre. Ele se inclina, segurando a porta entreaberta para manter o frio, e tenho que admitir que ele está exatamente como o imaginei. Bonito. Charmoso, até. Como alguém por quem eu poderia me apaixonar, se eu não soubesse muito sobre ele. Se eu fosse capaz de tais coisas.

Ele olha para mim, parcialmente confuso, parcialmente perturbado. A TV está mais alta agora, uma daquelas urgentes, o céu está caindo nos noticiários tocando em um loop aparentemente interminável. Seus olhos estão cansados, mas ele não mudou o traje de trabalho. A gravata dele está levemente afrouxada. Lentamente, ele relaxa o aperto na porta. "Eu não pensei que você fosse aparecer."

Ficamos ali por um segundo, olhando um para o outro. Estou pensando que ele é um bom amante. O tipo dele geralmente é. Reconheço que há uma fome na expressão dele, uma que eu sei que vai apertar mais, a menos que esteja satisfeito.

Depois de vários batimentos, ele abre mais a porta, acenando para mim. Eu o sigo para o vestíbulo, que grita a retórica habitual: olhe para mim, olhe quanto dinheiro eu tenho, apenas com muito espaço em branco. Eu mudei de ideia. Aposto que ele é egoísta na cama.

Quando vejo que a sala não é muito diferente, está praticamente confirmada. Se tivesse a oportunidade de olhar em volta, sei o que encontraria. Nove quartos, onze banheiros, três andares, com dois barcos escorregando na doca. Com certeza, os ricos sabem como viver: joias, armas, roupas, pílulas de todos os tipos, muito dinheiro e muita comida. Mas não é isso que me tira do sério. São sempre os fetiches deles que acho mais interessantes.

Ele não pede meu casaco ou faz um movimento para removê-lo, então o tiro. Ao colocá-lo sobre o sofá, sou lembrada por que estou aqui. Eu tenho dois objetivos principais. O mais importante é sair viva pela porta. Por isso, quando ele me pergunta se quero beber, não respondo. Minha atenção está no sofá. É a coisa mais feia que já vi, gente rica ou não.

Ele caminha até o bar e enche um copo com uísque. Depois que ele coloca um segundo copo, ele se vira para mim e diz: “O vestido que eu gosto. Mas o que há com as luvas?”

"Está frio."

"Isso deve aquecê-la." Ele força o copo na minha direção.

Quando eu não respondo nem me mexo para tirar dele, ele se vira para a TV. Eu o acerto com um gancho de esquerda. Ele derruba o copo, o líquido cor de caramelo imerso no tipo de carpete branco que ninguém com filhos deve possuir. O sangue escorre de seu lábio inferior quando ele se lança para frente. Ele balança o mais forte que pode, mas eu me afasto, voltando com um joelho no queixo que o coloca no chão antes que ele saiba o que está acontecendo. Ele cospe sangue enquanto tenta subir, mas posso ver nos olhos dele que não há muito para dar.

Em uma única batida, estou em cima dele, montando em seu peito. Quando pego minha faca, com as pontas dos meus dedos roçando-a, ele muda seu peso, o que me leva a golpear meu quadril com a lâmina. De repente, suas mãos estão nas minhas coxas. Ele aperta com força. Nossos olhos se encontram e eu vejo isso então. Ele acha que isso é um jogo. Ele acha que isso faz parte do ato.

"Então você gosta disso", diz ele. Não é uma pergunta. Algo que é rapidamente aparente na maneira como ele me rejeita e me revira, uma vez que consegue.

Usando as costas do sofá horrível, ele consegue se erguer. Ele dá outro golpe. Desta vez é um punho na minha cabeça. Estou inclinada para a frente, apoiado pelos meus

antebraços, quando o cotovelo dele cai entre as omoplatas, me forçando a descer. Ele me dá uma surra, mas acende um fogo em algum lugar profundo. "Por que as melhores prostitutas", diz ele presunçosamente, "sempre lutam um pouco?"

Eu o sinto se movendo atrás de mim e então ele está perto. Seu peso me pressiona no luxuoso tapete branco. "Olha o que você fez", diz ele, beijando minha orelha, sua ereção empurrando contra as minhas costas. Eu mudo, tentando colocar a faca em uma posição que não será inútil. Com o peso dele me prendendo, é impossível. Estendo a mão e enfio o dedo no olho dele.

Ele recua o tempo suficiente para me permitir virar de costas. Nós rolamos várias vezes quando ele tem algum êxito. Finalmente, ele me puxa pelos cabelos, e é aí que ele descobre que mesmo as melhores perucas não ficam sob esse tipo de estresse. "Nem mesmo uma ruiva", diz ele, balançando a cabeça. Dou dois passos para trás, com uma derrota nos olhos.

Ele joga a peruca de lado e depois se inclina para frente, apoiando as mãos nos joelhos. Ele tenta recuperar o fôlego.

O sangue escorre do meu nariz, e cambaleei um pouco enquanto tento recuperar meu equilíbrio. Os saltos não ajudam.

Ele suspira pesadamente, examinando a bagunça. Ele faz um gesto com os meus ferimentos. "Isso é suficiente para você - ou devo continuar?"

Não tenho tempo para responder. De repente, ele está parado na minha frente. De repente, ele está me forçando a ficar de joelhos, meus cabelos enrolados em torno de seu punho. Com a mão livre, ele abre o zíper da calça.

Estou ciente de que estou em uma posição ruim, mas minha mente está clara e minhas mãos estão firmes. Ele tira a camisa lentamente, botão a botão. Usando minha boca, subo pelo torso dele. Faço uma pausa e o levo. "Onde estão as meninas?"

"Quem?"

"As meninas."

Ele pega minha cabeça em suas mãos e a inclina de um lado para o outro enquanto estuda meu rosto. Ele poderia facilmente quebrar meu pescoço a qualquer momento e eu acho que ele poderia. "Como diabos eu deveria saber?"

Balançando a cabeça, me inclino para frente e acaricio seu estômago. “Ele disse que eu deveria falar com você. Se eu estivesse interessada.”

"Eu? Não. Você terá que perguntar a Dunsmore.”

"Dunsmore", repito, segurando suas bolas. Eu acaricio o comprimento dele, primeiro com a mão e depois com a ponta da língua.

Eventualmente, sua cabeça balança para trás e seus olhos se fecham. Ele está na zona agora, o lugar onde expectativa e êxtase se encontram no escuro, como uma maré em turbilhão, deixando-o exposto.

Seu sangue espirra lindamente contra o espaço em branco, o corte na garganta limpo e preciso. Com um olhar confuso nos olhos, ele cambaleia para frente.

Eu sorrio, sabendo que ele vai sangrar em segundos. Que o trabalho está feito.

O som vibrante do meu pulso entre os meus ouvidos acelera enquanto o vejo cair no chão e, em seguida, respiro fundo.

Ajoelhando-me ao lado dele, levanto a faca ao peito, parando e pairando logo acima da caixa torácica. Usando a ponta, traço a palavra mentiroso na pele bronzeada e esticada acima de seu coração. Então eu mergulho a lâmina profundamente em seu peito, apagando tudo. Eu apunhalo de novo e de novo, até atingir um osso, até não sentir nada, até que estou caída sobre ele, sem fôlego.

Uma sensação familiar toma conta de mim, e suspiro, mais uma vez lembrei que é assim que se sente. Felicidade. Doce, felicidade passageira.

Quando minha respiração fica firme, eu me levanto e me recomponho, enfiando a faca dentro do meu vestido. Então vou para a cozinha, onde localizo o monitor do computador que exibe as imagens das câmeras. Eu observo o movimento. Eu não vejo nada. Na sala de estar, o especialista na TV ainda está divagando. Eu sigo o som de volta para a minha bebida. Fico feliz em ver que os cubos de gelo não diluíram. Pego o copo e vou até o horrível sofá, onde fico por um segundo, bebendo o uísque, absorvendo tudo. Imagino o que estava passando pela mente deles. Foi uma compra da moda? Ou uma peça amada cuidadosamente selecionada com esta sala em mente?

Talvez um pouco de ambos.

Talvez isso não importe.

Olho para o corpo sem vida esparramado no chão, as calças pateticamente em torno dos tornozelos, e sorrio. Então eu me sinto confortável. E termino minha bebida.

CAPÍTULO DOIS

Charlotte

O relógio do lado da cama indica 5h47 da manhã. Os raios de luz da madrugada estão levemente atravessados por cima das cortinas opacas. Ele está em cima de mim, bombeando. Nosso ritual de quarta-feira.

O sexo é importante em qualquer casamento; portanto, quando Michael sugeriu colocá-lo no calendário, não encontrei motivo para contestar. Entre o meu horário de voo, o trajeto dele e dois filhos nos puxando em todas as direções, mas o mesmo, quarta-feira, antes do amanhecer, era o único horário disponível.

Sete minutos atrás, quando o alarme tocou, e ele rolou para o meu lado da cama, passando a mão pela minha coxa, eu sorri. Michael não é nada senão pontual. Claro, eu preferiria o café a uma pressão rigorosa, mas admito que não é a pior coisa que eu poderia estar fazendo.

Sentindo-o procurar minhas mãos no escuro, ofereço um gemido suave. Uma distração, de modo que a leve curva no dedo mindinho da minha mão esquerda, e o desagradável tom azul

esverdeado que assumiu, possam permanecer em segurança debaixo do travesseiro.

Eventualmente, ele encontra e, ao fazê-lo, muda seu peso, o que faz com que minha respiração pare. Ele toma isso como um sinal para aumentar a velocidade e, de repente, eu me odeio por respirar. "Vire", ele bufa, puxando para fora. "Eu quero você por trás."

Cerrando os dentes, eu metodicamente rolo. Michael sempre amou minha bunda, é uma das poucas coisas que tempo, gravidade e gravidez não tocaram. A luz fraca não dói.

Ele vê apenas o que ele quer ver.

Um calor quente queima minha parte inferior das costas quando ele agarra meu quadril esquerdo, flertando com as contusões que floresceram em minhas coxas durante a noite, me ancorando na posição. Ele suspira, sua respiração pesada e quente contra a minha orelha. "Deus, você se sente bem."

Ele não pretende me machucar. No escuro, é impossível distinguir os sinais reveladores que adornam meu corpo. No escuro, como outros aspectos da minha vida, isso também permanece oculto.

Mentiroso. Minha mente relembra as letras gravadas em um peito bronzeado e sem pelos, soletrando uma palavra que eu

conheço bem. Segurando o antebraço de Michael, cubro minhas unhas. De repente, ele não é meu marido. De repente, ele é todo homem que já me machucou. A dor é igualmente intoxicante e sufocante dessa maneira. O corpo não esquece facilmente.

"Jesus, Charlotte." Ele diminui a velocidade e passa os dedos pelo meu lado, parando no meu rosto, onde ele os usa para afastar minha mão. "Isso vai deixar uma marca."

Sua voz me traz de volta ao presente. "Desculpe."

"Você está bem? Parece-"

"Estou bem."

Eu não estou bem. Durante a noite, os hematomas que atravessam meu torso se espalharam para cima, serpenteando em volta das minhas costelas como videiras subindo em uma treliça. Toda respiração é um lembrete.

"Talvez você se sinta melhor se me deixar tirar isso", diz ele, segurando a camiseta velha que eu me recusei a remover.

"Está frio." É a única coisa que mantém a laceração no meu quadril coberta.

Seus olhos disparam na direção do relógio. "Eu vou te aquecer", diz ele. E ele faz. A dor vem ciclicamente, em ondas a cada impulso. Ele irradia com raiva, construindo e diminuindo,

começando na base da minha testa, viajando até as pontas dos dedos dos pés e voltando novamente. Meu corpo, quando pressionado no colchão, dói para soltar, desistir, ceder à dor, ao prazer ou a ambos. Minha mente, por outro lado, implora para ele desacelerar. Para não prolongar a sessão, eu mordo minha língua. O sabor doce e metálico do sangue enche minha boca, me mantendo aqui e agora.

Enquanto ele acelera, ajuda imaginar os rostos de homens há muito mortos. Maxilares frouxos, olhos sem vida, extremidades salientes. É para servir como uma distração e, por um momento, sinto um calor familiar crescendo dentro de mim. Eu acho que posso realmente vir.

Infelizmente, o sentimento morre tão rapidamente quanto se constrói. A noite passada ainda está muito fresca em minha mente e claramente também em meu corpo. Eu não consigo chegar lá. Onde quer que exista, continua ilusório, um lugar que conheço bem, mas permanece fora de alcance. Não consigo colocar isso em foco.

Incapaz de permanecer nesta posição sem sufocar ou gritar, eu tremo de volta para o meu lado.

"De bruços", diz ele. “Vire-se. Todo o caminho.” É um pedido indiferente e, felizmente, ele não me dá a chance de parar. Sua mão empurra meu quadril no colchão. "Char-"

Instintivamente, afundo meus dentes em sua mão, um ato de agressão que é encontrado por um dos seus. Ele torce meu cabelo em torno de seu punho e puxa. Isso me faz sorrir. Ele quer jogar. Esse lado dele normalmente não sai tão cedo. "Eu disse, vire."

"Não."

Ele tenta me forçar, o que atinge uma borda em algum lugar no fundo. O impulso de lutar existe - o desejo de pegar a faca, ou a arma debaixo do colchão, para fazê-lo parar. Mas então ele desliza as mãos entre as minhas pernas, onde seus dedos começam uma dança delicada, e a lógica prevalece. "Isso é bom..." Meus dedos seguram os lençóis. "Eu estou quase lá."

Minha mentira tem o efeito pretendido. Ele acelera.

" Oh Deus." Ele empurra meu rosto no travesseiro. “Oh, porra. Sim. Por favor. Apenas...”

"Eu vou gozar", ele resmunga. "Eu estou-"

Em ondas a princípio, e depois de uma só vez, seu corpo fica rígido e depois afrouxa. Depois de vários segundos, ele cai em cima de mim. "Você chegou lá?"

"Claro", eu digo. "Não era óbvio?"

"Só queria confirmar."

Há um alívio agradável quando ele se levanta e desce de mim, e permito que meus olhos se fechem, apenas por um momento.

Eu o ouço se secar e então a sala se enche de luz roxa quando ele abre a cortina. Ele volta para a cama e fica lá por um segundo. Quando abro meus olhos, suas sobrancelhas estão tricotadas. Depois de um ou dois segundos, ele se inclina e dá um tapinha na minha bunda. "Que maneira de começar o dia."

Enquanto ele atravessa o quarto e entra no banho, admiro todas as maneiras pelas quais a meia-idade o deixou relativamente incólume. Ele ainda é longo, magro e em forma, e além de algumas linhas de riso e um punhado de pés de galinha, nada mudou desde o dia em que nos conhecemos. "Você voltou tarde", diz ele, olhando por cima do ombro. "Não é de admirar que você esteja cansada."

Não tenho certeza se é para ser uma escavação sobre o meu desempenho ou apenas uma observação. "Sim, ontem foi de matar."

"E você está voando de novo hoje?"

Pegando meu telefone celular na mesa de cabeceira, respondo: "Outro último voo, receio."

Ele não responde, provavelmente porque esta é uma conversa que já tivemos.

"Nina está pegando Sophie no treino."

Ele joga uma toalha na minha direção. "E Hayley?"

Fingindo não tê-lo ouvido, olho para minha tela. Uma mentira a menos eu vou ter que contar com uma cara séria. Digitalizando meu e-mail para o itinerário do dia, bato em uma linha de assunto que diz: Dan e Jackie - Jantar de Aniversário. O email contém três parágrafos de texto. Em anexo estão várias fotos de um jantar.

Meus queridos,

Obrigado por participar do nosso aniversário. Foi uma noite mágica cheia de todas as pessoas que amamos. Que benção foi essa!

Apenas um lembrete, estaremos organizando a noite do jogo na próxima quarta-feira. Deve começar por volta das 7:30 e terminar por volta das 9:15. Espero ver você lá! <3

Amor a todos vocês -

Jackie

PS Atualize sua lista de contatos com o novo e-mail de Dan: Dantheman22407@ymail.com

Ignorando as palavras, extraio os números e símbolos que compõem a senha que me permite acessar dados compactados armazenados nas fotos tediosas. Quando soube pela primeira vez como isso funcionava, achei um pouco arriscado, enviando tantas informações em um e-mail que qualquer um pudesse ler. A comunicação encoberta é fundamental, me disseram. Eles podiam criptografar as mensagens, mas, mesmo que fossem inquebráveis, chamavam a atenção. Isso fazia sentido. Ninguém dá a mínima para as fotos de férias de outras pessoas, pelo menos não ao ponto de olhar profundamente nelas.

"Charlotte?" Michael chama do banheiro. "Você voltou a dormir?"

"Não. Estou apenas fazendo uma lista de compras."

"Eu perguntei sobre Hayley."

"Ah..." Percorro outro e-mail antes de arquivá-lo em uma pasta para ser lido mais tarde. "Eu pensei que você estava pegando ela."

"Eu?"

Eu não respondo. Às vezes, é melhor deixar as pessoas chegarem a suas próprias conclusões. Eventualmente, o chuveiro liga.

Saio da cama, rolo o pescoço e vou direto para o armário em busca de algo suficiente para esconder meus ferimentos.

Michael espia a cabeça pela porta do banheiro. Eu esqueci. Ele não gosta de discutir nos dias em que voo. "Vou ver se consigo sair mais cedo", diz ele. "Se não, eu ligarei para os Terrys."

Eu ouço as palavras dele. Mas elas não se registram. Minha mente já se lançou para o futuro, para os dados, para o trabalho que tenho que fazer. Caronas é a menor das minhas preocupações. Eu tenho um assassinato para planejar.

CAPÍTULO TRÊS

Charlotte

Quando coloco maionese entre duas fatias de pão, corro em minha mente. Tomando as decisões, eu o assisto, tendo o cuidado de visualizar o resultado que desejo, assim como os atletas fazem antes de uma grande partida. Henry me ensinou isso. O assassinato é principalmente um jogo mental.

Esta é uma teoria que vou ser forçada a testar hoje, considerando que meu corpo dói em lugares desconhecidos e estou um pouco delirante. Só espero que Henry esteja certo. Eu realmente preciso hoje de ser curta e grossa.

Meu marido percebe. Eu sei porque ele comentou - não uma, mas duas - que eu me estendi demais este mês fazendo muitas viagens, o que ele raramente faz.

Nós precisamos do dinheiro. Pelo menos foi o que eu disse a ele. A faculdade e a aposentadoria sempre são mais rápidas do que você pensa, eu disse, sabendo que ele não podia discutir comigo sobre isso.

Isso não quer dizer que não entendi o que ele quis dizer. Também não gosto de viagens de costas para costas. Eles não me dão muito tempo para pensar, e é o acúmulo que mais sinto falta quando as coisas acontecem rapidamente. Como é adorável ter segmentos de tempo reservados, apenas para imaginar, para sonhar acordada e talvez até para uma mercearia. Aqueles momentos roubados que fazem um trabalho bem feito são muito mais doces.

É importante tê-los quando puder. Estou tendo um agora, enquanto corto profundamente o sanduíche de peru, fazendo um corte diagonal perfeito. Imagino a garganta alongada do meu alvo, abrindo lentamente, oferecendo sangue, entregando a vida à morte, e de repente sinto uma profunda sensação de paz. Ocorre-me que estou exatamente onde deveria estar, fazendo exatamente o que deveria estar fazendo.

É um momento bonito, até que minha filha caçula entra na cozinha e começa a atirar as coisas, tornando quase impossível qualquer tipo de pensamento substancial. "Você viu minha lição de matemática?"

Eu olho para cima da minha arte sanduíche, uma dica de aviso nos meus olhos. Aos treze anos, ela é tão petulante quanto eles podem ser, alternando entre pensar que é adulta e agir como criança. "Não."

Ela bate com o punho no granito. "Eu deixei aqui!" Seus olhos encontram os meus. Eu ofereço um sorriso tenso, percebendo o quanto ela se parece comigo naquela idade, com dicas sutis de seu pai. “Eu coloquei aqui” - ela grita, apunhalando o dedo na bancada. "Bem aqui."

"Eu duvido que tenha crescido pernas", eu digo, sabendo como vai acabar. Um dia toda essa raiva reprimida a servirá bem. Mas hoje não, então eu caminho em direção à porta. “Fora da minha cozinha. Eu tenho que terminar o almoço. E eu tenho um voo para pegar.”

Enquanto observo Hayley sair, Michael entra, com o olhar fixo no caftan de seda Josie Natori que eu vesti enquanto ele estava no chuveiro. Um presente de Henry. "Qual é o negócio dela?"

"Fracas habilidades organizacionais."

"Deixe-me adivinhar... a lição de casa dela?" Ele se aproxima, faz uma pausa na porta e grita atrás dela: "Verifique a sala de jantar!"

Eventualmente, Sophie entra, sua saia além de vários centímetros muito curta. É milhas na direção errada, pairando logo abaixo do vinco, onde ela por trás encontra a parte superior da coxa. Eu pego a faca, segurando-a com tanta força que meus

dedos ficam dormentes. Eu assisto Michael tomar nota. Desaprovação e outra coisa - preocupação, eu acho - passa por seu rosto. Não é inteiramente culpa dela. Ela está testando seus limites, mas apenas até certo ponto. Isso não a ajuda porque ela é toda de braços e pernas, assim como seu pai. Aos quinze, o resto dela ainda não cresceu, o que torna estranho vê-la cambalear de um lugar para o outro, nunca parecendo ter certeza de quem ou onde está.

Ela vai direto para a geladeira. "Quem me pegará hoje?"

"Nina".

Percebo uma mudança sutil em seus traços. Um leve sorriso. Sophie é mais controlada que sua irmã, mais parecida comigo nesse aspecto. Ela não usa suas emoções na manga, o que significa que eu tenho que observar de perto. "Eu posso pegar uma carona com Toby."

"Sua mãe já arranjou para você ir para casa com Nina", Michael diz a ela, seu tom não deixando espaço para refutação. Ele muitas vezes esquece que suas filhas não são mais meninas, mas hoje de manhã parece que ele se lembra. "E essa roupa não vai passar no código de vestimenta."

Sophie enterra a cabeça na geladeira, mas sinto os olhos rolarem do outro lado da sala. "Tanto faz."

"Não posso me dar ao luxo de receber uma ligação da escola, Soph - estou em reuniões o dia todo e sua mãe está voando."

"Tudo bem!" Ela grita, batendo a porta da geladeira fechada. "Eu vou trocar."

Estou prestes a repreendê-la por ter gritado quando Michael pergunta para onde estou indo, me pegando desprevenida. Ele raramente pergunta mais, e eu raramente ofereço mais informações do que preciso.

"Oh", eu digo, enroscando a tampa na maionese. "Hum... Flórida, eu acho."

Seu lábio inferior se projeta. "A Flórida não parece tão ruim."

Meus olhos encontram os dele. "Oh sim? Quando foi a última vez que você esteve lá?”

Quando ele levanta a sobrancelha, eu sei que é um argumento bem formulado.

Ficou felizmente quieto por um momento, até que Hayley ataca com seu telefone. "Essa coisa é péssima."

Michael encolhe os ombros.

"Está morto. Novamente!"

"Você tem que carregar", Sophie zomba. "Mas você provavelmente esqueceu isso também."

“Eu fiz... idiota.” Observo Hayley enquanto ela se senta em uma banqueta e fica de mau humor. "Tinha como... vinte por cento da bateria!"

Quando ninguém responde a ela, ela se esforça mais para obter a atenção que procura. “Eu continuo dizendo para vocês. Eu preciso de um novo."

"O que você precisa", digo a ela, "é um emprego".

"Tudo bem", Michael interrompe, sentindo a Segunda Guerra Mundial chegando. "Vamos." Ele dá uma volta no balcão e se inclina para dar um selinho na minha bochecha. "Todo mundo lá fora."

“Como vou conseguir um emprego? Eu sou apenas uma criança” diz Hayley, colocando os livros na bolsa, mas olhando para ela agora, nós dois sabemos que não é verdade.

Michael me dá uma olhada. "Você vai voltar hoje à noite?" Eu assisto enquanto ele enfia as chaves e o telefone no bolso. Há algo que ele não está dizendo.

Meu estômago aperta. "Esse é o plano."

Ele faz o sinal universal do ufa, colocando a mão na testa. Eventualmente, ele se inclina para outro beijo. "Bom", diz ele. "Porque eu não poderia fazer isso sem você."

"Nem eu."

Se havia algo que ele queria dizer, mudou de ideia. Ele é todo sorrisos quando sai pela porta. Eu também, porque finalmente está quieto, e posso pensar em assassinato.

CAPÍTULO QUATRO

Charlotte

Você pisca e está descendo para Dulles. Pisque novamente e você está na pista de McCarren. Pisque três vezes e você está pousando em Teterboro.

Você decola em Van Nuys, pousa em Love Field.

Olhe para cima e você está taxiando no Hobby.

Isso é vida. Sempre no ar. É certamente como me sinto agora, tentando sair pela porta, percebendo que esqueci de trocar a roupa e estou destinada a ir para o aeroporto de uniforme úmido. Também foi onde encontrei Henry Noble. Henry, com seus olhos sonolentos e comportamento estoico. Acabei de voltar da licença maternidade - uma licença prolongada, mas voltei mesmo assim. É difícil acreditar que isso aconteceu há quase quinze anos - ou seja, a menos que eu olhe no espelho, quando é subitamente evidente. Há pouco da garota que eu era naquela época.

De fato, quase nada.

Eu não tinha planejado voltar ao trabalho como aeromoça depois que Sophie nasceu. Pelo menos, não até a recessão, e a lista de projetos na empresa de arquitetura de Michael deixou de ter uma lista de espera para secar completamente. Eu pensei que poderia tentar escrever um romance, ou um roteiro, algo frívolo. No final, não havia sentido em ter dois pais desempregados e, de volta aos céus, eu fui.

O forro de prata era o fato de que me ofereceram um pequeno show com uma empresa privada de fretes. Isso significava que não havia mais vôos comerciais. Mais importante, a empresa de fretados pagava melhor. Eu não precisaria fazer tantas viagens. Eu não teria que gastar tanto tempo fora.

Eu estava de volta ao trabalho por cerca de três semanas quando conheci Henry em um voo de Bergstrom para Teterboro. Estávamos transportando um dignitário, eu acho. Ou algo desse tipo. É estranho para mim que esse seja o aspecto do trabalho que interessa à maioria das pessoas. Eu nunca realmente me importei. Nem mesmo naquela época. Uma viagem é uma viagem. O que quer dizer que, praticamente, são todas iguais.

Não foi até o nosso terceiro vôo juntos que eu realmente tive a chance de conhecer Henry. Embarcamos em um grande avião naquele dia - quanto mais importante o passageiro, maior o jato -, mas isso provavelmente não é preciso dizer. A tripulação era

composta pelo piloto, co-piloto e dois comissários de bordo: Henry e eu.

Estávamos encarregados de um único passageiro, um homem grisalho, de pele escura, com feições dominantes e estilo impecável. Italiano, se eu tivesse que adivinhar. Isso significava que não havia muito o que fazer na primeira etapa do voo. Mesmo que eu não soubesse muito sobre Henry, imaginei que ele não fosse de conversa fiada, o que achei um alívio. Deus sabe que há o suficiente disso incorporado no trabalho.

Lembro-me de estar feliz por ter pensado em trazer um livro. Ouvi dizer que nada é mais importante do que uma biblioteca não lida. Eu acredito nisso. Contei os minutos até alcançarmos a altitude de cruzeiro e pude tirar o verdadeiro romance policial da minha bolsa e mergulhar.

Mais tarde, ao ler, senti os olhos de Henry em mim, mais curiosos do que qualquer coisa. Ainda assim, uma decisão foi tomada. Se ele interrompesse minha leitura, não apenas não poderíamos ser mais cordiais, como sabia que passaria o resto do voo planejando sua morte.

Estávamos no meio do vôo, e eu estava em algum lugar por volta da página 180 quando Henry se levantou do seu assento e subiu a cabine. Naquela época, eu ainda era bastante verde quando se tratava de uma garçonete no céu em voos particulares,

e lembro-me de pensar que devia ter algo que eu tinha perdido. Embora Henry e eu tivéssemos concordado em trabalhar em turnos, e o primeiro turno fosse dele, havia algo em sua marcha que me pareceu estranho.

Meus olhos seguiram seus pés.

Quando eles pararam de se mover, eu podia ouvir o que era aquilo. Um leve som borbulhante - tosse pesada, seguida por um inconfundível chacoalhar no peito. Estiquei o pescoço, tentando ver melhor. Com o torso de Henry bloqueando a vista, finalmente fui forçada a ficar de pé e caminhar até o corredor, onde Henry estava pairando sobre o passageiro. Quando o alcancei, a cabeça de Henry estava levemente inclinada. Suas mãos descansavam nos quadris. O italiano parecia estar tentando falar enquanto alternadamente segurava sua garganta e implorava com as mãos. Seu rosto estava de um perfeito vermelho cereja, deixando claro qual era o problema. Ainda assim, Henry olhou para ele como se estivesse perplexo. Lembro-me de pensar que era uma das coisas mais estranhas e bonitas que eu já vira.

Perguntei a Henry o que ele estava fazendo enquanto eu o empurrava simultaneamente. "Ele está engasgado", eu disse. "Somos treinados para isso."

"Precisamente", respondeu ele, um canto do lábio virado para cima. Henry não era naquela época, e ainda não é agora, o tipo sorridente.

Eu balancei minha cabeça e fui para a matança, envolvendo meus braços ao redor do italiano. Pressionando meu estômago nas costas dele, dei o Heimlich o meu melhor tiro. Foi uma luta. O homem era maior do que eu previra, e achei difícil abraçá-lo. "Henry!"

"Deixe como esta", disse Henry.

"Não está funcionando", eu resmunguei. "Eu não posso"

Ele me observou, sem palavras, enquanto o rosto do italiano ficou azul-índigo.

"Trabalhe comigo", implorei ao passageiro, alcançando, ofegando, orando por um pouco de doação, mas não encontrando nada do tipo. Ele se debatia infeliz, como um peixe fora d'água, enquanto também ronronava como um gato, o que soa engraçado, mas essa é a sensação que senti com meu corpo pressionado contra o dele. Uma substância branca e espumosa escorreu de sua boca para o meu pulso. Ele avançou, lutando comigo, enquanto lutava por ar. Era impossível desalojar o que estava bloqueando suas vias aéreas se ele se recusasse a me deixar abraçá-lo. No entanto, a espuma leitosa continuava caindo de seus lábios. Meus

braços estavam revestidos nela. Cheirava a queijo velho e estava quente - o tipo de coisa que você não esquece. Como um sorriso de Henry, se você tiver sorte o suficiente para espremer um.

"Provavelmente uma espinha de peixe", observou Henry, acenando com a cabeça para o almoço pela metade do homem. Antipasti, truta do lago, figos frescos e vinho Vernaccia. Não é exatamente o tipo de comida que você recebe voando comercial.

"Você vai ajudar?" Eu disse a Henry, enquanto enfiava dois dedos na garganta do homem, esfregando um lado para o outro. "Ou devo convocar o piloto?"

"Não vai demorar muito agora", respondeu ele, olhando para o relógio. Um Rolex vintage - notei na primeira vez que nos conhecemos. Nas últimas semanas, tornou-se cada vez mais aparente que Henry não apenas tinha um fetiche por relógios, ele também possuía a coleção. "Apenas espere."

Eu olhei para ele de lado. À primeira vista, Henry parecia bastante comum. Trabalhador, inteligente e possivelmente gay, dado seu gosto discretamente caro. No final dos seus vinte anos, presumi, com o tipo de rosto que você esquece instantaneamente. Mas havia algo mais, uma vigilância sem piscar nele, uma que sem dúvida o tornava bom no trabalho que não era tão comum.

Henry olhou para o relógio novamente.

Eu relaxei meus braços, e o italiano caiu para frente.

"Isso é muito lamentável", disse Henry, verificando o pulso do homem. “Ele está respirando. Fracamente."

"Que porra é essa..." Minha boca ficou aberta, fechando apenas o tempo suficiente para sugar o ar, o que acabou me permitindo concluir minha pergunta. "O que nós vamos fazer?"

A testa de Henry franziu momentaneamente e então seus olhos se arregalaram de surpresa. "Droga."

"O que?"

"Não era uma espinha de peixe."

Eu fiz uma careta. Eu não segui.

"Você colocou o esmalte de amendoim na salada dele, não é?"

"Eu não sei." Dei de ombros. "Talvez."

Henry me observou por um segundo, anotando minha condição, a falta de ar, minha respiração incessante. Ele comentou que eu poderia usar algum treinamento físico. Considerando o dia que eu estava tendo, não discordo inteiramente. Ele esperou por uma resposta antes de perceber que eu não ia oferecer

uma. Eventualmente, ele fez um som de cacarejo com a língua. "Diz neste perfil que ele é alérgico a nozes."

Eu senti tudo sumir de mim de uma vez. Essa situação exigiria muita papelada e, se eu fosse realmente e verdadeiramente azarada, possivelmente na prisão. Definitivamente, um longo processo judicial quando a empresa foi processada. Sem dúvida, eu teria que testemunhar e odeio uma audiência. "Porra."

"Perdeu isso, hein?"

Minha garganta estava seca demais para eu falar. Outro encolher de ombros foi tudo o que eu pude oferecer.

"Você conseguiu ler um romance, mas não o perfil dele?"

Eu levantei uma sobrancelha. Imaginei-me inclinado para a frente e, apesar da minha falta de aptidão, estalando o pescoço de Henry. Isso não salvaria meu trabalho, mas poderia me fazer sentir melhor com a perda iminente dele.

Henry me considerou com cuidado. "Tudo bem", disse ele, entregando o prato de salada. "Aqui está o que vamos fazer." Ele examinou a cabine e apontou para o prato na minha mão. "Pegue isso e se livre das evidências."

Eu balancei a cabeça, sentindo-me aliviada por ele ser tão bom em se fazer útil. A última coisa que eu precisava era de mais sangue em minhas mãos.

"Em alguns minutos", ele me disse com um suspiro pesado, "vou alertar o piloto de que precisamos fazer um pouso de emergência."

"Ele estará morto até então."

"Provavelmente, sim." Havia uma pitada de impaciência em sua resposta.

"O que vamos dizer?"

"A verdade", respondeu Henry. "Que ele engasgou."

Eu disse a ele que não entendi, mesmo que entendi.

"Com o tempo você vai."

Senti alfinetes e agulhas no estômago. "Não devemos apenas contar a verdade real?"

“Qual é o objetivo? Ele vai morrer de qualquer maneira.”

"Mas a culpa é minha."

"Dificilmente", Henry zombou. “Ele tinha uma fraqueza. Você estava apenas fazendo seu trabalho.”

Eu estreitei os olhos, tentando compreender o que ele estava dizendo e, mais importante, o que ele não estava.

"É apenas uma mentira branda", Henry disse com um encolher de ombros. "Uma simples omissão."

"Uma simples omissão", repeti, me sentindo um pouco mais calma.

Henry foi até onde eu estava. Quando ele falou, ele o fez devagar e com calma, como se estivesse falando com uma criança. "Acho que isso é algo em que você pode ser realmente boa."

"Eu não entendo." Eu balancei minha cabeça. “Por que você não ajudou? E por que você está me cobrindo?”

Mais tarde, Henry explicaria tudo. Nesse momento, ele simplesmente suspirou. "A queda de seus ombros me diz que você não pode perder seu emprego."

Endireitei as costas, mas ele não estava errado. Henry se inclinou e retirou o relógio do homem do pulso. Ele não sorriu quando o levantou, mas havia um brilho em seus olhos que era inconfundível. "É um Bvlgari."

CAPÍTULO CINCO

Charlotte

É o início da tarde em Fort Lauderdale, o sol brilhante do inverno no céu. Estou sentado em uma mesa externa do Estero, um clube particular exclusivo para associados. Dicas de glicínias[3] enchem o ar úmido. Mesmo no inverno, o jardim de flores do clube fica em plena exibição, se você gosta desse tipo de coisa - mas não foi por isso que eu vim.

Está quente, muito mais quente que o Texas, e gotas de suor surgem nas minhas têmporas, onde a peruca ruiva encontra minha pele. Minha mão repousa levemente na haste do meu copo. Sinto uma exaustão agradável quando a levo aos lábios.

O líquido frio desce suavemente. É quase o suficiente para aliviar a tensão. Meus sentidos são intensificados, como sempre são quando se trata de trabalho.

---

[3]  É uma trepadeira volúvel, lenhosa e decídua, de florescimento muito decorativo.

Olhando para o momento, sei que não tenho muito tempo para realizar o que vim buscar. É uma parada curta, mas ainda assim, não posso apressar isso.

Nos empreendimentos em que vidas estão em risco, lembro-me de que é importante esperar, ser notada quando for a hora certa, como as flores. Tomando outro gole lento do meu vodka martini, discretamente inspeciono meu entorno. Está lotado no meio da semana. A maioria das outras mesas está ocupada, mas só tenho olhos para uma.

A conversa lá parou.

O casal sentado à mesa adjacente - onde as coisas parecem ter parado e para onde minha atenção é atraída - parece entediado. Ele está na casa dos sessenta e tem um jeito descuidado e com dinheiro. A companheira dele tem trinta e cinco. Talvez. Qualquer que seja sua idade, ela é requintada, com uma qualidade felina e características irregulares a condizer. Eles não são casados, pelo menos não um com o outro. É possível que sejam colegas. Primos distantes, talvez. Amantes é onde eu colocaria meu dinheiro, se estivéssemos apostando.

Vários minutos se passam, e eu decido que definitivamente não são primos. Embora eu esteja na Flórida, você nunca sabe. No entanto, tenho minhas dúvidas. Há uma certa tensão entre eles, química palpável que é tudo menos familiar.

Ao chamar minha atenção, o homem levanta o copo vermelho, inclinando-o na minha direção. Ele murmura para a companheira, que então muda, me encarando com um olhar gelado. "Quer se juntar a nós?"

A oferta dela é tanto um desafio quanto um convite e, para nossa sorte, é uma que eu estava esperando. Corro meus olhos por todo o comprimento dela, uma brisa fresca agitando o ar perfumado.

"Sem obrigações", diz o homem, seu tom otimista em desacordo com a boca virada para baixo. "Apenas um convite."

Sua oferta é exatamente do tipo que eu esperava, e é por isso que saio da minha mesa, pego meu copo e me sento em uma cadeira entre eles. Meus olhos disparam para frente e para trás em direção à entrada. Eles queimam, tanto pela sonolência quanto pela irritação das lentes de contato que uso para ocultar minha cor natural dos olhos. "Estou esperando uma colega", confesso. "Mas ela deve ter se atrasado."

"Eu sou Richard." Ele oferece a mão e, com um movimento rápido da cabeça, ele diz: "E essa é Janine."

Não me diga. "Olivia."

Depois que as apresentações são feitas, a conversa se desenrola facilmente. Aprendo que Richard é um inventor

(aposentado) e Janine uma modelo (também aposentada). Eles não são colegas, nem oferecem a vibe de serem amantes após uma inspeção mais minuciosa. No entanto, há tons eróticos em seu envolvimento, evidentes na maneira como parecem satisfeitos por me atrair.

"Então, me diga, Olivia", Janine sorri. "O que você gosta?"

"Imóveis, principalmente", eu respondo, meu rosto fresco e com fome. Excessivamente ansioso. Me desculpe, eu matei seu pai. Como ele era? Ele te contou sobre mim? Isso é culpa minha? Você tem problemas com o papai? Isso é mais parecido com o tipo de perguntas e respostas que eu solicitei, mas é claro que não é isso que eu digo. "Na maioria das vezes, trabalho com compradores." Faço uma pausa apenas o tempo suficiente para saborear minha bebida. Abaixando meu queixo, levanto meu olhar, permitindo que minha boca permaneça na borda. "Mas, de vez em quando, vendedores também."

Demora um segundo, dada a maneira como as informações são entregues, mas inevitavelmente seus olhos brilham. No momento em que uma pessoa pensa que você está tentando vendê-la, é o momento em que a conversa termina.

Se necessário, posso falar sem parar sobre imóveis, mas eles não querem saber. Em vez disso, descrevo minha recente viagem à África, uma expedição de caça. Na verdade, eu nunca estive na

África, mas posso imaginar a viagem até o terrível lá, a necessidade de entender a curva do sino e o armamento envolvido na morte de um grande jogo. Nada disso lhes interessa nem um pouco, e esse é o ponto.

Minhas mentiras fluem tão facilmente quanto as bebidas. É uma história perfeita, e a decepção sempre oferece uma corrida agradável. Minha calcinha estaria molhada, se eu estivesse usando alguma.

"É um prazer conhecê-la", Richard me diz, sua voz mais baixa do que antes. "Você se parece com alguém que eu conhecia."

"Sim", sua companheira ronrona. "Nós amamos seus olhos e esse vestido - e meu Deus, Richard, você viu aqueles saltos?"

Ele viu. Eu sei, porque não só não poupou nenhuma despesa, como também me posicionei. Rindo da mulher, imagino a amiga dela movendo suas mãos habilmente e possessivamente sobre o meu corpo. Sem dúvida, meus pensamentos estão refletidos nos meus olhos. Ele não é meu tipo, mas ajuda a manter os sentimentos reais, e manter os sentimentos reais, ajuda a ir para lá. Imaginação é tudo.

É óbvio na maneira como ele olha de volta para mim. Ele me vê, posso dizer, como algo a possuir, um bom colecionável para

colocar em uma prateleira e admirar quando lhe convém. Ele acredita que está no controle. A maioria dos homens acredita.

Desvio o olhar, o rubor do meu rosto evidente.

"Isso é tão difícil de imaginar?" Janine pergunta. "Que achamos você deslumbrante?"

"Não", eu respondo, um pouco severamente. "Não é."

Ela parece surpresa. Não é a primeira vez que ela registra algo que pode estar errado. Mas ela não tem certeza e não quer decepcionar o companheiro, então, quando começa a falar, pensa melhor, pressionando os lábios. Eles são familiares, de certa maneira. Eu me imagino estendendo a mão e passando o dedo sobre eles, por mais falsos que sejam. Suponho que não importa, se têm o mesmo gosto. Há uma parte de mim que quer desesperadamente descobrir.

Meu telefone toca. Pescando da minha embreagem, eu a vejo instantaneamente. O texto de uma palavra: BOUNCE.

Pedindo desculpas aos meus novos amigos, digo a eles que entendi errado o local da reunião e, sem outra palavra, estou em um carro da cidade com destino ao aeroporto.

CAPÍTULO SEIS

Charlotte

O carro da cidade entra e sai do trânsito na hora do rush. Meu telefone calcula que o trajeto de volta ao aeroporto levará vinte minutos, mas olhando pela janela, não tenho tanta certeza. Eu deveria sentir alívio pelo atraso, mas não sinto. Eu não sinto nada.

Minha testa cai contra o vidro frio enquanto eu arrumo as peças do quebra-cabeça em minha mente. Há inúmeras perguntas que podem ser feitas, respostas que sempre podem ser encontradas.

Não sei por que Henry me seguiu; Só sei que o passado nunca acaba conosco.

Ele me ensinou isso. Quando Sophie era bebê, e muito antes de Hayley ter sido lembrada. Quando me opus à ideia de que eu seria boa nesse show. Você deve estar brincando, eu disse a ele. Parece tão clichê. Como uma piada.

Eu ri dele, mesmo quando eles levaram o italiano para fora do avião em uma sacola. Principalmente porque uma parte de

mim pensou que era uma piada. Parecia que eu tinha ganhado um papel de protagonista em um programa de TV em que a qualquer momento alguém pulava e gritava pegadinha! Mas então eu percebi, quem faria uma coisa dessas? Eu não tenho nenhum amigo, ou pelo menos não tinha na época, e o senso de humor de Michael é muito seco para fazer esse tipo de brincadeira, nem ele se importa com assuntos tão triviais.

"Não precisamos conversar com a polícia?", Perguntei. "Escrever um relatório?"

Dessa vez, foi a vez de Henry rir. “Por que nós? Não há registro de que ele tenha estado neste avião.”

"Eu vejo."

"Eu tenho observado você", Henry disse com convicção. Foi a primeira vez que considerei que ele poderia estar falando sério.

"Você me conhece há apenas algumas semanas."

"Isto é o que você pensa."

"O que isso significa?" *Quem é você?*

"Você esteve no nosso radar."

“Você vai ter que falar inglês. Porque eu não entendo.”

"Fazemos questão de procurar pessoas como você."

"Você tem uma queda por mães novas?" Eu disse irreverentemente, me arrependendo instantaneamente. Foi a primeira vez desde o nascimento de Sophie, talvez nunca, que tive a sensação de como seria ter que querer proteger alguém.

"Isso é lamentável, a criança", Henry respondeu solenemente. "Mas também aproveite."

Ele estava certo. Eu entendi então. Ele sabia mais do que eu pensava.

"Você e eu", disse ele, apontando entre nós. “Viemos de origens muito diferentes, eu sei. Mas os denominadores comuns são atentos à observação da natureza humana e à convicção de que a justiça raramente é servida de uma maneira que faça a diferença para os que são prejudicados.”

"Oh, bom", comentei. "Um filósofo."

"Chame do que você quiser. Foi o que aprendi observando você.”

"As observações podem estar erradas."

"Talvez. Mas reconheço o seu olhar. E eu sei o que isso significa.”

"O que é isso?"

"Bem vamos ver. Idade vinte e um. Casada. Uma criança. Proprietário. Dívida média - pelo menos para os padrões americanos. Marido desempregado. Marginalmente desesperada."

"Qualquer leitor de palmeiras de esquina que se preze poderia ter conseguido isso".

Seus olhos se voltaram para baixo. "Sua mãe teve você cedo. Você odeia pessoas fracas. Seu pai era policial. E você compartilha sua propensão por ver a justiça servida."

"Justiça..." eu disse, pensando que ele não tinha ideia do que estava falando. "Isso é interessante. Justiça para quem?"

Henry riu conscientemente. "Sem pressa. Nós vamos chegar a isso."

"Eu tenho certeza disso." Sentei-me em um assento no corredor.

"De qualquer forma, o ponto é", disse ele, sentando-se ao lado do meu. "Você tem talento. Você pode atirar. E você passou doze anos em artes marciais."

"Mais como cuidados pós-escolares."

"Você realmente não deve subestimar suas habilidades, Charlotte. Isso vai contra o seu diagnóstico."

"Eu não tenho um diagnóstico."

"Talvez não", ele respondeu, com a voz baixa. Ele olhou pela janela, seus olhos focados na pista. “Mas você já matou antes. De fato, você matou seu namorado da faculdade há alguns anos atrás, embora essa não tenha sido a última vez, não foi?” Antes que eu pudesse responder, ele olhou para mim. "E a coisa mais notável é que você não foi pega."

Meu pulso acelerou. Talvez fossem nervos. Talvez parecesse bom que alguém soubesse.

"Diga-me", disse ele. "O que você sentiu quando fez isso?"

Eu o encarei por um longo tempo.

Eventualmente, sua expressão se suavizou. "Hipoteticamente falando, é claro?"

"Suponho que na época me senti satisfeita."

"E agora?"

"Agora nada."

Henry sorriu. Algo que eu não tinha visto dele, não antes e não desde então. Eu quase sorri também. Apenas dizer as palavras trouxe grande prazer. Como uma libertação, não apenas uma libertação. Como uma pressão, aperto, havia subitamente se aberto.”

Os olhos dele brilharam. "O mundo precisa de mais pessoas como você."

"Eu não sei sobre isso", eu disse a ele. Ninguém nunca disse nada assim para mim, eu percebi.

"Você não sabe o que não sabe, Charlotte."

"Claramente."

“Homens e mulheres - pessoas como nós, que são diferentes, que não têm consciência, que possuem a falta da capacidade de sentir culpa - é um grande equalizador neste planeta. Uma necessidade, honestamente.”

"O que você quer de mim?"

Balançando a cenoura proverbial na minha cabeça, ele continuou explicando que sabia o que eu tinha feito e estava preparado para me destruir com seu conhecimento, essencialmente levando minha família comigo, me separando da minha filha, assim como minha mãe fora levada embora. Então aconteceu uma coisa engraçada. Fiquei surpresa ao descobrir que não o odiava por isso. Era como se minha vida inteira finalmente fizesse sentido, como se tudo tivesse me levado a esse momento.

CAPÍTULO SETE

Charlotte

Na primeira vez que matei um homem, eu tinha dezenove anos e estava no segundo ano da faculdade. Henry estava errado ao supor que ele era meu namorado da faculdade, mas ele era próximo. Dormimos juntos.

O nome dele era Brad e ele era o namorado da minha colega de quarto. Gostei bastante dele. Não o suficiente para um segundo encontro, mas o suficiente para que, se ele tivesse amigos, e ele estivesse na mistura, eu compartilharia uma bebida ou duas com eles.

Quando ela perguntou se eu me importava que namorasse com ele, eu menti e disse a ela que meio que sim. Não porque eu me importei. Mas porque ele não era o tipo dela.

Megan era doce e cheia de vida. Brad era sádico e nutria um ódio secreto por mulheres que, como a maioria dos sociopatas, ele conseguiu avançar muito fundo. Em outras palavras, eles eram perfeitos um para o outro.

Megan era presa fácil para um monstro como ele.

Brad foi um desastre perfeito para ela e sua idílica visão de mundo.

Uma noite, logo após o início do segundo semestre, isso ficou mais evidente quando Megan me ligou da casa da fraternidade de Brad pedindo uma carona. Eu estava ocupada estudando e não estava particularmente com disposição para uma missão de resgate. Não era como se eu não a tivesse avisado.

Todos na festa estavam bem além do limite legal. Ela disse que eu era sua única esperança. Estava frio e ela não queria andar. Mencionei que meu carro não tinha aquecimento e sugeri um táxi, mas ela começou a chorar e disse que havia coberto a conta de energia elétrica no mês anterior, quando meu trabalho de garçonete era lento.

Eu estava entre uma pedra e um lugar duro, e só desceu a ladeira a partir daí. O resto estava bêbada, e eu não conseguia entender exatamente o que ela estava dizendo, exceto que ela e Brad haviam brigado.

Quando cheguei, Megan não estava esperando no meio-fio como ela havia prometido. Cinco minutos se tornaram quinze. Um quarto de hora sangrou em meia hora. Eu não tinha calor no meu carro, nem gasolina suficiente para manter o motor ligado, então fui forçada a deixá-la e correr o risco de receber outra ligação ou ir atrás dela.

Eu deveria ter percebido que a noite não ia acabar bem. Talvez eu estivesse entediada, ou sozinha, ou talvez estivesse chateada e procurando um desafio. Talvez fosse todas essas coisas.

Mas eu saí do carro. Então eu fiquei. Acabei encontrando Megan conversando com um grupo de garotas que eu não conhecia. Nunca fui de conversa fiada ou superficialidade e não estava na escola para fazer amigos. Ela me disse que levaria apenas um minuto. Eu deveria ter saído então. A mesma culpa que deveria ter me levado para casa, em vez disso me levou ao barril.

Meu pai estava pegando turnos extras para cobrir minhas despesas de moradia e aulas, à luz da lua em concertos e eventos esportivos, aguentando o tipo exato de multidão bêbada com a qual agora eu estava me misturando.

Eu deveria estar de volta ao meu dormitório estudando, tentando me formar cedo, tentando economizar algum dinheiro para o meu pai. Mas eu não estava.

"Com licença", disse uma voz grossa atrás de mim. "Eu não consigo passar."

Quando me virei, o que eles dizem que aconteceu, aconteceu. No fundo da boca do meu estômago, algo tomou conta

e se recusou a deixar ir. Ele não parecia um estudante, mas até então eu tinha tomado várias bebidas e não bebia muito.

Afastei-me para deixá-lo passar.

“Nós já nos conhecemos?” Ele perguntou.

Balancei minha cabeça e tentei não olhá-lo nos olhos. Eu não estava lá para conhecer ninguém, e ele parecia exatamente o tipo de problema que eu estava tentando evitar. Parecia que haveria três filhos e uma minivan no meu futuro.

"Você tem certeza?"

Dei de ombros.

"Você é amiga da Erin?"

Bebendo minha cerveja, saí do corredor estreito e entrei na sala de estar, pensando que poderia me sufocar. Quando cheguei ao sofá, que estava coberto de bêbados felizes, ele me encontrou ombro a ombro.

"Erin, você a viu?"

Eu não tinha ideia de quem ele estava falando. Fiz um gesto em direção à escada e olhei para o segundo andar. "Talvez checar lá em cima?"

"Eu chequei", disse ele, claramente irritado. "Duas vezes."

Analisando a sala, procurei uma saída. "Desculpe, acabei de chegar aqui."

Ele passou os dedos pelos cabelos. “Ela me chamou para dar uma volta, mas eu não consigo encontrá-la em lugar nenhum… Eu posso nem estar na casa certa, pelo amor de Deus. Ela está bêbada e a música estava alta. Acho que peguei o endereço errado.” Ele olhou para a bebida na minha mão. "Pode ser qualquer casa nesta rua."

"Boa sorte." Comecei a me afastar. "Eu preciso encontrar minha amiga."

"Irmãs", ele disse com um escárnio, seguindo logo atrás. "Você tem uma?"

"Não."

Ele estendeu a mão. "Eu sou Michael, a propósito."

Eu perguntei se ele queria me dar um tiro. Eu não estava com disposição para conversar. Algo nos dedos dele me fez perceber que eu só queria foder.

"Vai me dar seu nome?"

"Talvez."

"Então talvez eu queira."

Peguei sua mão e o conduzi em direção à cozinha, onde as balas de gelatina estavam alinhadas no balcão. Observando a propagação, ele disse: "Acho que estou um pouco velho demais para isso".

Entreguei a ele um pequeno copo de plástico e peguei um para mim. “Minha avó come gelatina. Ela é velha demais?”

Ele sorriu e depois engoliu como uma ostra na meia concha. Eu observei o modo como sua garganta se moveu quando ele engoliu em seco e senti um calafrio na espinha. Depois coloquei o plástico nos lábios e segui o exemplo. "Olivia", eu disse após a terceira rodada.

"Olivia", ele repetiu, surpreso ou desconfiado, ou ambos. Ele se inclinou para frente e pressionou o polegar no meu lábio. Quando ele o afastou, o levantou. Um pouco de gelatina estava preso na ponta. Ele colocou na boca e chupou a ponta. "Você quer sair daqui?" Ele perguntou olhando pela cozinha. Ele se inclinou e abaixou a voz, embora a música estivesse alta. O jeito que ele cheirava me deixou fraca nos joelhos. Eu calculei mentalmente quanto tempo tinha passado desde que eu tinha transado. "Sinto muito", acrescentou. "Esta não é exatamente a minha cena."

Peguei um punhado de balas de gelatina, com a tampa convenientemente, e as enfiei no bolso do meu casaco. Com

apenas um leve aceno de cabeça, ele apontou para a porta. "E a sua irmã?"

Ele sorriu. "Eu não tenho uma irmã", disse ele, e acho que me apaixonei um pouco.

O carro dele não era um barulho como o meu. Quando ele abriu a porta para mim, pensei em quão baixo o bar havia sido colocado para os outros homens da minha vida e como eu precisava mantê-lo assim. Depois que ele se sentou no banco do motorista, ele se virou para mim e levantou a sobrancelha. "Para onde?"

Eu pressionei meus lábios um no outro e dei a ele a satisfação de fingir pensar sobre isso. "Seu lugar?"

O apartamento dele não era como o de outros meninos. Não havia pôsteres na parede ou cachimbos espalhados pela mesa. Não cheirava a restos de comida. Talvez fosse porque ele era mais velho, mas tive a sensação de que ele era diferente. Eu estava preocupada que ele não quisesse transar.

Mas então ele colocou um disco, Nat King Cole, algo que eu nunca tinha ouvido antes. Eu não acho que alguém da nossa geração tenha, e contei isso a ele. Ele riu, com a cabeça cheia para trás, uma espécie de risada gutural. "Isso meio que cresce em você."

Faz isso agora? Eu sorri, mas não me lembro de conversar muito naquela noite. Ele fez o suficiente por nós dois. Ele me pediu para dançar e me contou piadas esfarrapadas. Ele me disse o que fazia da vida e sobre onde ele cresceu. Mais tarde, depois que finalmente transamos, enquanto ele dormia, sussurrou que eu deveria ter cuidado. Eu era o tipo de pessoa pela qual ele poderia se apaixonar facilmente.

Mesmo que o sexo fosse realmente muito bom, apesar de um leve toque de baunilha, eu sabia que seria a última vez que o veria.

Eu fiquei lá olhando para o teto, me perguntando quanto tempo eu teria que esperar antes de acordá-lo do sono para pedir uma carona para casa. Finalmente, meu pager disparou. Era Megan, e lia 9-1-1, seguido pelo endereço da casa da fraternidade. Eu decidi que uma pausa limpa seria mais fácil. Seria melhor assim. Nenhuma explicação embaraçosa, promessas tímidas de nos vermos novamente. Silenciosamente, saí da cama, me vesti e andei os cinco quilômetros necessários para voltar à fraternidade.

Já passava das 3 horas da manhã quando cheguei. A festa ainda estava em pleno andamento, embora a multidão fosse um pouco mais magra, um pouco mais moderada. Encontrei Megan no banheiro com o nariz ensanguentado e o olho roxo, nua da cintura para baixo, semiconsciente.

"Megan..." Eu a balancei com força. "Que porra é essa?"

Ela murmurou meu nome. Talvez ela tenha dito *por que você foi embora?* Talvez ela tenha me implorado para ficar. Suas palavras eram confusas e pouco claras. Quando a envolvi em uma toalha, notei o sangue manchado entre suas coxas.

"Megan", eu sibilei, procurando suas roupas, algo para cobri-la. "Megan - quem fez isso?"

Ela murmurou inaudivelmente.

Tirei minha jaqueta e cobri as pernas dela. Comecei a amarrá-la na cintura dela." Onde estão suas calças? Brad fez isso?"

"Tivemos uma briga", ela arrastou. "Eu te disse."

Não matei Bradley Simmons naquela noite. Eu gostaria de ter matado. Ele estuprou e bateu em Megan mais duas vezes. Cada vez que ela prometia, jurava, que terminaria as coisas. Cada vez que ela não o fez.

Após a terceira vez, a última vez, a vez que ele quebrou o braço dela, eu tive certeza de estar presente na próxima festa da fraternidade. Eu me certifiquei de que ele bebesse mais do que o normal e que Megan também. Ela deveria saber, os dois deveriam saber, que álcool e analgésicos não se misturam.

Depois que Brad desmaiou, eu a levei para casa e a coloquei em segurança na cama. Então voltei para a casa da fraternidade, entrei pela porta dos fundos e o encontrei em seu quarto. Deslizei minhas mãos ao redor de sua garganta, sentindo o peso de sua cabeça em minhas mãos, com o esforço que seu pescoço a sustentava. Eu pensei em tirá-lo. Como um galho. Eu me imaginei, sufocando a vida dele, assim como ele estava fazendo com Megan.

Mas eu sabia que isso era arriscado.

Eu sabia que deixaria uma marca. Evidência. Então, em vez disso, coloquei um travesseiro sobre o rosto dele e me sentei, apoiando-me na totalidade do meu ser. Ele lutou, mas só um pouco. A música era alta, a batida batendo no ritmo de seu movimento. Era pura arte, o dar e receber entre nós, uma dança maravilhosa quando o mundo inteiro parou. Era uma pena que ele não conseguiu aguentar a música inteira.

CAPÍTULO OITO

Charlotte

"Me desculpe” - eu disse ao meu pai. "Eu não tenho escolha." Eu tinha acabado de completar vinte anos e era, em essência, uma adulta completa. Mas naquele momento, parado na frente de sua poltrona, eu nunca me senti mais como uma criança. Uma garota que, em quatro curtos meses, teria uma própria.

"Nós sempre temos uma escolha."

Balançando a cabeça lentamente, desviei o olhar, esperando que isso pudesse impedir meu queixo de tremer. "É tarde demais para fazer um aborto."

Meu pai não respondeu. Quando olhei para ele, não me olhou nos olhos.

“Ele mudou de ideia. Ele não vai deixar a esposa.”

"Eu tentei te dizer Char... eles nunca fazem."

"Desculpe", eu disse novamente, e era a verdade. Eu odiava desapontá-lo. Ultimamente, eu andava em um rolo, e esse, embora

certamente o maior, era apenas mais um em uma longa sucessão de decepções.

"Primeiro o incidente na escola", disse ele, lendo minha mente, "e agora isso."

"Eu não estava aprendendo nada que ainda não sabia."

"Claramente", ele respondeu, amargamente. Meu pai havia economizado cada centavo que podia, um pai solteiro, com o salário de um policial, para me enviar para a faculdade e no semestre anterior, depois do incidente com Brad, eu desisti. Meu pai me lembrava seu sacrifício com frequência.

Eu tinha planejado terminar a escola. Achei a coisa toda tão perturbadora, tão madura com possibilidades. A verdade é que nunca me senti mais inteira e completa do que depois que matei Bradley Simmons. Nada, nem mesmo sexo, me trouxe tanta satisfação. Isso durou dias, o alto, a plenitude disso. Mesmo quando Megan chorava dia após dia, mesmo abraçando a mãe de Brad em seu funeral, jogando terra no caixão, eu nunca me senti mais viva. Repeti o ato várias vezes por dias. Demorou cerca de duas semanas para a alta desaparecer.

Quando isso aconteceu, eu sabia que tinha que encontrar esse sentimento novamente.

Eu apenas tive que escolher minha próxima vítima. Mas o que poderia me fazer sentir algo tão forte quanto Bradley fez? Eu ainda não sabia.

E então, depois das bebidas com Megan semanas depois, deixei escapar alguma coisa. Eu disse a ela que estava feliz por ele estar morto. Fiquei feliz por ele não poder mais machucá-la. Talvez tenha sido do jeito que eu disse, mas algo para ela pareceu clicar. "Você me drogou", disse ela, sua voz afiada com cautela. "Naquela noite. A noite em que Brad morreu."

Eu não neguei. Eu simplesmente coloquei meu canivete na garganta dela e pedi para ela escrever uma nota. Megan foi encontrada pendurada no batente da porta no dia seguinte. Ela ficou tão perturbada após a morte do namorado. Ninguém parecia tão surpreso.

Depois disso, fiquei entediada com a escola. Decidi que tinha que sair daquela cidade onde nada aconteceu. Eu precisava ver o mundo. Candidatei-me a um emprego de comissária de bordo e fiquei chocada quando três semanas depois recebi a ligação.

"Vou voltar a ser garçonete", disse ao meu pai. "Mas depois... eu pretendo voar novamente."

"As coisas nunca funcionam da maneira que você pensa, Charlotte."

Eu sabia o que ele quis dizer. Ou pelo menos eu pensei que sim. Eu não estava voando por muito tempo, apenas cerca de três meses, quando conheci Dan, um capitão de uma tripulação com quem voava regularmente.

Foi o primeiro emprego que não odiei. Ajudou no fato do meu pai ter largado do meu pé e fazer algo de que ele podia se orgulhar - não orgulhoso da faculdade, mas orgulhoso, no entanto. Então eu conheci Dan. E então, assim como na escola, tudo mudou.

O que começou como um caso de uma noite rapidamente se transformou em uma aventura e depois em uma gravidez indesejada e inesperada.

Eu poderia ser jovem, mas não era idiota. Eu sabia que Dan não queria outro filho. Seus próprios filhos estavam quase crescidos, não muito longe da minha idade. Então eu disse a ele para não se preocupar e marquei o aborto para uma terça-feira aleatória em um dia ensolarado em maio.

Eu apareci para minha consulta e fiquei surpresa ao descobrir que a clínica estava isolada. Carros e ambulâncias da polícia alinharam o quarteirão. Do outro lado da rua, uma voz familiar chamou meu nome. Era do meu pai. Ele perguntou o que eu estava fazendo lá.

Procurando por você, eu disse. Algo que nós dois sabíamos era mentira.

Você não deveria estar aqui, ele me disse. Apenas uma hora antes, explicou, um pistoleiro entrou na clínica e atirou e matou onze pessoas.

Quando liguei para Dan para contar, ele me disse que tudo bem. Pensaríamos em algo. Nas próximas semanas, não consegui marcar outra consulta. Eu realmente não queria ter que enfrentar meu pai. Mais do que tudo, eu provavelmente estava com medo.

Eventualmente, Dan me prometeu que contaria à esposa. Ele disse que ela o deixaria, ou vice-versa, que estaríamos juntos, que tudo ficaria bem. Mas é claro que era tudo mentira. Ele era amigável o suficiente quando eu disse a ele que não poderia continuar com o aborto, mas como as semanas se passaram e a barriga começou aparecer, ele começou a se distanciar.

"Eu não vou incomodá-lo com nada disso", prometi ao meu pai. "Eu só preciso saber que tenho um lugar para ficar até ela nascer."

Seus olhos encontraram os meus. “Esta é a sua casa. Você sabe disso."

Olhando para o meu pai em seu La-Z-Boy, eu me senti exatamente como quando criança, quando fiz uma bagunça,

quebrou alguma coisa, ou disse a coisa errada, ou assisti a TV com o volume muito alto. Naqueles dias, antes de partir para o bem, minha mãe se enfurecia, gritava e batia a porta da frente, deixando meu pai e eu sozinhos. Ele me chamava, me colocava no colo e contava uma de suas histórias policiais. Um dos bons, com finais felizes. Depois, ele alisava meu cabelo e dizia: "Vá limpar seu quarto" ou "Quando ela voltar, peça desculpas" e, na maioria das vezes, "Apenas arrume".

Mas desta vez ele não me chamou no colo e não alisou meu cabelo. Ele não me disse para consertar. Ele se sentou e olhou para a TV sem som, com os olhos fixos e o queixo fixo.

"Desculpe", eu disse novamente, e brevemente, o que não acontecia com frequência, eu desejava que minha mãe estivesse lá. Eu daria qualquer coisa por gritar e bater portas por causa do silêncio ensurdecedor.

"Não acredito que você daria seu próprio filho", disse ele, e depois ligou a TV o mais alto que pôde.

CAPÍTULO NOVE

Charlotte

"O que você estava pensando?" Henry exige saber no segundo em que piso no avião. Eu tenho que dar crédito onde é devido - Henry faz perguntas muito boas.

A reunião em Estero foi arriscada. Janine e Richard não eram a minha razão de estar na Flórida. Eu considerei o risco. Eu sabia que havia a chance de arruinar as coisas antes que elas decolassem. Eu sabia tudo isso antes de aterrissarmos. Só não achei que isso fosse provável. Além disso, eu estava pensando em outras coisas.

Eu estava pensando em minha aparência, imaginando se seria o suficiente para atraí-lo. Eu estava pensando em como lidar com isso se conseguisse, entendendo que tinha que ter cuidado.

Eu estava pensando na consequência se não estivesse.

Parece muito para explicar, então, quando Henry repete a pergunta novamente, eu simplesmente digo: "Não sei o que você quer dizer".

O rosto de Henry escurece, tão rapidamente quanto uma nuvem se movendo na frente do sol. "Seu encontro do almoço."

"Não é o que eu chamaria de encontro."

"Sim... bem..." Ele acena com a cabeça para o meu vestido. "Eu peço desculpa, mas não concordo."

Eu sorrio. Eu não posso me ajudar. "Você gosta?" Eu pergunto, fazendo uma pose. Eu sabia que ele faria. "É Zuhair Mur-"

"Ele estava de olho nele, Liv."

"Eu sei." Virando-me, dou uma sacudida irritável no compartimento de bagagem. Mentiras requerem barulho e desvio de direção. O silêncio é a melhor maneira de atrair a verdade à superfície, e é por isso que deixo assim.

"Se você soubesse... então o que diabos você estava fazendo?"

Eu me viro e sorrio. "Me divertindo."

"Meu Deus, eu não sei o que diabos devo dizer sobre isso."

Eu também não sei. Eu poderia dizer a ele que não deveria ter me seguido, mas nós dois sabemos que isso não importa, e de qualquer maneira, este não é o ponto que ele está tentando fazer.

"Não eram os detalhes de segurança dele", ele me diz com um suspiro. "E não era um de nós."

"Então, quem foi?", Pergunto, porque, mesmo que o sapato não caiba, Henry quer que você se encolha.

Seus olhos se fecham lentamente antes de abrir novamente. Quando o fazem, eles me prendem no lugar. É como se ele estivesse olhando diretamente através de mim. Finalmente, ele balança a cabeça. "Essa", diz ele com um lampejo de dentes sem alegria, "é a pergunta de um milhão de dólares".

Começo a falar, a dizer alguma coisa, a dizer qualquer coisa - para provar que isso não é tão importante quanto ele está fazendo. Mas antes que eu possa formar as palavras, ele dá um passo à frente e agarra meu pulso, e algo em seus olhos me para. Que algo, seja o que for, me lembra o italiano com o relógio. Isso me leva de volta à primeira matança, lembrando-me com que facilidade os acidentes podem acontecer. Tudo está refletido lá agora, um aviso ou uma premonição, não tenho certeza. “É perigoso ir cavando no passado, Liv. Você sabe disso."

Quando não ofereço a refutação que ele espera, Henry levanta meu pulso e faz um gesto para eu achatar minha palma. Ele bate o telefone nele. "Geoffrey Dunsmore", ele assente. "Você deve se lembrar - a razão pela qual voamos para Fort Lauderdale."

Meus olhos mudam dos de Henry para a tela. Nosso passageiro, que está atrasado inconvenientemente, olha para mim.

Eu olho os olhos próximos, o nariz grande e o sorriso para trás. Então olho para Henry. "Não sou tão boa em esquecer quanto você imagina."

É um ramo de oliveira, a foto. “Ele tem bastante história colorida.” A expressão e o tom de Henry me dizem que ele está disposto a esquecer minha pequena excursão, pelo menos por enquanto. Eles me dizem que ele se acalmou, que ele quer se concentrar no trabalho em questão. Henry é um profissional, em primeiro lugar. Mas é mais do que isso, eu percebo. Ele detesta homens como Geoffrey Dunsmore.

"O sucesso", eu digo. "Quem contratou?"

Henry evita minha pergunta inclinando-se e esfregando uma mancha na janela, o que só piora as coisas.

A verdade é que não importa. Estou ciente da história de Dunsmore. Eu li o arquivo dele. Duas vezes. Pornografia infantil, estupro estatutário e dinheiro familiar suficiente para fazer essas coisas desaparecerem.

Ainda assim, isso não apaga minha curiosidade.

Quando Henry - que agora se dedica a limpar adequadamente todas as janelas, indo de uma linha a outra - finalmente olha para cima, a decepção se espalha pelo seu rosto. "Você sabe que não deve perguntar isso."

Minhas sobrancelhas se erguem. "Aparentemente não."

"Mesmo que eu soubesse, você sabe que não posso dizer."

"Só quero saber até onde estou autorizada a levar as coisas."

"O que isso importa?"

"Eu aposto que isso importa muito para as vítimas e suas famílias."

"Chega de perguntas." Ele olha o relógio e depois olha para mim. “Você está machucada. Você precisa ter cuidado, Liv. As coisas poderiam ter ido muito mal hoje. Elas ainda podem.”

"Eu estava... estou bem."

"A noite passada deve ter sido difícil."

"Não... por que você diria isso?"

"Você está mancando."

"Eu não estou."

Henry suspira pesadamente. "A partir de agora, apenas cumpra o plano, está bem?"

O plano é simples: o trabalho de Henry é colocar um pouco de Rohypnol no uísque de Dunsmore antes da decolagem. Quando atingirmos a altitude de cruzeiro, deslizarei minhas mãos enluvadas em torno de seu pescoço bastante grande e apertarei até que seus olhos estourem, até que o sangue de morder sua língua rasteje para fora do lado de sua boca, até que a vida drene de seus ossos. É assim que Henry imagina. E eu também, até certo ponto. Claro, não é isso que realmente acontece.

CAPÍTULO DEZ

Charlotte

Uma coisa que vocês precisam saber sobre psicopatas, eles são incrivelmente perceptivos. É evidente na expressão de Geoffrey Dunsmore quando ele nos apresenta sua sobrinha. "Esta é Clara", ele oferece com um olhar vago.

Ele olha para mim. Sua expressão fica curiosa, e ele está obviamente esperando uma resposta. Quando se trata de um sorriso tenso, ele muda sua atenção para a garota. Outra coisa sobre os psicopatas: eles são como animais selvagens; é importante se manter. É uma questão de vida e morte. E mesmo assim, às vezes eles vencem. Um pensamento que nunca está muito longe da minha mente.

Embora tenhamos nos encontrado uma vez, anos atrás, Geoffrey Dunsmore não parece me reconhecer. Mas então, eu não me posicionei da maneira que ele faria. Enquanto Henry estava ocupado emburrado e esfregando as janelas, eu estava trabalhando em uma transformação de outro tipo. Tirei a peruca e os óculos e troquei as lentes de contatos verdes que eu usava para almoçar em favor dos marrons escuros. Por uma boa medida,

acrescentei óculos de armação grossa, mudei o cabelo para um toque francês e vesti o uniforme.

"Prazer em conhecê-la, Clara", diz Henry, conduzindo a garota em direção a um assento. Isso me dá o tempo que eu realmente preciso para vê-la. Seu cabelo está despenteado. Não está sujo, mas também não é exatamente limpo. Suas roupas estão mal ajustadas. Seus olhos revelam um medo que está contido.

Ela oferece a Henry um aceno de cabeça que é quase imperceptível.

Coloco-a tendo catorze anos - mais velha que Hayley, mais nova que Sophie. É difícil dizer, especialmente nos dias de hoje, e perguntar seria correr o tipo de risco que não posso me permitir.

Henry olha por cima do ombro em minha direção. Vejo instantaneamente o que ele quer transmitir: um aviso. Nosso plano não havia sido explicado a garota. Não deveria ser uma surpresa que Geoffrey Dunsmore tenha trazido um convidado, mas é.

"Posso pegar algo para você beber?" Eu pergunto, minha voz um pouco ofegante, um pouco estridente, a mãe em mim vindo alta e clara. Nada disso passa despercebido por Henry. Seu aborrecimento está escrito em todo o seu rosto. "Está com fome?"

Os olhos da garota voam para Geoffrey Dunsmore.

"Ela vai querer água", ele responde. "Acabamos de chegar de um almoço tardio."

Sentando-se, ele oferece uma risada inchada. "Vou tomar um uísque com gelo."

Enquanto preparo as bebidas, Henry fica no meu ombro, alternando entre me encarar e espiar dentro da cabine. "Não podemos correr o risco, Charlotte."

Eu olho para ele de lado. Henry nunca me chama pelo meu nome verdadeiro. Os comissários de bordo devem ser como strippers, ele disse uma vez, desde o início. Você faz um papel. O resto, ninguém precisa saber. Mais tarde, depois de aceitar oficialmente o papel que ele ofereceu, entendi o que ele quis dizer. A essa altura, eu percebi que era parte disso. Ele estava me aquecendo o tempo todo. Me transformando no que ele queria que eu fosse. Henry tem uma maneira de fazer isso, que é sem precedentes. Mas aí já era tarde demais. Eu já havia me tornado outra pessoa. Codinome: Olivia.

"Ela é apenas uma garota", eu digo. "Eu dificilmente a chamaria de risco."

É uma mentira, e sai soando como uma. Henry cruza os braços sobre o peito. "Sem testemunhas - você sabe disso."

"Eu não vou deixá-lo sair deste avião com ela."

Ele olha para mim, horrorizado. "Então teremos que matar os dois."

Eu forço um sorriso de desculpas. "Não."

"Ela vai morrer de qualquer maneira."

"Eu não estou matando a garota", eu digo. "E você também não está."

"Como você quer jogar?"

“Ela não é sobrinha dele. Você sabe disso. E eu sei disso.”

"Nós todos sabemos isso. E daí? Isso não muda nada. Ela é uma testemunha na melhor das hipóteses, uma responsabilidade na pior.”

"Eu não..."

"Você o pega", ele brinca. "Eu vou lidar com ela."

Minhas mãos começam a suar. Eu penso sobre isso e depois balanço minha cabeça.

O capitão aparece e a maldade de Henry desaparece. Depois que ele sai, Henry muda de marcha e, tentando oferecer algo gentil, ele se inclina, seus olhos irradiando simpatia. “Sinto muito, Liv. Nós não temos escolha.”

Colocando as bebidas em uma bandeja, manobro ao redor dele antes de me virar brevemente. Pensando em meu pai, digo: "Sempre temos uma escolha".

CAPÍTULO ONZE

Charlotte

Chegamos cedo o suficiente para que eu esteja em casa a tempo da comida que Michael pediu para o jantar. Passamos um bom tempo hoje, mesmo considerando o tempo que levou para tirar Henry do avião e deitar em segurança na cama. Rohypnol é uma droga poderosa. Ainda bem que eu apenas coloquei uma fração da dose necessária em seu café.

Algo, sem dúvida, que vou ter que responder mais tarde. Algo que eu vou negar, mas ainda assim. Coloquei-o na minha lista de problemas para os quais preciso encontrar uma solução. Eu confio em Henry. Mas não o suficiente para apostar minha vida nisso. Existem limites, mesmo para mim, quando se trata de quebrar as regras.

Em minha defesa, eu não estava pensando claramente na época. Eu não estava apenas cansada, mas não tinha todos os fatos. Henry verá isso como fraqueza, assim como os superiores, mesmo que isso não seja o que era.

Não me apaixonei pelo trabalho extra que uma dupla morte exige. Quando percebi que não estaríamos transportando um, mas dois passageiros, eu já havia dispensado Henry. A última coisa que eu queria era ter que discutir sobre o que aconteceu em Estero durante todo o voo de volta para casa.

Espaços fechados e tudo mais, estávamos em uma cápsula de metal arremessando pelo ar. Realmente não há para onde ir.

Felizmente, Henry não deve se lembrar de muitos detalhes. A memória dele estará enevoada, e eu ajudarei a preencher os pontos. Além disso, descobri onde Dunsmore está hospedado. Plano B - saber que vou fazer uma excursão noturna ajuda a melhorar o meu humor, mesmo que ligeiramente.

Dessa forma, posso tirar Henry e a agência do meu caso. Quando tudo estiver dito e feito, vou cuidar de Dunsmore e poupar a vida da garota.

Eu reproduzo a cena em minha mente, com comida tailandesa, que eu escolho, mas não como. Olhar para minhas próprias filhas é perturbador. Estou pensando no que aquela garota está passando quando Hayley exclama que ela deveria levar brownies para a aula de Ecologia amanhã.

Posso estar preocupada, mas não o suficiente para perder o quão contra-intuitivo isso parece. Michael comenta, dizendo o

mesmo. Quando ela afirma que é para um teste de sabor, para ver quem pode dizer quais brownies são comprados e quais são caseiros, sei sem dúvida que é uma besteira completa e absoluta.

"Vou levá-la para a loja", Michael oferece, sentindo minha agitação. "Mas você está ajudando com o cozimento - caso contrário, eu posso garantir os resultados desse teste de sabor."

“Eu estava planejando ir para a academia. É uma receita de caixa - eu digo. "Quão difícil poderia ser?"

Ele olha para mim por cima do seu Pad Thai. "Dia duro?"

"Só por muito tempo."

"Bem, pelo menos você tem alguns dias de folga."

Eu esfrego meus olhos, detestando silenciosamente seu otimismo injustificado. "Na verdade, eu peguei um voo amanhã."

Quando olho para cima, seu rosto diz tudo o que preciso saber, para que suas palavras não precisem.

"Sinto muito", digo a ele olhando para a minha sopa. "Eles estão desesperados, Michael."

Ele deixa cair o garfo e se afasta da mesa. "Eu conheço o sentimento."

Não me mexo para segui-lo. Espaço e tempo são forças poderosas e muitas vezes necessárias quando se trata de conseguir o que deseja. Eu sei como isso funciona. Eu sei como ele trabalha. Anos de experiência têm que contar para alguma coisa.

Eu sei exatamente o que vai acontecer depois. Ele oferecerá sua versão de um pedido de desculpas. Ele dirá algo simples. Algo como: “Eu sei que você é dedicada ao seu trabalho. Mas sentimos sua falta quando você sai.”

Vou suspirar, me aproximar dele e responder do jeito que devo, mesmo que não seja o que realmente sinto. Vou dizer a ele que também sinto falta dele.

"Você pergunta?" Ele pergunta enquanto sua mão desce pelas minhas costas, eventualmente encontrando minha bunda. Talvez ele queira sexo com piedade, talvez seja um sinal de submissão. Mas o mais provável é que seja feito dessa maneira. Ele está se afirmando, reivindicando tanto sua posição quanto eu. Eu não vou me importar. Eu mato de qualquer maneira.

"Você sabe que odeio ficar longe de você e das meninas", eu direi a ele, as mentiras pingando dos meus lábios sem esforço.

Seus dedos vão relaxar antes de se esticar novamente enquanto ele brinca com a borda da minha calcinha. Com certeza,

não vou deixar o momento desperdiçar. "Tenho certeza de que os negócios serão satisfatórios para você no ano novo e então posso reduzir."

A mão dele vai cair e ele vai me dizer que não precisamos tanto do dinheiro. Suas mentiras não virão tão facilmente.

Vou me afastar e olhá-lo nos olhos. "Eu sei", eu direi. “É só... quem sabe o que a economia vai fazer? Seu trabalho é lento e não acho que poderia aguentar mais 2008. Você poderia?”

Ele não será capaz de argumentar contra a incerteza, então provavelmente não dirá nada. "Você faz muito por nós", direi a ele, sabendo que atingi um nervo. Meu marido não aceita bem a rejeição. Nunca aceitou. Principalmente, porém, ele não gosta de ser lembrado de que precisamos da minha renda.

Vou deslizar minha mão pela camisa dele. Uma oferta de paz, tanto o gesto como a minha sugestão. "Deixe-me levar Hayley."

Ele não vai me recusar, o que é bom, porque, como se vê, tenho um pouco de conversa com minha filha. Ela não percebe que eu pesquiso dados para sobreviver, que passo meus dias decifrando códigos, lendo pessoas e, portanto, quando se trata de meus filhos, é como um passeio no parque.

Até que não seja.

Ela não é uma mentirosa boa o suficiente. Ainda.

CAPÍTULO DOZE

Charlotte

Os brownies não são para economia doméstica. Eles são para um pequeno idiota chamado Elliot Brown, que fala com minha filha e frequentemente pede que ela envie fotos de seus peitos. Eu mesmo mataria o filho da puta, mas, dado o que tenho no meu prato, seria melhor disparar um tiro de advertência do que sair do portão com força total. Algumas vitórias levam tempo.

Eu não tenho ideia do que faria minha filha se interessar por um garoto como Elliot Brown, mas sei que se esse tipo de comportamento não for cortado pela raiz imediatamente, eu vou ter uma vida inteira de sangue em minhas mãos.

Estamos no corredor dez. Estou olhando para laxantes enquanto Hayley furiosamente bate a tela dela. Nós já tivemos uma briga no corredor do brownie e atualmente não estamos falando, mas isso tornará a discussão sobre o passeio de carro em casa muito mais agradável.

Estou tentando decidir Ex-Lax ou Dulcolax quando um som alto causa um susto de salto que quase dobra meus joelhos.

É inconfundível. O som de tiros. Tiros rápidos e implacáveis.

"Abaixe-se!" Eu ordeno quando os tiros soam, tornando minha voz inútil.

Seus olhos estão arregalados, mas seus dedos socam furiosamente o telefone. Ela fica congelada. "Oh meu Deus."

"O que você está fazendo?" Sibilei, agarrando seu antebraço e forçando-a ao chão.

"Mensagens de texto para o pai."

Eu seguro seu cotovelo com força suficiente para que ela libere o telefone. Ele cai no ladrilho. Pego e enfio na minha bolsa. "Seu pai não vai te salvar", eu digo, agachando-me ao lado dela. "E nem esse telefone, porra."

Puxando meu Colt Combat da minha bolsa, digo para ela ficar abaixada.

"Mãe?" Sua boca cai e fica aberta. "Por que você tem um..."

"Não se preocupe", asseguro a ela. "Você vai ficar bem."

Varrendo a segurança com o polegar, pego Hayley pela mão e a conduzo para os fundos da loja, longe dos tiros.

É implacável e está ficando cada vez mais alto. Minha mente processa a cena rapidamente. Pólvora. Os gritos. Corpos atingindo

o concreto polido. Súplicas. Gemidos baixos. O perfume metálico de sangue fresco. Choro por ajuda. Medo. Eu registro tudo.

Conseguimos descer por vários corredores, nos aventurando em direção ao depósito e às docas de carregamento, antes que o atirador parasse para recarregar.

Estamos pairando atrás do balcão da lanchonete, a meros cinco passos da entrada da sala de estoque, quando vejo uma mulher e uma criança pequena escondidas atrás de uma tela de papelão ao lado de onde estamos agachados.

Algo sobre o garoto me lembra Sophie. É o pijama, finalmente percebo. Ela era obcecada por um par exatamente como o que ele usava quando ela tinha essa idade. Eles têm pequenos trens neles e, se minha memória me servir corretamente, os pequenos trens brilham.

O pensamento me interrompe. Olho do menino para sua mãe, que está em choque, de olhos arregalados e provavelmente imóvel. "Por aqui", eu digo, apontando com a mão da pistola.

O pânico registra em seus olhos enquanto eles se fixam nos meus. Quase imperceptivelmente, ela balança a cabeça.

Eu digo a ela com meus olhos e minha boca, com todo o meu corpo para enviar o garoto em minha direção.

Seus olhos voam de um lado da loja para o outro. Tiros ecoam como fogos de artifício no dia 4 de julho.

"Você tem que se mover", eu grito para ela. "Ou você vai morrer."

Hayley agarra meu suéter em seu punho. O fogo cessa momentaneamente. Eu sinto o pulso dela reverberar nos meus ouvidos. "Mãe, vamos lá."

Os tiros são retomados. Mais perto desta vez, muito perto. Sei que ele não estava apenas recarregando, ele estava em movimento. "Vá", instruo Hayley, olhando pela porta dos fundos. "Agora."

"Eu não posso", ela chora.

"São dezesseis passos", digo a ela. "Você pode."

Ela me aperta com mais força, puxando minha camisa para que fique meio pendurada em mim.

“Vá.” Escuto, entre as rodadas, as grossas solas de borracha das botas do atirador chiarem enquanto se movem pelo chão de ladrilhos. "Eu estarei logo atrás de você."

No espelho oval fixo no canto do teto, vejo o topo da cabeça tampada do atirador. Com um empurrão e um aceno

tranquilizador, empurro Hayley em direção à saída. Então me viro e aceno para a mulher uma última vez.

Sentindo que é sua chance final, como as pessoas costumam fazer quando se depara com a morte, ela se afasta das garras do menino. Eu assisto seus lábios se moverem enquanto ela diz para ele correr para mim. Ele faz o que ela diz.

Mas então ele para.

Seus olhos são como o resto do seu corpinho. Congeladas.

Eu aceno com as duas mãos, tentando fazê-lo se mover.

Em meio ao caos e ao som de tiros sendo disparados, sinto as botas se aproximando de nós.

Arremessando de trás do balcão do mercado de carnes, levo três passos para alcançar o garoto. Pegando-o em meus braços, eu faço uma curva reta de volta para a tampa do balcão. Nos agachamos, amontoados. O garoto chora em silêncio.

Até ele não.

Você mal consegue distinguir seus gritos pelo som de balas pulverizando. Repetidas vezes, ele grita apenas uma palavra: mamãe. Um pouco além do caos e da carnificina, meu cérebro registra o que está prestes a acontecer.

Colocando minha mão sobre sua boca, olho para a tela onde ele e sua mãe estavam escondidos.

Olhando para mim, vejo olhos que espelham os meus. A mulher, sentindo que seu filho está prestes a ser morto, solta o grito mais gutural que já ouvi, do tipo que se aloja em seu cérebro e nunca sai.

Ela tem a atenção do atirador. Enquanto ele aponta sua arma para ela, eu jogo o garoto de lado.

Na minha periferia, vejo como ela comete o pior e mais natural erro possível. Ela tenta fugir na direção de seu filho.

Uma enxurrada de tiros soa, alguns dos quais são meus.

Consigo dar um soco na virilha, decepcionante, mas tenho uma criança gritando agarrada a mim, cravando pequenas unhas na minha perna nua.

Assim como o atirador coloca sua arma em mim e eu sei que estamos perdidos, alguém tenta atacá-lo por trás, deixando-o sem equilíbrio.

Isso me dá o segundo fugaz que preciso para dar um tiro no peito. Eu atiro uma vez, um tiro direto, e assisto enquanto ele desce todo o caminho, seu rifle disparando balas nas luzes fluorescentes acima.

Em segundos, eu me pego de pé sobre ele, seus olhos fixos nos meus. A luz lentamente se esvaindo deles, é evidente na maneira que seus dedos não conseguem mais segurar sua arma. Afasto-o do corpo dele com o meu pé, enquanto simultaneamente aponto o meu na sua cabeça.

Por uma fração de segundo, olho de volta para a mulher esparramada no azulejo, sua pequena cesta ao lado dela. Dentro, um único pacote de fraldas. A cabeça do garoto repousa sobre o peito dela. Poças de sangue ao redor deles. "Ele tinha trens de pijama", digo e dou o tiro.

CAPÍTULO TREZE

JC

Ela me atendeu com uma bobagem que achei enervante, apesar do meu desespero de ser atendido. Foi assim que a conheci em um vôo de longo curso.

Ela não era velha, mas não era jovem, e eu não pude deixar de imaginar o que uma mulher como ela estava fazendo em um trabalho como esse.

Passei a maior parte do vôo observando-a quando ela não estava olhando, o que aconteceu na maior parte do tempo. Eu conheci a curva suave do pescoço dela, estudando o local em que ele se conectava na coluna vertebral. Seu estômago liso era algo que poderia ser apreciado, e ainda por cima, achei bastante atraente a maneira como seus seios arredondavam aquele uniforme horrível.

Seu cabelo castanho, possivelmente a única coisa falsa sobre ela, estava bem preso, descansando suavemente na base do crânio. As sobrancelhas dela são perfeitas, nem muito grossas nem muito finas, não como você vê na maioria das mulheres. Ela

não era bonita da maneira impressionante, mas mais sutilmente, da maneira natural.

Se eu tivesse que identificar uma coisa que a denunciou e a solidificou para mim... teria que ser o vinco fraco gravado na pele entre sua testa. Ela é uma pensadora profunda, algo que acho adequado ao meu gosto.

Ela não pareceu me notar assistindo. Isso ou ela não se importava. Em sua linha de trabalho, ela provavelmente está acostumada. Eu ainda não sabia, então me concentrei nas coisas que sabia. Primeiros princípios e tudo. Seu nariz, ligeiramente virado para cima, era um pouco pequeno demais para o rosto, mas preferível à alternativa. No entanto, foram aqueles olhos que capturaram e prenderam minha atenção mais do que qualquer coisa. Com uma sombra pesada, em algum lugar entre azul e verde, como o oceano em um dia nublado. E não me deixe começar nessa boca dela. É indescritível. É melhor não tentar.

De costas retas e com propósito, era cativante a maneira como ela caminhava pelo corredor. De vez em quando, ela soltava um pequeno suspiro, como se realmente houvesse algo que ela preferiria fazer.

Inevitavelmente, comecei a tentar descobrir o que era outra coisa.

Como eu disse, foi um longo vôo.

Imediatamente eu sabia que ela era casada. Ela usava uma pulseira de ouro simples, de bom gosto e discreta. Isso me incomodou no sentido de que uma mulher assim deveria ter mais, deveria querer mais, mas isso a deixou interessante por aparentemente não ter.

Eu não tinha pensado que ela poderia ter filhos. Uma esposa, eu poderia imaginá-la nesse papel. As crianças eram uma bola curva que eu não tinha visto chegando. Ela não parecia do tipo maternal. É engraçado como você pensa que conhece uma pessoa e, do nada, ela a surpreende.

Suponho que foi onde tudo começou, com a bola curva. Uma semente foi plantada e com ela a decisão foi tomada. Eu tive que segui-la. Era para ser uma coisa única. Só para ver que nova informação eu poderia obter. Não era como se eu a estivesse perseguindo. Fiquei curioso, é tudo.

Foi algo simples que eu a vi fazer primeiro. Coisas mundanas, coisas cotidianas. Coisas como deixar a filha na escola. Achei divertido, o jeito que ela praticamente a empurrou para fora com um sorriso distante. Na bomba de gasolina, estudei o perfil dela e notei como ela puxou um pano do banco traseiro, tomando cuidado para não tocar na maçaneta. Eu não pude deixar de me perguntar se ela sempre foi tão discreta.

Eu a segui até o aeroporto. Ela freia com força, segue muito de perto e dirige logo acima do limite de velocidade. Eu me preocupo com ela na estrada. Eu me preocupo com ela em todos os lugares.

Por isso, apesar do show de merda que acabei sendo, fiquei feliz por estar lá no supermercado naquela noite. Leis anti-perseguição à parte, se não fosse por mim, ela estaria morta.

CAPÍTULO QUATORZE

Charlotte

Você deveria estar em um avião com destino à Chi-town, em um dia nublado, com um tempo terrível. Você não se importa porque está fazendo o que nasceu e está sendo paga por isso.

Eu, estou no pé da escada, no saguão coberto de flores e cartões em uma casa que não parece a minha. Mas apenas de uma maneira física. O resto de mim está não sei onde.

Nesse avião, rumo a O'Hare, talvez. Naquele maldito supermercado, talvez. No auditório da escola, ocasionalmente.

É uma faca de dois gumes, a fama é. Um dia, você está comprando o laxante perfeito para medir a paixão de sua filha adolescente, apenas para provar um ponto, e no dia seguinte você é bombardeado com repórteres pisoteando seu gramado. De repente, a vida é ampliada. Luzes, câmera, ação.

De repente, você é um personagem em sua própria vida. E o resto da sua família é o elenco de apoio.

A campainha toca novamente. Não me mexo para abri-la. Qual o sentido, se eles continuarem chegando? Não que eu

possa culpá-los. Os simpatizantes. É um circo por aqui, e todo mundo adora uma boa exibição lateral. Todos querem saber como estamos. Considerando tudo.

Não posso falar e dizer direito, mas pessoalmente me sinto bem. Bem, tudo bem se você ignorar o fato de que eu me tornei uma prisioneira glorificada em minha própria casa. Tendas e caminhões de mídia alinham o quarteirão. Os vizinhos entregaram caçarolas e flores sem fim, e ainda assim não parecem nem a metade do que estou com todos os olhos extras que olham para o bairro.

Como Henry aconselhou, recusei todas as entrevistas. Ou pelo menos até ontem, quando estava tão desesperada para sair que concordei em visitar a escola que Sophie e Hayley frequentavam. Eu deveria ter dito não. Eu sei disso. Mas eu precisava sair. Eu precisava chegar ao hotel e envolver minhas mãos em volta da garganta de Geoffrey Dunsmore.

Chame isso de febre da cabine, chame de raiva assassina, chame de não querer deixar um trabalho por fazer. Chame do que você quiser. Henry certamente ficará chateado. Mas os alunos daquela escola estão sofrendo a perda de dois colegas de classe, um dos quais estava fazendo compras com o pai, que também era professor lá.

O mais velho de seus filhos morreu segurando morangos enquanto seu pai tentava proteger seus corpos com o dele.

Não sei por que isso importa, mas os repórteres continuam me perguntando o que eu vi quando saí do supermercado, depois que a SWAT chegou. Todos querem saber a mesma coisa: se eu dei uma olhada no garoto segurando os morangos.

Na verdade, eu não tinha. Mas vi uma criança da idade de Sophie com um buraco no estômago do tamanho de um punho de homem, ainda bombeando sangue. Eu vi um homem idoso com metade do rosto disparado, mas de alguma forma sua morte não é o que eles querem ouvir, mesmo que os detalhes sejam bastante horríveis, porque, você sabe, uma vida bem vivida é tudo.

De qualquer forma, na escola, eles deixam os alunos fazerem as perguntas. O evento foi transmitido ao vivo. Na repetição, o relógio do lado de baixo me chamou de Incrível-Mãe ou Mãe-Maravilha ou algo assim, e eu acho que é tudo sobre marca hoje em dia.

O objetivo de visitar a escola era aliviar o medo do público e informar às crianças que existem mais caras bons (mesmo que sejam mulheres) do que maus. As roupas de graça, o cabelo e a maquiagem eram bons incentivos, não vou mentir. Me pediram para não mencionar o fato de que usei uma arma para derrubar o

agressor, nem a mídia demonstrou muito interesse em denunciar esse fato.

É melhor, fui treinada, deixá-los pensar que parei o agressor com minhas próprias mãos. O que eu poderia ter feito se tivesse conseguido me aproximar o suficiente. O que eu não pude fazer, não sem a minha arma, pela qual sou grata, porque sem ela haveria muito mais pessoas mortas, inclusive eu. Mas ninguém quer ouvir isso. Isso prejudica a mensagem, disseram eles.

Eu sou uma heroína, eles disseram.

Eu dou esperança às pessoas, disseram elas.

Os produtores fizeram questão de mencionar várias vezes que não há problema em chorar no ar. Não tenho certeza do que isso vai resolver e ainda penso em ontem, me perguntando se talvez eu devesse ter seguido o conselho deles. Se ao menos eu derramasse uma lágrima... então talvez.

Eu imagino que o jogo seja diferente, como se eu tivesse dito a coisa certa, se tivesse apenas fungado algumas vezes, tudo isso poderia acabar.

Repito a cena, imaginando-me passando pelos movimentos. Eu vejo as crianças sentadas no chão da cafeteria. Estou no palco sob luzes quentes, e tudo o que consigo pensar é estar naquele avião, chegando a O'Hare, matando a

marca, acordando e fazendo tudo de novo. São as coisas simples da vida que fazem você mais feliz. Era isso que eu estava pensando sentada lá, meu rosto difundido ao redor do mundo.

A fama é uma distração.

Eu sorrio para a câmera.

A ironia não me escapa.

Neve Jordan, âncora do Good Day America, pergunta ao público se eles têm alguma pergunta para a Incrível-Mãe. Um por um, eu assisto como mãos minúsculas disparam no ar. A maioria dos estudantes quer saber sobre super-heróis, sobre como é, se eu conheço, até que esse garoto, o garoto que termina tudo, levanta a mão. De repente, meu rosto está tenso e congelado. Meu sorriso falso está estampado, enquanto minhas mãos permanecem dobradas ordenadamente no meu colo. O garoto se levanta devagar, inclina a cabeça e diz com muita curiosidade: "Então, como é dar um tiro no rosto de um homem?"

Engulo em seco, olhando diretamente para a câmera. Eu sorrio nervosamente como se dissesse, crianças hoje em dia. E então eu me viro para ele e respondo honestamente. "É muito, muito bom."

CAPÍTULO QUINZE

Charlotte

A câmera gira para a esquerda e depois para a direita novamente, antes de dar um zoom trêmulo no rosto da garota. De perto, ela parece diferente. Mais jovem.

No entanto, é óbvio quem é.

A garota em nosso voo de Fort Lauderdale para Austin.

Vestindo nada além de uma camiseta desbotada e roupas íntimas que poderiam ter sido brancas, a transformação é chocante. Por um lado, ela é magra. Mais fina do que apenas alguns dias atrás. Mais suja também. Os joelhos dela estão enegrecidos. Círculos escuros delineam seus olhos.

O que quer que tenham feito com ela, é drástico.

A câmera treme quando uma voz masculina profunda ordena que ela retire a camisa. Quando ele se aproxima e aproxima o rosto dela, noto uma mudança sutil nos olhos dela, um lampejo de medo ou surpresa, talvez ambos, o que faz minhas palmas suarem instantaneamente. Limpando as mãos nas calças

de seda, catalogo mentalmente tudo o que posso sobre a garota, o quarto e a voz.

Não soa como Geoffrey Dunsmore, mas não tenho certeza.

"Calças bonitas", Henry diz, tirando meus olhos da tela. "O que elas são... Reiss?"

Eu sorrio. Henry parece deslocado, parado no meu bar, sua caneca de café intocada, tornando tudo muito óbvio, não é por isso que ele veio. "Sim."

“Bem, elas combinam com você. Mas é estranho” ele diz, esfregando o queixo. "Não vejo como ele não vê."

Não pergunto de quem ele está falando. Eu não preciso. Michael levou as meninas até a casa da mãe durante à tarde para fugir de tudo - a saber, todo o tráfego de pedestres em nosso gramado. Fiquei para trás, fingindo a necessidade de um pouco de silêncio e, com alguma sorte, uma soneca. "Veja o que?"

"Nada, esquece."

Dando de ombros com indiferença, puxo uma banqueta e caminho em direção a ela. "Sente."

Eu posso dizer que ele ainda está bravo comigo pelos infelizes eventos que ocorreram durante o nosso último vôo. Mas também posso dizer que isso não é a metade. "Não faz nenhum

sentido", diz Henry, sentando-se no banco. “Você está vestindo calças de trezentos dólares. Enquanto isso, ele está dirigindo em um Honda surrado.”

Recusando a isca, toco no botão Voltar, rebobinando o vídeo quinze segundos. A voz abafada toca novamente, infiltrando-se igualmente com desejo e controle. "Você acha que ele está usando um trocador de voz?"

"É possível."

Enquanto a garota puxa a camiseta por cima da cabeça, assisto atentamente, esperando ver algo que perdi antes, embora o que exatamente, não tenho certeza. Uma pista, uma marca de nascença, qualquer coisa.

"Ela não pode ter mais de treze anos", diz Henry, olhando por cima do meu ombro. A garota cobre o peito com a camiseta amassada e as duas mãos.

"Por que você está aqui?" Eu pergunto, abordando o elefante na sala.

"Você quer dizer que não seja o fato de que você estragou tudo?"

"Sim - diferente disso."

"Porque eu queria que você visse isso."

Recuso-me a ceder a Henry em seus jogos. Pelo menos não da maneira que ele quer. É por isso que não respondo. É mais fácil deixá-lo levar seu argumento para casa. Principalmente porque sei que essa não é a única razão pela qual ele está aqui, sentado na minha cozinha, no meu bar. Esta é a maneira de Henry, mais uma vez, apresentar um de seus argumentos.

"Dois palpites de quem está por trás disso?"

Dou-lhe um olhar de soslaio. A verdade é que poderia ser qualquer pessoa no vídeo. Claro, o MO se parece muito com o de Geoffrey Dunsmore. Compre uma garota, mantenha uma garota, filme a garota, descarte-a por qualquer meio que lhe parecer conveniente. Mas isso não está dizendo muito. Este mundo está cheio de pequenos traficantes, mas raramente somos pagos para descartar as pessoas envolvidas com um deles. São os anéis mais nefastos que somos pagos para nos infiltrar, aqueles que têm clientela selecionada, aqueles que competem por um motivo ou outro, aqueles que pensam que são imunes a serem pegos - aqueles que fazem uma grande produção dele, como o que estamos assistindo no telefone de Henry.

A campainha toca. Os olhos de Henry disparam em direção à frente da casa.

“Provavelmente é apenas um vizinho. Você não acreditaria em quantos amigos estou fazendo.”

Henry revira os olhos. "Porque é exatamente isso que você precisa."

"Você não tem ideia."

A campainha toca novamente. Pego o aplicativo da câmera com campainha no meu telefone. "Não, é alguém da mídia."

"Quanto tempo isso pode durar?"

"Eu não sei."

"Eu vi a entrevista, a propósito."

Empurrando meu telefone no bolso, ando pelo balcão em direção à cafeteira onde encho minha caneca. Eventualmente, eu me viro e encontro os olhos de Henry. "Oh sim?"

"Sim - e bem, digamos que você se coloca - você coloca todos nós em uma posição comprometedora."

O café queima minha boca. Eu quase não percebo. "O que eu deveria fazer?" Eu pergunto, considerando quanto tempo uma xícara de café quente pode me comprar. "Eu tenho uma vida, Henry."

"Então?"

"Então também não é o que eu esperava", digo a ele, pensando em como poderia ser minha filha facilmente nesse

vídeo, pensando em como às vezes você se aproxima de algo antes de perceber o problema em que está.

Você tem que ter cuidado. O mal é como um dente-de-leão que se espalha e se espalha até chegar à sua porta dos fundos. Até que estejam na sua cozinha. E pior, você percebe que os convidou para lá. “Você acha que eu pedi para aquele cara ir ao supermercado? Como você pode ver, há pessoas por todo o meu gramado. Os vizinhos estão chegando o tempo todo. Eu não posso nem sair de casa.”

"E, de alguma forma, você pensou que conversar com a mídia ajudaria."

Tomo outro gole de café e considero a maneira menos confusa de matar Henry na minha cozinha. Eu realmente gosto dessas calças. "Eu não sei. Talvez tenha.”

“Encare isso, Charlotte. Você gosta da atenção.”

Considerando as chances de matar uma pessoa em legítima defesa duas vezes em uma semana e fugir com isso pareceu mínimo, ofereço um suspiro forçado. “Não sei o que você quer que eu diga. Eu nunca pedi nada disso.”

Ele faz um movimento pela sala. "Você não pediu?"

Eu coloco a caneca no chão, percebendo que as chances provavelmente não estão a meu favor. Henry terá que morrer em silêncio. "Onde você quer chegar?"

"Meu ponto? O que quero dizer é que você não tem ideia do que foi necessário para entrar aqui."

Ele está errado. Eu sei. Eu o observei escalar a parede que circunda nosso quintal. Henry em seu traje chique, sem um cabelo fora do lugar. Às vezes, fico surpresa com o quanto ele é mais difícil do que parece. "Estou aqui porque eles querem que eu a traga." Ele apunhala o telefone. "Agora."

"Isso é ridículo."

"Talvez", ele encolhe os ombros. "Embora, quem diga? Eu sou apenas o mensageiro."

Eu estava preparada para isso. Ainda assim, apesar de tudo, Henry toma o partido das picadas da agência. "Eles ficariam mais felizes se eu levasse um tiro?"

"Você realmente precisava ir na televisão?"

"Eu precisava de uma maneira de chegar a Dunsmore. Eu precisava sair desta casa. E achei que, se desse uma declaração, as coisas acabariam."

"Você fez uma boa declaração."

“Foi ao vivo. Eu não planejei dessa maneira. Eu estava... como eles chamam? No local.”

"Bem, isso foi um desastre, se eu vi um..."

Eu olho para longe. "Diga a eles que terão que vir até mim."

"Você sabe que isso é impossível."

“Se eu sair daqui com este circo no meu gramado, há uma boa chance de ser seguida. Diga isso a eles.”

Henry me encara por um longo tempo.

"Você me drogou."

Tomo meu café, olhando para ele por cima da caneca. "Eu? Drogar você?” perguntei, tricotando minha sobrancelha. "Porque eu faria isso?"

"Você não deve mentir para mim, Charlotte." Ele acena com a cabeça em direção a uma foto de Michael e as meninas que estão presas na geladeira. "Eu sou provavelmente a única pessoa que pode ver através de você."

"Eu não posso mudar de ideia se já estiver inventado, posso?"

Henry suspira pesadamente. Eu chamei o blefe dele e ele sabe disso. Ele não pode provar nada e, neste momento, não

importa. Ele tem uma escolha a fazer. Ele sabe que não vou com ele de bom grado. Nem vou ficar de pé e deixá-lo separar minha família. "Eu não posso continuar salvando sua bunda, você sabe."

“Eu não estou pedindo para você. Estou lhe pedindo para contar uma boa história.”

"Contar histórias não é o que eles me pagam", diz ele antes de voltar sua atenção para o vídeo.

Espero que ele diga mais, discuta, faça o seu movimento, mas quando ele não fala, eu ando pelo bar e me inclino para perto. "Você não me machucaria, Henry?" Eu digo, pressionando minha bochecha em seu ombro, exatamente no tipo de voz que sei que ele odeia.

“Apenas assista ao maldito vídeo, Charlotte. Caso contrário, eu poderia.”

Surpreende-me que ele me chame pelo meu nome real pela terceira vez. Às vezes duvido que ele se lembre. Eu tomo isso como o sinal positivo de que é. Eu o deixei emocionado. Eu fiz isso pessoal. Por isso ele veio. E é assim que você ganha.

Coloco minha mão em seu antebraço e aperto-o. "Você não gosta do meu café?"

"Eu não sou fã de drogas antes do meio dia", ele retruca, e eu rio. Henry e eu, apesar de nossas divergências, nos entendemos. Ele aponta para a tela. "Você está assistindo?"

"Claro." A garota olha de um lado da sala para o outro, e eu percebo que há alguém além dela e do cinegrafista.

"Largue a camisa e vire devagar", diz uma voz rouca.

Henry acha que assistir isso vai contar para alguma coisa. Eu sei melhor. Isso não muda nada. Isso não nos diz nada. O quarto está vazio. As paredes são de concreto e o chão é acarpetado. Não é um tapete barato e, ainda assim, pode ser qualquer sala, em qualquer lugar. A câmera aproxima o rosto dela antes de se afastar. "Agora", o homem exige.

Henry e eu observamos a camiseta cair no chão.

"Ela poderia ser mais velha", eu digo, mesmo que duvide. "Quinze dezesseis."

"Um pouco mais devagar", o homem diz a ela. Seu sotaque é decididamente americano. Para mim, não soa como Geoffrey Dunsmore.

A garota gira no sentido horário. Quando ela olha de novo para a câmera, ela é solicitada a indicar seu nome.

"Elena." Sai como um sussurro. A maneira como seu dedo indicador se move contra a cutícula do polegar me leva a acreditar que ela provavelmente está dizendo a verdade. "E quantos anos você tem, Elena?"

Seu olhar permanece fixo no chão. "Doze."

"O que você quer ser quando crescer, Elena?"

"Uma bailarina."

Há um som diferente de chocalho na câmera antes que o vídeo termine abruptamente.

"Filho da puta", Henry cospe. “Isso tem Dunsmore escrito por toda parte. E, no entanto, isso não nos dá nada.”

"Não é nada."

"Ela estará morta em quarenta e oito horas."

"Ela está morta agora", eu digo.

Os olhos de Henry encontram os meus quando ele percebe que eu entendi o que ele veio aqui para fazer. Este não é o primeiro vídeo do tipo que vimos. Nem será o último. Certamente não é o pior deles. "Talvez devêssemos assistir de novo."

"Podemos assistir um bilhão de vezes", digo a ele, pegando o telefone. "E ainda assim será o mesmo."

"O que isso deveria significar?"

"Isso significa que temos o que precisamos."

"E o que é isso?"

“Um motivo para dizer à agência para ir para o inferno - para me deixar fazer meu trabalho. E para você dar o fora da minha cozinha.”

CAPÍTULO DEZESSEIS

JC

Ela não é uma daquelas pessoas que fogem dos holofotes, algo que acho igualmente surpreendente e divertido de assistir. É encantador, até um pouco cativante, de uma maneira triste.

Ela finge não gostar da atenção, embora fique claro que sim, algo que se torna muito aparente quando ela dá a segunda entrevista. Eu não acho que ela queira se oferecer para as câmeras da maneira que faz, mas lá estão elas, felizmente acampadas em seu gramado, afinal. Quando ela abre a boca e diz ao mundo que peso terrível tudo isso se tornou para ela, é quase como se ela se tornasse alguém completamente novo. Falso. Falso. Falso.

Ela certamente não parece sobrecarregada, e parece que ela está chorando quando enxuga os olhos com a manga da blusa e implora por espaço pelos filhos.

Uma coisa é certa: ela desenvolveu um grande talento para o drama.

Ela quer privacidade. Mas ela parece fenomenal. Sensacional. Como o tipo de mulher que poderia

trazer um louco de joelhos. Como ela está enganada. Eu não sei quem poderia se afastar disso.

Não eu, isso com certeza. É um animal que se alimenta, consumindo-a. Não importa o quanto assisto, ou o quão perto eu chegue, a sensação de que perdi alguma coisa permanece. Está lá, no fundo do meu estômago, uma coceira ou um desejo, é difícil dizer, mas há a noção persistente de que eu não experimentei toda ela. Vendo que não podemos ficar juntos o tempo todo - ainda não, de qualquer maneira -, tenho uma sensação incômoda de que passei por momentos em que deveria estar prestando atenção.

Para um pouco de perspectiva, consegui desenterrar um antigo anuário, voltando do segundo ano do ensino médio.

Ela foi destaque apenas três vezes. Uma vez em ordem alfabética - no tipo típico de foto na cabeça, uma vez na equipe de debate (eu deveria ter adivinhado) e depois houve a foto espontânea. Esse foi o que mais me interessou.

Ela estava sentada no chão da sala de aula, com as pernas cruzadas, um pedaço de papel na mão. Seu cabelo era mais comprido e mais claro, as bochechas mais cheias, mas por outro lado ela parece uma versão um pouco mais jovem da mulher que eu vou conhecer.

Acho que é por isso que cortei a foto. Eu carrego comigo.

Não foi até hoje, até sua segunda entrevista, que eu vi todo o potencial da situação. Foi quando eu soube. Eu não vou apressar isso. Estou plenamente consciente de que pode levar um longo tempo para entender o que ela significa para mim. Olhando para ela sentada em uma compota de maçã naquela foto sincera, percebo que pode ser mais do que eu pensava originalmente. Talvez até mais que os outros. Seja qual for o caso, quero ser esse fotógrafo. Eu quero conhecê-la intimamente.

Tornou-se importante, tanto ela como a foto, o tipo de coisa que você não gostaria de perder. Tirando-o do bolso do meu terno, coloco-o ao lado do monitor do meu computador e olho para o rosto dela por um longo tempo. É engraçado como as coisas que você mais deseja acabam sendo as que o dinheiro não pode comprar. Traçando o contorno de seu rosto, imagino-nos tomando café da manhã, pelo simples fato de parecer mais íntimo do que jantar. Ela não terá que se preocupar com invasões. Vou me certificar de que será apenas nós dois no restaurante. Se a privacidade é realmente importante para ela, é isso que eu darei a ela.

Vou dar a ela o que quiser.

Claro, imagino-nos fazendo coisas comuns também. Com tempo suficiente, tenho certeza que ela compartilhará meus

hobbies. Imagino-nos rafting[4], bungee jumping[5], escalando o Kilimanjaro[6]. Conhecendo-a, ela provavelmente insistirá em lançar algo impetuoso na mistura, algo como mergulho em alto mar. Sou claustrofóbico, mas vou assim mesmo, porque serei o único a assistir.

Abrindo uma nova guia, clico no site de notícias local. Eu odeio que a mídia a esteja incomodando tanto, mas ao mesmo tempo, eu amo o quão fácil elas estão fazendo as coisas do meu lado. Todos os dias um novo detalhe é revelado. No topo da história mais recente, há um vídeo, a miniatura mostra a posição dela na entrada da garagem. A casa dela é uma das casas mais únicas que eu já vi, elegante e moderna, nada como eu imaginaria.

Eu odiei desde a primeira vez que vi.

Eu não pude deixar de me perguntar se ela gosta.

Com uma pesquisa rápida, recebi minha resposta. O marido dela é arquiteto; ele projetou o lugar. De repente, isso fez sentido. Ela não podia dizer a ele que odeia, mesmo que seja a verdade. Eu a imagino pegando fogo, o fogo corroendo as memórias, apagando a história, e talvez até ele.

---

[4] É a prática de descida em corredeiras em equipe utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança.
[5] É um esporte radical praticado por muitos aventureiros corajosos, que consiste em saltar de uma altura num vazio amarrado aos tornozelos ou cintura a uma corda elástica.
[6] Monte Kilimanjaro ou monte Quilimanjaro, localizado nas coordenadas 3º07' S e 37º35' E, no norte da Tanzânia, junto à fronteira com o Quénia, é o ponto mais alto da África, com uma altura de 5 895m no Pico Uhuru.

Ela não ficará triste. Não por muito tempo. Vou construir para ela uma casa que ela adore, talvez com minhas próprias mãos. Eu fiz muitas coisas na minha vida, mas não isso. Vamos projetar juntos do começo ao fim e tudo ficará bem no mundo, e ela esquecerá que já morou naquela outra casa, com aquele outro cara.

CAPÍTULO DEZESSETE

Charlotte

Eu em toda vida, há um momento, ou melhor, provavelmente uma série deles - digamos, o nascimento de um filho, ou um noivado ou um divórcio - o tipo de evento em que você percebe que, a partir desse momento, nada acontece, para ser o mesmo novamente. Este é, para mim, um daqueles momentos. De pé na cozinha, meu marido atrás de mim, ouvindo o gotejamento lento da cafeteira, minha mente divaga. Você pode ter praticamente qualquer coisa instantaneamente hoje em dia. Tudo, exceto café, aparentemente. Michael jura que um bom café leva tempo.

"Bom dia", ele sussurra, passando os braços em volta da minha cintura. Seu corpo pressionado firmemente contra o meu, ele se move para a posição, me prendendo contra o balcão. A barba em seu rosto roça a parte de trás do meu pescoço enquanto ele enterra o rosto no meu ombro, seus lábios demorando no que nós dois sabemos que é o meu ponto fraco. "Dia."

"Você acordou cedo."

"Sim." Estou contemplando o que fiz e, em seguida, afastando-me do balcão, me viro para encará-lo. "Não consegui dormir."

Nossos olhos se encontram brevemente antes que ele me puxe contra seu peito. Minha cabeça repousa perfeitamente no espaço sob o queixo dele. "É quarta-feira", diz ele. "Você esqueceu?"

"Não-"

"Ainda bem que não temos em nenhum lugar que tenhamos que estar".

"Coisa boa", digo a ele com um sorriso tímido. Ele tirou a semana de folga para ficar comigo e com as meninas. Desde o tiroteio, ele tem estado insuportavelmente atento, como se de repente lhe ocorresse que a vida é curta e inesperada e você morre. Este é essencialmente o meu pior pesadelo. Todo relacionamento tem seu próprio sabor. Mas, nós não somos, e nunca fomos, esse tipo de casal. Não estou querendo mudar isso agora, não tão longe.

"Basta pensar", diz ele. "Podemos fazer o que quisermos."

Não podemos fazer o que quisermos. Eu pressiono meus lábios firmemente. "Mmhmm."

Ele desliza a mão pela minha camisa. "Tem alguma ideia?"

Eu tento inventar alguma coisa, qualquer coisa. "Hum..."

Ninguém lhe diz o quão difícil pode ser ocupar todas as horas em um dia. Eu sei que ele está se referindo ao sexo, mas sem café fluindo em minhas veias, não estou me sentindo particularmente criativa. "Eu acho que tenho um compromisso."

"Um compromisso? Que compromisso?" Ele parece surpreso, e então eu percebo o porquê. "Dei uma olhada no seu calendário. Eu vi o clube do livro por lá... mas nada sobre um compromisso."

"Sério?" É realmente surpreendente como ele se tornou pegajoso, tão diferente do homem com quem me casei na última década e meia. Por dias, tudo o que ele fez foi passear pela casa, pairando, sem saber o que fazer consigo mesmo ou o que dizer. Sua insistência em manter as meninas em casa - para se recuperar - tem sido menos do que ideal. Eles estão entediados, eu estou entediada, e agora Michael está entediado. No entanto, ele foi inflexível quanto a isso - mesmo depois que eu indiquei que quase todos os psicólogos dizem que seguir uma rotina normal é melhor depois do trauma. Eu fui anulada. Três para um.

Não ajudou muito que nenhum de nós possa sair de casa sem ser abordado. Mas isso - toda essa união, estar escondida em nossa casa - também não significa exatamente privacidade.

"Talvez eu esteja errada", digo a ele, desembaraçando nossos corpos, indo em direção à janela. A rua é tranquila, mas longe de vazia. "Talvez seja amanhã."

"Também não vi nada sobre um compromisso amanhã..."

"Talvez esteja no meu calendário de trabalho."

"Talvez", diz ele. “Ou talvez você esteja apenas cansada. Você não dorme há dias.”

“Eu dormi um pouco. No sofá. Não queria te acordar.”

"É compreensível, Charlotte", ele responde com uma ponta que eu sei. "Você não precisa fingir que está tudo bem - quando claramente não está."

"Eu sei que não está", eu digo com um aceno de cabeça em direção às escadas. "Hayley também não está dormindo."

Depois de várias batidas longas, ele suspira. "Eu acho que vamos ter que falar sobre isso, não é?"

"Estamos falando sobre isso."

"Quero dizer, realmente conversar."

Afastando-me dele, meus olhos se fecham lentamente. Eu os fecho e conto até cinco, certificando-me de manter minha voz calma. Quando se trata de mentir, a prática não leva à perfeição. Sempre existem sinais reveladores. O tom é um deles. "O que você quer saber?"

"Bem, por um lado, eu gostaria de saber como é possível que minha esposa seja basicamente uma atiradora de elite e eu não tenha ideia."

Eu sabia que Michael ia ter perguntas sobre a arma, então isso não é exatamente uma surpresa. Eu me viro para encará-lo. “Eu dificilmente sou uma atiradora de elite. Eu atirei nele à queima-roupa.”

"Jesus."

Mastigando meu lábio inferior, percebo que sua expressão é por que é importante gerenciar essa conversa adequadamente. Eu assumi que ele gostaria de saber como eu sabia atirar, onde eu peguei a arma e por que eu a tinha. Na maioria das vezes, as respostas para essas perguntas são fáceis. "Realmente não é grande coisa. Estou bem, Hayley está bem, tudo isso vai explodir...”

“Você matou um homem, Charlotte. Você acabou de dizer você mesma. Você atirou nele à queima-roupa na cara. Quem poderia ficar bem depois disso?”

"Na cabeça", eu digo, corrigindo-o.

Ele olha para mim de olhos arregalados com a boca ligeiramente aberta.

"Não era exatamente para o esporte."

"Eu sei", diz ele atravessando a cozinha. Ele pega minhas mãos nas dele. "Eu sinto Muito. Não quero parecer insensível. Isso é muito para absorver.”

Você não tem ideia. "Para mim também."

A resposta de Michael me dá esperança de que tudo isso acabe. A maioria das pessoas, inclusive Henry, tem dificuldade em acreditar que é possível esconder o que faço do meu marido. Especialmente, se você considerar que eu faço isso há muitos anos. Mas isso ocorre porque as pessoas hoje em dia esquecem o que realmente é a discrição. Privacidade é poder. O que as pessoas não sabem, não podem arruinar.

É sempre engraçado para mim. As pessoas pensam que sabem o que o cônjuge faz quando estão fora de casa. Mas eles realmente sabem? Oito, dez, doze horas por dia - às vezes mais - a

pessoa com quem você compartilha uma vida sai de casa e vive essencialmente outra vida, cumprindo um papel, ganhando a vida, sendo outra pessoa, fazendo outra coisa. Acredite, já administrei voos suficientes para saber. Todos nós usamos máscaras diferentes.

“Talvez”, ele sugere, “nós possamos passar por isso. Talvez ajude se você falasse com alguém, se você falasse comigo.”

"Eu não sei se estou pronta para isso, Michael." Eu respiro fundo e seguro. Obviamente, estou ciente de que não posso afastar sua curiosidade para sempre. Mas até agora, eu consegui bem e gostaria de continuar gerenciando. “Você não tem ideia de como era. Os tiros... todas aquelas pessoas... todo aquele sangue.”

"Você pode falar comigo, você sabe."

Você odeia sangue. "Eu sei."

"Eu preciso que você fale comigo."

"Eu estou." *Você realmente não quer saber.* "Estava falando."

"Por que você tinha a arma, Charlotte?"

Não quero responder, mas não posso nos deixar ficar ali trancados juntos em silêncio. Eu sei que ele vai esperar a resposta mais tempo do que eu posso esperar para dar a ele. Ainda assim,

não confio na minha voz. Tenho a nítida sensação de que, se mentir para ele, ele saberá de alguma forma.

Com um suspiro profundo, eu o rodeio e abro a porta da geladeira em busca de algo para preparar no café da manhã. “Uma das garotas do trabalho foi atacada há alguns meses.” Pegando uma caixa de ovos da prateleira, eu me viro para ficarmos um de frente para o outro. "E eu não sei - eu apenas pensei que deveria me proteger."

"Atacada?" Seus olhos se arregalam. "O que? Por que você não disse nada?”

Eu dou de ombros. “Não foi realmente um grande negócio, eu não pensei. Quero dizer... não aconteceu no trabalho. Mas depois - bem depois - ela falou sobre como havia comprado uma arma e estava pensando em fazer uma aula - e assim alguns de nós fomos juntos. Para mostrar nosso apoio."

“Você teve uma aula? Quando?"

"Eu não sei. Alguns meses atrás... em setembro... eu acho.”

"E você não achou que poderia mencionar isso em algum momento?"

“Não era como se eu estivesse escondendo.” Coloco os ovos no balcão. "Simplesmente nunca surgiu."

"Espere." Ele está andando agora, e indo até a porta, ele para e olha ao virar da esquina. Então ele olha para mim, sua voz baixa. “Deixe-me ter certeza de que estou certo. Você trouxe uma arma carregada para dentro de nossa casa - você a carregava dia após dia, em sua bolsa - e ela simplesmente nunca apareceu?”

"Nem todo dia."

Seus olhos piscam rapidamente enquanto ele tenta juntar tudo.

"Olha", ofereço, mudando de tática. “Eu sei como você se sente sobre o meu trabalho, e não queria te preocupar. Não queria piorar as coisas.”

Em dois passos, ele está na janela. Apoiando-se no balcão, ele olha para os caminhões de mídia que revestem nossa rua. "Você não queria piorar as coisas..."

“Meu pai era policial - ter uma arma por perto era apenas uma coisa normal ao crescer. Não era algo que sentíamos que precisávamos discutir, Michael. Apenas era.”

"Bem, eu não sou seu pai."

"Então pare de agir assim."

Quando ele se vira, sua expressão é dolorida. "O que isso deveria significar?"

"Se eu não tivesse a arma", digo, recuperando o bacon da geladeira, "não estaríamos tendo essa conversa." Bato o bacon no balcão. "Sua filha e eu - estaríamos mortas."

"Bem. Onde devemos fazer as compras? Não demoraria tanto tempo para limpar as coisas, certo?"

Eu olho para ele de lado. Esta não é a pergunta que eu esperava. "Eu não faço ideia."

"Eu odiaria ter que atravessar a cidade", ele responde com um aceno de cabeça em direção à janela. "Eu nem tenho certeza de que posso sair da unidade."

O melhor que consigo controlar é um aceno de cabeça cansado. Eu daria qualquer coisa para atravessar a cidade sem ser seguido ou notado ou ambos.

"Estamos com pouco creme de café."

"Vou mandar uma mensagem para Julia. Ver se ela se importaria de pegar um pouco."

Julia é nossa vizinha, duas casas abaixo. Ela também tem sido útil desde o tiroteio. Mas então, ela é divorciada, desempregada e, obviamente, uma grande fã do meu marido, então suponho que você possa dizer que ela sempre é bastante prestativa.

Michael se afasta da janela, pega uma pilha de correspondência no balcão e passa por ela. Então ele olha para mim. "É basicamente cartas de fãs."

Quebrando um ovo na frigideira, bati um pouco demais e tenho que ir pescar minúsculos pedaços de casca.

"Quanto tempo você acha que duram quinze minutos de fama?"

"Eu não sei", eu digo. É algo que eu tenho me perguntado. Ontem, quando levei Sophie para o jogo de basquete, pediram meu autógrafo. Vinte e seis John Hancocks depois - eu sei porque Hayley contava - tive que me desculpar. E isso foi antes do jogo. Depois, havia uma multidão de pessoas esperando. Tivemos que sair pelo vestiário e, mesmo assim, era quase impossível chegar ao carro em meio ao enxame de espectadores.

Então, ontem à noite, Henry me enviou um e-mail com um link para uma conta de mídia social criada em minha homenagem. Vários cliques depois, deparei-me com um grupo fechado dedicado a outras mulheres que querem resolver o assunto com suas próprias mãos. Justiça vigilante no seu melhor. Olho por olho, ou algo assim, como diz o ditado. Segundo Henry, reuniões estão surgindo em todo o lugar, em treze países até agora. Aulas de autodefesa, prática de alvo, vigilância básica... você escolhe, essas reuniões são completas.

Eu não tinha certeza do que Henry queria que eu fizesse com a informação. Na verdade, eu não tinha planejado fazer nada. Mas então, quanto mais fundo eu chegava, e mais desinformação lia, mais não conseguia me conter. Eu tive que comentar. Que mal poderia causar para criar um perfil falso e oferecer algumas dicas? Eu só queria esclarecer as coisas.

Tudo começou com coisas básicas, como infligir feridas fatais, facas fáceis de esconder, como descartar adequadamente um corpo, o melhor silenciador do mercado, o que fazer se sua arma ficar presa, esse tipo de coisa.

Quando o amanhecer chegou, minha postagem havia sido compartilhada tantas vezes que minha conta tinha dezenas de milhares de seguidores. Nem chegou a atingir os EUA nesse ponto. A maioria dos americanos ainda estava dormindo.

Estou ansiosa para verificá-la agora. Michael cheira o ar e depois caminha até o queimador e diminui o calor. Observo o bacon chiar na frigideira, queimando, porque minha mente está em outro lugar. Não há como dizer até onde eu poderia levar isso.

O que mais eu devo fazer com todas essas horas sem fim? Se não posso sair de casa, se não posso fazer meu trabalho, se ainda não consigo chegar a Dunsmore, o mínimo que posso fazer é minimizar o dano, fortalecendo as massas.

CAPÍTULO DEZOITO

Charlotte

O som puro da bola bate na quadra de madeira. O sussurro da rede permanece inconfundível. "Muito bem, Sophie!" Michael grita. Estamos sentados lado a lado no ginásio, então tenho que ter cuidado. Algo que se torna aparente quando ele olha para mim e franze a testa para o telefone em minhas mãos. “Ela acabou de marcar. Você estava assistindo?”

"Claro, estou assistindo." Olho para a quadra e encontro Sophie, seu rosto fixo em concentração quando um companheiro de equipe dá um tapa em suas costas.

"Bom", ele murmura, voltando sua atenção para o placar. "Apenas me certificando."

Meu telefone vibra na minha mão, significando que um novo comentário foi adicionado. Enviei algumas novas dicas de espionagem para o grupo Vigilante e as perguntas estão surgindo. O chiado dos tênis soa e dá sabor à resposta que eu digito. O basquete é um jogo glorioso. Um esporte que pode ser visto pelos cegos. É pura energia, atletismo, sem nada a esconder atrás. Não há capacetes para esconder os rostos. Sem almofadas para

esconder o corpo. Não há defensor certo no basquete. Tudo é apresentado na frente do espectador. O jogo se convida à sua imaginação. Parece que nada o separa dos jogadores na quadra. Eles se movem graciosamente de um lugar para outro. Fica claro por que eles estão lá e você está aqui. Quando Sophie pula para a borda, é como se ela estivesse voando. Seu atletismo inspirador é suficiente para fazer meu marido pular da mesma forma do seu lugar.

Sua simplicidade é quase demais para eu lidar.

"Você não está assistindo", diz Michael, me cutucando com o cotovelo.

"Estou." Ritmicamente, a bola sobe na quadra. Pela cesta - desta vez é a equipe adversária que marca - e voltamos novamente. Sophie pega a bola. Ela atira e erra. Michael aplaude de qualquer maneira. Continua como se apenas um temporizador pudesse nos deter da eternidade.

"Eu sei que você odeia isso", ele ferve, falando baixinho. "Mas você poderia ao menos fingir."

"Eu não odeio", eu digo, colocando meu telefone no bolso do meu casaco. Isso não é mentira. Eu sempre achei o jogo interessante. Não há como esconder o jogador que não pode atirar. Eventualmente, ela será deixada aberta, exposta, como se

tivesse ousado colocar uma em direção ao aro. Se ela obriga, ela parece enfrentar seus demônios. O tiro vai voar, e ela provavelmente será derrotada. Estatísticas são estatísticas por um motivo. Se a bola tocar, é o par para o curso. No entanto, o oponente terá vencido.

"Essa é minha garota!" Viro e olho para meu marido enquanto Sophie marca mais uma vez. Ele está todo iluminado, e penso em como todos mentimos, talvez principalmente para nós mesmos.

Eu não esperava vê-lo novamente. Mas suponho que fosse para ser assim. O melhor que a vida tem a oferecer geralmente acontece do nada. Não o reconheci imediatamente. Se tivesse, sem dúvida eu teria passado a mesa para um dos outros servidores.

"É você-" ele disse, depois que eu recitei as especialidades do dia. Quando ele olhou para o meu crachá, seu rosto caiu.

"Sinto muito", eu disse, mas é claro, eu o reconheci então. Aquela voz suave. Aquelas covinhas, os mesmos olhos esperançosos.

"Você parece alguém..." ele gaguejou. "Eu pensei que você era outra pessoa."

Do jeito que ele olhava para minha barriga gigante, eu poderia dizer que ele estava fazendo os cálculos em sua cabeça. "Você tem certeza que seu nome não é Olivia?"

Toquei meu crachá, pressionei meus lábios em um sorriso tenso e balancei minha cabeça.

Ele parecia imperturbável, enquanto seus colegas pareciam um pouco desconfortáveis. Os homens parecem ter um bom senso quando outro homem está prestes a se fazer de bobo. “Eu procurei por você, você sabe. Ninguém parecia saber quem você era. Era como se você tivesse desaparecido no ar, como se nunca tivesse existido.”

"Sinto muito", eu disse com uma carranca educada. "Eu acho que você se enganou."

“Eu até fui ao diretório da escola.” Ele balançou a cabeça como se estivesse tentando se livrar de um pensamento errante.

Ele era implacável, assim como ele esteve na festa. Eu não respondi.

Em vez disso, pedi a ordem de bebida e depois ignorei a mesa, todos juntos. Quando chegou a hora de pagar, Michael pegou o cheque. Ele deixou uma gorjeta generosa e, junto com ela, seu cartão de visita. No verso, ele escreveu: Eu não me importo por que você mentiu. Me liga. Por favor.

Rasguei o cartão e joguei no lixo. Não tive tempo para me distrair. O que eu tinha era um plano, e estava contando os dias até que conseguisse ver. Tudo o que eu conseguia pensar era voltar aos céus, voltar à vida real. A gravidez foi apenas um pontinho, um pequeno desvio.

Eu escolhi pais biológicos, um casal adorável que queria o que eu queria - uma adoção fechada.

O que isso diz sobre os melhores planos? Bom, é verdade. Cerca de três semanas após o primeiro almoço, Michael voltou. Ele solicitou minha seção e, desta vez, estava sozinho. "Você nunca ligou."

Dei de ombros.

"Eu gostaria de levá-la para sair."

"Desculpe?"

"Você não é casada, não é?" Ele perguntou, apontando para a minha mão. "Quero dizer, você não está usando um anel." Ele olhou para o menu. “Não que isso importe. Atualmente, ninguém faz as coisas em ordem.”

"Água? Café? Chá?"

"Independente do que esteja tendo."

"Um bebê", eu disse apontando para o meu estômago enorme. "Estou tendo um bebê."

"Ufa", ele disse. “Quero dizer, eu sei que a comida é boa aqui e tudo, mas estou muito feliz que você tenha mencionado.” Ele fechou o cardápio e o colocou sobre a mesa. "O elefante na sala, como eles dizem." Suas sobrancelhas arquearam e ele sorriu. "Você simplesmente nunca sabe."

Revirei os olhos e deixei a mesa. Eventualmente, depois que meu chefe insistiu, eu trouxe uma água para ele. Ele parecia do tipo simples, e eu não podia me dar ao luxo de ser demitida.

"Então, Olivia", disse ele, olhando para o crachá. "Eu te ofendi?"

"Não."

"O nosso caso de uma noite foi tão ruim assim?"

"Não me lembro."

"Eca", ele disse. "Vou tomar isso como um sim."

"Eu posso anotar seu pedido?"

"Outro tiro", ele respondeu. "Eu gostaria de outro tiro."

"Não servimos álcool antes do meio dia no domingo."

"Você sabe o que eu quero dizer... Eu gostaria de um encontro."

"Acho que não."

"Por que não?"

"Eu odeio homens."

"Oh, eu acredito nisso." Ele acenou com a cabeça na minha barriga e então disse: "Vamos torcer para que você esteja tendo uma garota."



Depois que eu recusei sua oferta, Michael voltou todos os dias depois, até que eu finalmente concordei em jantar com ele. Ele me convidou para sua nova casa, aquela em que residimos agora, a que ele havia projetado e construído. Parecia que ele percorreu um longo caminho em apenas alguns meses. Mas então, nós dois tivemos. Eu quase criei uma vida totalmente nova também.

Ele cozinhou para mim, em sua nova cozinha, algo italiano, e depois disso acho que você poderia dizer que nunca saí de verdade. Ele não se deixou levar pelo fato de eu estar extremamente grávida, o que deveria ter parecido estranho, mas você precisaria conhecer Michael para realmente entender.

Ele me disse que nunca tinha parado de pensar em mim e que quando você conhece a pessoa certa, você simplesmente conhece. Uma década mais velho, ele me garantiu que tinha certeza do que queria: uma casa e uma família. Suponho que ele já estava a caminho de ter metade dessa equação, e eu era simplesmente a peça que faltava. Foi fácil. As pessoas assumiram que o bebê que eu estava carregando era dele. Ele nunca se incomodou em corrigi-los.

"Ela poderia ser minha", ele me disse uma tarde depois que fizemos amor, seus dedos batendo uma batida suave na minha barriga.

"Mas ela não é."

"Eu sei. Acredite, eu trabalhei em matemática de todas as formas." Ele olhou para mim e sorriu. "Mas ela poderia ser."

Eu não disse nada. Não por muito tempo. Pensei em Dan, o piloto, seu pai de verdade. Pensei nos e-mails que ficaram sem resposta, na última vez que o vi, na festa de Natal da empresa, e em como ele não me olhava nos olhos. Pensei na mão de sua esposa na minha barriga, e no sorriso em seu rosto quando ela me perguntou quando era o nascimento.

Pensei nos pais adotivos que selecionei, em algum lugar do país, preparando-se para um filho que eles podem não ter. "Ela poderia ser", eu disse a Michael.

"Case-se comigo", ele disse.

"Casar com você?" Eu não sei se fiquei realmente surpresa ou não, mas eu testemunhei propostas suficientes para saber que você deveria pelo menos fingir.

"Sim", ele sorriu. "Case comigo. Isso facilitará a papelada." Ele traçou círculos no meu estômago. "Dessa forma, não precisarei adotá-la. Nós podemos fazer isso desde o começo."

Eu não tinha coragem de dizer a ele que era tarde demais para isso - que o começo era cerca de sete meses atrás - que eu estava constantemente olhando para ele no espelho de revisão. Então, eu disse a próxima coisa quase certa: eu disse ok.

CAPÍTULO DEZENOVE

JC

Vamos ver o que ela guarda na gaveta da calcinha. Quero dizer, desde que estou aqui. Eu vou com cuidado, o resto do andar de cima está escuro. Melhor mantê-lo assim.

O que temos aqui? Um pouco de tudo. Fio-dental, biquíni, muita renda. Nada sem fendas. Que pena.

Em seguida, vou para o banheiro e, mais importante, para o armário de remédios. Existem alguns tipos diferentes de cremes, vaselina, tylenol. Uma caixa de Rogaine. Interessante. Um frasco de prescrição pela metade de Ciprofloxacin. Vergonha. Uma Epi-Pen e, ao lado dela, uma pequena garrafa chamada escitalopram. Também conhecida como Lexapro. Oh, Charlotte. Querida. Sobre o que você poderia estar ansiosa?

Uma coisa que está faltando é o controle de natalidade. Mas talvez você carregue isso com você? Eu juro, Charlotte. Toda vez que penso que você descobriu, você revela que não estou mais perto de resolver esse mistério.

Do seu lado da cama repousa uma pilha de livros. Eu sei que você leu. Eles não são para mostrar, não são como a última

mulher que namorei. Fico aliviado ao ver que você não é como ela, que há marcadores presos entre as páginas, cantos com orelhas de cachorro, notas na lombada. Eu gostaria que houvesse mais tempo para ler todos eles. Infelizmente, não tenho muito tempo. Não sei exatamente quanto tempo duram os jogos de basquete do ensino médio, mas é melhor prevenir do que remediar. Agora, desculpe-me enquanto eu verifico seu armário.

É chocante aqui, e não é. Gosto bastante caro para uma aeromoça. Tem que haver pelo menos cinquenta pares de sapatos. Também não é do tipo barato. Manolos, Louboutins, Alexander McQueen, botas Gucci. Onde você os usa? Quando você as veste?

Depois de verificar adequadamente os armários dos Jones e dela, passo para a verdadeira razão pela qual vim. Pousando minha mochila, eu cuidadosamente descompacto seu conteúdo. É quando eu sinto isso, serpenteando em torno dos meus tornozelos, movendo-me pelo tapete, para frente e para trás.

Jesus Charlotte. Por que você não mencionou que tinha um gato?

"Aqui gatinha, gatinha", murmuro quando minha respiração volta ao normal e os cabelos na parte de trás do meu pescoço estão mais uma vez à vontade. Eu coço o ponto entre a orelha e o pescoço. Eu odeio gatos.

Assim que nós dois nos satisfazemos, o que felizmente não leva muito tempo, eu comecei a desembalar as quatro câmeras digitais ativadas por movimento que eu trouxe, cada uma não maior que o cartucho comum de espingarda. Depois de colocá-los onde os quero, conectarei tudo e, com alguns cliques no meu laptop, terei o feed de áudio/vídeo ao vivo transmitido diretamente para o meu telefone. E então eu posso te ver quando quiser, querida Charlotte. Eu posso ver você dormir. Eu posso ver você tomar banho. Deus, espero que você esteja tomando banho. Se nada mais, eu posso ver você simplesmente respirar. Que mundo maravilhoso é esse! Que sorte eu tenho em estar com você.

Antes de sair, faço uma rápida varredura na mesa e no laptop no escritório. Pertence a Michael, e estou assumindo - não - espero encontrar alguma sujeira.

O que eu acho não é nada. Nenhum e-mail com aparência duvidosa. Não há pastas ocultas. Sem pornografia. Seu histórico nem mesmo foi limpo há meses. Sinto muito por você, Charlotte, por ser casada com um homem tão chato.

Meu pulso estremece e olho o relógio. 18:52 Verificando novamente minha bolsa, vejo que não esqueci nada, que não deixei evidências para trás.

Eu alcanço a porta dos fundos quando as luzes na sala da frente acendem. "Mãe? Papai?"

Meus dedos param na maçaneta da porta. Eu poderia ficar, entrar em um dos armários, me esconder debaixo de uma das camas. Os pais não devem deixar seus filhos em casa sozinhos. Sabe-se que coisas terríveis acontecem. Os passos se aproximam. "Olá?"

A voz é pura e doce. E muito jovem. Eu acho que provavelmente deveria ficar. Mas então, lembro das câmeras. Os Jones realmente deveriam estar agradecidos por me manterem de olho nas coisas. Lentamente, giro a maçaneta e deslizo para a noite fria e escura.

CAPÍTULO VINTE

Charlotte

Michael agarra minha cintura, cavando os dedos enquanto me move para frente e para trás, para frente e para trás. Penso nas mudanças na peça antiga ambientada no quintal. A maneira como você pode se mover e se mover sem ir a lugar algum.

Podemos estar fodendo, mas certamente não estamos falando. No meio de nossa pior luta em anos, estamos comunicando nosso descontentamento com mãos pesadas e suspiros longos, lençóis suados e temperamentos breves.

A discussão, no jogo de basquete, que não era apenas sobre uma coisa, mas sobre todas as coisas, deixou um gosto amargo na minha boca. Mas não o suficiente para recusar o sexo.

É tudo que consigo pensar. E teve melhor ajuda. Isso deve ser uma daquelas longas e prolongadas divergências, do tipo que pode levar anos para ser resolvido e muito bem - o tipo que você só pode entender de verdade se já estiver casado há tempo suficiente para se perguntar como inferno, você poderia ter terminado em um relacionamento com uma pessoa que você nem conhece.

Batendo meus quadris em sua pélvis, percebo que ele está certo. É irritante como alguém pode ser tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho. Foi o que ele disse quando viu a mala. Partirei amanhã para uma viagem, apesar de prometer tirar a semana de folga.

Eu não menti. Eu planejei tirar um tempo de folga. Mas isso foi antes de Henry passar a liderança em Dunsmore, de uma fonte muito credível. Além disso, não é como se meu marido fosse completamente inocente também quando se trata de trabalho.

Ainda esta manhã ele me informou que convidou um cliente para nossa casa hoje à tarde, o que ele nunca faz. Dadas as circunstâncias, especialmente com os repórteres ainda acampados no gramado, não o culpo. Isso prova um ponto. Isso me dá influência. O trabalho continuará a invadir, os negócios não param. Não importa a tragédia, o mundo ainda gira, a vida continua.

Michael interrompe meu movimento abruptamente, o que seria irritante em qualquer circunstância, mas agora que eu caí em um ritmo confortável? Verdade? Esta é a hora que ele escolhe falar comigo? Ele repete sua pergunta uma segunda vez. "Por que você se casou comigo?"

"Porque você perguntou", digo a ele sinceramente, mexendo meus quadris. Talvez eu deva elaborar mais, dizer a ele o que ele

quer ouvir, mas não posso fazer isso. Ele tem que se concentrar. Ele tem que me deixar focar. Eu preciso disso.

Desde as filmagens, todos os dias tem sido uma cópia em carbono da anterior. Nada acontece. E quando algo acontece, como o argumento em que estamos, parece ser a única coisa que já aconteceu.

Não foi para isso que me inscrevi. Eu preciso de espaço Eu preciso de espaço para respirar. Eu preciso ir "Foda-se", eu digo, pensando na faca dobrada no colchão, sobre o quanto eu poderia estar disposto a levar isso se ele se recusar. "Podemos conversar mais tarde."

Ele se afasta e depois cai de costas. Usando minhas mãos para pressionar contra seu peito, subo em cima. Seus olhos se fecham, e quando eles se abrem, ele olha para mim como se nunca tivesse me visto antes. "Eu não te entendo."

Eu rolo meus quadris, mudando para uma posição mais confortável. "Não há muito para entender."

“Você não é como as outras mulheres. Eu sempre soube disso” - ele diz com um suspiro. "Mas de repente se tornou mais aparente - e eu não sei..."

Eu não digo nada em resposta; Eu simplesmente me levanto e me abaixo sobre ele, nós dois caindo em uma cadência

fácil. Eventualmente, deixei minha cabeça recuar, mas não sou totalmente afetada por suas palavras. Eles deveriam ser um elogio? “A maioria das mulheres”, ele continua, “elas querem conversar sobre as coisas. Eles querem consertá-las.”

Ele tem razão. Eu nunca entendi as mulheres que recitam incessantemente, insistentes em discutir todas as minúcias que a vida tem a oferecer. Elas sempre pareciam estranhas para mim - mulheres que almoçam com namoradas, são voluntárias na escola, mulheres que passam seu tempo indo e voltando para compromissos intermináveis. Mas agora estou começando a entender. Estou começando a entender como é preencher um dia inteiro sem nada. "Isso é bom?"

Quando ele suspira pesadamente, eu sei que o tenho.

"Porra", diz ele, segurando meus quadris, lembrando-me de não marcar pontos muito cedo. Ele me mantém na posição.

"O que?"

"Isso é tudo que você tem a dizer - você se casou comigo porque eu perguntei?"

É assim que se sente a verdadeira crueldade. "O que você quer que eu diga?"

“Oh, eu não sei, que tal você estar apaixonada por mim? Que tal você ainda está apaixonada por mim - que não pode imaginar sua vida sem mim?”

Eu sorrio para ele. Algo está acontecendo. Michael sempre foi um pouco carente. Mas não assim.

"Você me tirou do chão", eu digo, tirando as mãos dos meus quadris. "Agora, se você me deixar terminar o que começou."

"Você ainda quer estar casada?" Ele sussurra suavemente, depois que eu vim. Foi um orgasmo incrível, abalador da terra, do tipo que deveria resolver as coisas, e às vezes resolve. "Comigo?" É uma pergunta estranha, mas também perfeita.

Procurando em seus olhos, observando-o, eu deito minha cabeça em seu peito. Enquanto conto seus batimentos cardíacos, me ocorre o que tenho que fazer. Percebo que a única maneira de conseguir o que quero, entrar naquele avião, fazer meu trabalho, matar Dunsmore, é ferir Michael no processo. Então eu digo a única coisa que posso dizer, a única coisa que faz sentido. Eu digo a ele: "Não tenho certeza."

CAPÍTULO VINTE E UM

JC

É evidente que interrompi algo e, graças à gravação de vídeo enviada diretamente para o meu telefone, sei exatamente o que. Eu não poderia ter planejado melhor o momento da nossa reunião, nem se tentasse.

Ela parece radiante em pé no centro de sua cozinha. Com os pés descalços, vestindo jeans e um suéter, seu cabelo é mais longo do que eu me lembro. Ligeiramente ondulado, paira frouxamente sobre os ombros, acentuando o fato de que a maquiagem é feita com bom gosto. Ela pertence à capa de uma revista.

"Este é JC Clements", diz Michael. "O cliente de quem falei."

Com um breve aceno de cabeça, estendo minha mão. É um caso bastante singular, estar aqui em sua casa, todos nós juntos. Eu imaginei que isso fosse emocionante, emocionante até, mas não parece nada disso. Os lábios se movem, mas não ouço nada, apenas um zumbido alto nos meus ouvidos. Minha visão se estreita e, de repente, o ar na sala parece insuficiente para me manter vivo.

"Charlotte", diz ela, pegando minha mão. "Um prazer." O calor de sua pele e o som de seu nome força o ar em meus pulmões. A sala para de girar. Sua voz me ancora. Tudo o que eu sempre quis entra em foco vívido. Ela é bonita. Eu quero transar com ela. Eu quero casar com ela. Eu quero que ela tenha meus filhos. Eu decido então. Eu a amo com o tipo de paixão louca que reservo para apenas mais uma coisa na minha vida.

"Sr. Clements queria ver a casa pessoalmente" - ele diz a ela.

Seus olhos enrugam nos cantos, e ela meio que inclina a cabeça e sorri. Ela está curiosa sobre mim, mas não força as perguntas que precisam ser feitas. Ela não diz que me conhece, não sugere que voamos juntos várias vezes. Se ela me reconhece, ela não deixa transparecer. Se ela fica surpresa ao me ver em sua cozinha, ela é muito boa em não demonstrar.

"Que maravilhoso", ela diz com um sorriso tenso, antes de voltar sua atenção para o telefone. Poderíamos ser ótimos juntos, acho, olhando as unhas dela. Sem polimento, eles são aparados de forma organizada, arredondadas e arquivadas, perfeitos de uma maneira despretensiosa. Ela olha de repente e me pega olhando. "Espere..." ela diz, desligando o telefone. "Acho que já nos conhecemos antes."

Olho para Michael Jones. Sua testa está levantada.

"Acho que você está certa." Se há uma coisa que uma mulher gosta de ouvir, é isso.

Sua cabeça se inclina enquanto seus olhos se estreitam. O jeito que ela me avalia parece flutuar no oceano em um dia quente. "Onde?"

"Hum... no ar, eu acho... eu sou uma aeromoça."

"Ah - sim", eu digo, fingindo reconhecê-la. "Você estava no voo para Nova York...?"

"Genebra."

"Oh, certo. Me perdoe. Eu voo muito."

Outro sorriso tenso. "Eu também."

Ela se vira para o marido. "Estou dando uma entrevista", diz ela. "Aqui, na cozinha. Estamos em cinco minutos."

"Uma entrevista?" Ele ecoa, franzindo a testa.

"Sim." Ela morde o lábio inferior. "Sinto muito." Então ela olha para mim como se tivesse acabado de se lembrar de mim ali. "Eu esqueci de mencionar."

"Entendo." Michael Jones examina a cozinha. Ele para quando seus olhos pousam em mim, deixando claro que ele realmente não vê. "Receio que tenhamos que fazer isso rápido."

Seus olhos mudam entre nós dois. Eles contêm universos inteiros. Galáxias sem nome que eu gostaria de explorar. "Sinto muito."

“JC está construindo. Ele acha que pode gostar de algo parecido no lago. Eu pensei em dar a ele a grande turnê.”

Ela meio que assente como se não estivesse ouvindo ou não se importasse.

"É apenas uma casa de férias", eu digo, e como o amor funciona? "Não é a minha principal." Eu deveria calar a boca, mas ela me faz querer conversar.

Estou pensando - não - espero que ela me pergunte o que faço, mas não o faz. Ela não tem chance. Uma das filhas, a mais velha, entra. Ela diz algo para a mãe, que não ouço porque fico impressionada com a aparência das duas, agora que as vejo de perto, lado a lado.

"Devo mostrar a você?" Michael Jones pergunta, chamando minha atenção.

"Eu sempre posso voltar."

"Você se importaria?" Charlotte pergunta, e eu amo que ela tenha estendido o convite. Ao mesmo tempo, Michael diz: "Seremos rápidos".

O lugar dos Jones não parece muito diferente na luz do que no escuro. Embora, com ele, pareça pior do que na câmera. Mas talvez tudo pareça melhor à distância, artificial e estrangeiro. Eu sigo Michael enquanto ele fala sobre os recursos que eu não me importo. A única característica desta casa que eu vim ver está nessa cozinha. Estreitamente, da sala de estar, eu posso vê-la se levantando. "É terrível o que aconteceu", eu digo.

"Sim", ele me diz, um tom triste em sua voz. Seus olhos disparam em direção à cozinha. "Minha esposa ficou bastante abalada."

"Eu posso imaginar."

"Esquecida também", diz ele, quase envergonhado.

Eu assisto a equipe de filmagem e o repórter enquanto eles fazem a contagem regressiva para ir ao ar. Eles fazem perguntas sobre mídias sociais e contas de imitadores e se essa Charlotte Jones é a mesma Charlotte Jones que está se mobilizando, pedindo que outras pessoas se envolvam e tomem o assunto em suas próprias mãos.

Ela me lembra uma versão morena da princesa Diana sentada lá em frente ao repórter faminto. Charlotte tem uma pureza sobre ela, uma boa quantidade de carisma reside naqueles grandes olhos de corça. Tão recatada, ela é. Quase

tímida. Excelente em manipulação. Parte vítima, parte instigadora. Mas é isso que torna a história tão convincente. Sombrio e prematuro, um trágico conto de fadas. "Não", Charlotte diz para a câmera. "Eu nunca."

"O que você acha sobre tudo isso? Os últimos desenvolvimentos? A fama instantânea?" A mulher pergunta. "Você deve ter ouvido falar sobre os clubes de fãs surgindo."

"Tento não prestar atenção a nada disso. Para ser sincera, tenho estado muito ocupada com meus filhos. Ainda estamos um pouco em choque."

A voz do repórter diminui. "Este deve ser um momento muito difícil para sua família."

"Tem sido."

"Você tem algo a dizer - a esses homens e mulheres que estão cometendo atos criminosos - àqueles que atearam fogo nas casas de recuperação - que estão chutando as portas das liberdade condicional?"

"Na verdade não."

Você pode ver pelo rosto da mulher que isso não é o que ela esperava, e definitivamente não é a resposta que ela estava

esperando. A ambiguidade dificilmente produz uma boa televisão. "Na verdade não?"

"Bem", diz Charlotte. Ela chupa o lábio inferior entre os dentes como se fosse uma manobra que ela praticou. “É só que você tem que ter cuidado. Suponho que seja a coisa mais importante a lembrar. Quando ouço esses relatórios - isso me lembra... você precisa pensar como um criminoso - e a maioria das pessoas não...”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Charlotte

É altamente provável que desta vez amanhã estarei morta. Isso significa que, se tiver sorte, ainda tenho vinte e quatro horas para realizar uma vida inteira de trabalho. É por isso que estou acampada no chão de Hayley, observando-a dormir, planejando meu próximo passo. Acontece que há muito em que pensar quando se considera o fim da sua vida. É como fazer as malas para umas férias distantes, apenas uma da qual você não volta.

Eu sempre soube que isso estava no reino das possibilidades para mim. Só não achei que isso acontecesse tão cedo. Mas então, ninguém faz. A morte geralmente se aproxima de você dessa maneira.

Somente nos últimos seis anos, a agência em que trabalho perdeu oito agentes, cinco deles sem atrito. Eles estavam dentro de empregos. Eu sei.

Eu lidei com três deles.

Esse show não é um jogo de soma zero, nem é justo. Não é assim que o mundo funciona, não importa em que as pessoas acreditem.

Esse é o problema da sociedade. Se a pessoa comum soubesse que o que provavelmente minhas últimas horas andando pela terra serão gastas com escória como Geoffrey Dunsmore, em vez da minha família, eles diriam que eu era a louca. Obviamente, não é segredo que a maioria das pessoas é idiota.

Mas ainda. Não gosto de deixar as coisas inacabadas. E, claro, eu admito. É um pouco de vingança pessoal. Se não fosse Geoffrey Dunsmore trazendo sua presa para o meu voo, eu nunca estaria naquele supermercado, e nada disso teria acontecido.

Minha vida não teria se revelado. Eu não teria sido exposta.

Mesmo sem restrições extremas de tempo, ao lidar com um trabalho, há muito espaço para erros. Não é como você vê nos filmes. Às vezes você não consegue matar. Não imediatamente. Mesmo se você tiver uma vida inteira, que após as últimas séries de eventos da minha vida, é bem claro que não tenho mais.

É nisso que estou pensando há horas hoje à noite enquanto me movia entre os quartos das meninas, olhando para elas

enquanto dormiam. Não gosto de pensar que é a última vez que as vejo, mas a realidade da situação - a natureza do meu trabalho - sempre significou que cada viagem poderia muito bem ser.

Eu as imagino como bebês, as noites intermináveis, quase como esta. Eu as imagino como crianças, os dias que antes pareciam durar para sempre, agora se foram. E enquanto sinto algo semelhante à tristeza, mais do que tudo, sinto-me incrivelmente grata por ter ficado tanto tempo.

Eu nunca quis ser mãe. Mas então Sophie nasceu, e fiquei surpresa ao descobrir que não odiava. Não foi instantâneo. Nunca tive a sensação avassaladora que ouvi outras mães descreverem. Eu não pensei que ela era algo que eu não poderia viver sem. Mas a proteção feroz, o desejo de vê-la se destacar na vida, sempre presente.

Meu telefone vibra ao meu lado, um lembrete de que outro vídeo apareceu. Mais meninas sendo mantidas contra sua vontade. Mais garotas sendo negociadas e vendidas como animais. Mais garotas sendo estupradas. Mais garotas morrendo. Equilibrando meu laptop no joelho, ligo, diminuo o brilho e coloco os fones de ouvido.

O vídeo começa com uma foto de um quarto vazio. Há uma cama de solteiro e uma espreguiçadeira, uma cômoda e mesinha de cabeceira. O edredom é rosa, a fronha decorada em renda. É

evidente que estou olhando para o quarto de uma criança. A câmera se move trêmula, girando para fora e depois há apenas escuridão. Quando a imagem entra em foco novamente, ela se move rapidamente através de um arbusto. Uma janela do quarto aparece. A câmera gira para trás e diminui o zoom quando uma garota vestindo uma calcinha aparece. Ela está nua da cintura para cima. Uma toalha azul está enrolada na cabeça dela.

A sala se enche de luz suave quando ela acende uma lâmpada na mesa de cabeceira. Há uma pintura de um cavalo branco na parede e um livro no pé da cama.

A câmera entra quando ela deixa cair a toalha. Ela parece considerar algo por um momento e depois se move para buscá-lo. Ela coloca sobre a poltrona no canto. Mais perto da luz, posso ver que sua calcinha é roxa, seus seios inexistentes. Cabelo loiro arenoso, rosto longo e angular. Ela não pode ter mais que onze anos.

A câmera se move lentamente para trás, enquanto um galho de árvore se move na frente da lente. Quando o quarto entra em foco novamente, há um homem na janela. A garota está de costas para ele, braços cruzados sobre o peito. Ele se aproxima da garota e depois espia a escuridão, sorri e, quando a satisfação passa por suas feições, ele fecha as cortinas. É Geoffrey Dunsmore. Ele está ciente de que eles estão sendo vigiados, e ele agradece.

Não sou ingênua o suficiente para pensar que matar Dunsmore, ou qualquer outro pedófilo, acabará com vídeos como o que acabei de assistir. Mas esse nunca foi o ponto. Há apenas uma coisa que pode combater o mal, e não é o que a maioria das pessoas pensa.

Se eu não matar de novo, e em breve, vou espiralar ainda mais nesta toca de coelho em que escorreguei. Vou continuar dando entrevistas, continuar treinando estranhos na internet e colocando minha família em risco.

Não sei se me surpreende ou não que sou como minha própria mãe dessa maneira, alguém que poderia trocar tão facilmente esta vida, essa família, por outra, sem esforço, do jeito que você pode provar um sanduíche de presunto para a Turquia.

Suponho que esteja no meu DNA. Meu pai entendia isso toda vez que se preparava para o trabalho, toda vez que saía pela porta. Estava lá em seus olhos, a tristeza de fazer algo que ele amava, sabendo o risco de nos perder, pesando os dois cada vez que colocava seu distintivo.

E, finalmente, não foi uma luta justa. Dois meses antes de Sophie nascer, meu pai foi morto no cumprimento do dever. Não foi uma coisa dramática - ele foi despachado para um bar local

para terminar uma briga. Um bêbado lançou uma lanterna para alguém, atingindo meu pai no processo, fraturando seu crânio em três lugares. No hospital, embora inconsciente, ele parecia com ele mesmo. Pacífico e talvez um pouco divertido, sua expressão era fixa.

Horas transformadas em dias. Quando acariciei sua mão desgastada, ele cheirou a cerveja e o lixo que havia pousado. Mesmo que eu o tenha lavado, assim como a enfermeira me mostrou, aquele cheiro, tão diferente do meu pai, nunca foi embora. Oito dias depois, ele morreu de um sangramento cerebral.

Foi um alívio deixar aquele quarto de hospital, aquele cheiro, aquela expressão fixa. Mas a partir daquele momento tudo foi diferente. Tudo o que eu já pertencia, ou que me pertencia, estava morto ou desaparecido. Tudo, exceto o bebê que eu estava carregando e o estranho com quem eu havia concordado em casar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

JC

Meu coração bate tão rápido que me tira o fôlego. Que ironia é isso, penso, ao ouvir os passos vindos de trás, contando-os quando atingem a calçada. Eu estou seguindo ela. Ele está me seguindo.

Memorizando o ritmo de seus passos, ouço enquanto um por um eles combinam com o meu. A julgar pelo baque com que atingiram o chão, sei que ele acelerou. Eu sei que ele está perto.

Por que esse homem está me seguindo, não faço ideia. De qualquer forma, às 1:44 da manhã, quando você está em um parque escuro e vazio nos arredores da cidade, por que isso se torna irrelevante, porque, seja qual for o motivo, não pode ser bom.

Não é assim que as coisas devem acontecer, eu penso, apertando meu aperto ao redor da base da faca. Eu firmo minha respiração e, enquanto corro a frieza da lâmina pela ponta dos meus dedos, expiro audivelmente. Na minha próxima inspiração, me preparo mentalmente para um possível confronto e depois diminuo o ritmo e espero.

Ele também diminui a velocidade antes de mudar de ritmo. A cada passo adiante, sinto-o ali, escondido nas sombras, não muito atrás, e o pensamento de nos encontrarmos cara a cara não me emociona exatamente.

Eu posso sentir que ele está se segurando, então eu paro abruptamente e me viro - certo de que, se eu virasse à minha esquerda, eu poderia alcançar e tocá-lo. Somente quando eu faço, não há ninguém atrás de mim. Ou pelo menos, não que eu possa ver.

Ele está lá, tenho certeza. Embora eu não possa ver nada, nada além de alguns centímetros na frente do meu rosto, eu posso sentir seu corpo esquentar.

Um silêncio morto preenche o ar, e mesmo quando eu me esforço para entender o que está ao meu redor, não ouço nada, exceto a corrente intermitente do vento.

Por um segundo, estou irritado com a relutância dele em se mostrar. Eu me imagino nos encarando, um cenário que termina comigo subitamente estalando seu pescoço. Ele não apenas interrompe meu sono de maneira grosseira, como também está sendo desleixado com isso. Ele não deveria estar aqui - ele não deveria estar envolvido com ela. Ele não deveria estar me seguindo.

Dando um passo para trás, digitalizo as bordas escuras da área arborizada, além do ponto em que o brilho suave dos postes da lâmpada toca.

Cuidadosamente, começo a me virar e a voltar por onde vim. Acho que se ele não se mostrar, vou me retirar para o calor e a segurança do meu caminhão e esperá-lo sair. Dou apenas dois passos antes de senti-lo se aproximar. Eu ajusto firmemente a base da faca na palma da minha mão, reforçando meu aperto, e de repente, suas mãos estão em mim. Com uma mão contra a minha boca, a outra em volta dos meus ombros, ele me arrasta para trás em uma fileira de arbustos grossos.

Não é nem remotamente como essa noite deveria ir, eu acho, resistindo contra ele, utilizando todo o meu peso corporal enquanto tento enfiar o pé em sua canela. Infelizmente, ele é rápido. Ele se esquiva, e eu não faço nenhum progresso para me libertar. Trazendo a faca ao redor do meu corpo, onde pretendo mergulhá-la no braço que ele colocou em volta do meu pescoço, apunhalo o ar, perdendo a chance. Na briga, nos movemos para os lados, para fora do mato e para o caminho, onde ele me solta e se afasta.

Demora milissegundos para o meu cérebro registrar completamente o que estou vendo, mas no escuro o metal

brilhante do revólver apontado para a minha cabeça é inconfundível.

Eu mantenho minhas mãos para cima. "Fácil", eu digo, meus olhos se ajustando à luz do poste. Mal consigo distinguir o rosto dele, muito menos as feições dele, mas consigo ouvir facilmente a respiração dele. Ele não está em pânico. A mão dele está firme.

"O que você quiser, pegue", digo a ele, mas sei que vou morrer.

"Você", diz ele, acendendo uma lanterna no meu rosto, me cegando. “Você coloca câmeras na casa dela.” Ele amplia sua postura e firma sua arma. "Seu bastardo doente."

Eu me arremesso para o lado quando ele dispara a arma e, em seguida, saio correndo na direção oposta. O som viaja rápido no frio, e o som que ouço é um alívio, mil orações atendidas. A pistola falha.

Minhas pernas queimam, a vegetação rasga nas minhas calças, mas eu continuo. Ofegando por ar, encho meus pulmões, tentando maximizar o oxigênio na corrente sanguínea. Isso ajudará a superá-lo.

Mas não é suficiente. Eu o sinto ganhando terreno. Percebo pela maneira como os pelos da nuca se arrepiam. De repente, sinto tudo - desde o céu sem lua até a espessura da minha

respiração no ar, sinto tudo. A escuridão que nos rodeia é assustadora, e eu também sinto isso, e então ele está em mim, me levando ao chão. Eu não luto contra ele no caminho. Eu não resisto. Em vez disso, trabalho com seus movimentos rápidos.

Usando meus dedos para distinguir os contornos dos músculos endurecidos de sua coxa, mais uma vez firmo a faca e respiro fundo. Na expiração, mergulho a lâmina no que espero ser sua artéria femoral. Está escuro, então eu puxo a faca para trás, sentindo-a roçar ossos. Habilmente, eu mergulho mais uma vez. Ele cambaleia para frente e depois de joelhos, antes de cair pesadamente no chão. Quando o movimento cessa, sei que fiz o corte certo e, finalmente, não ouço mais sua respiração ofegante.

É então que outra coisa me chama a atenção - o barulho de cascalho, o som inconfundível de passos, subindo o caminho.

Eu começo em direção ao conjunto mais próximo de arbustos, me escondendo atrás deles. Dobro, descanso as mãos nas coxas e tento ficar calado. Meus dedos das mãos e dos pés zumbem e meu peito está latejando, pedindo silenciosamente um gigantesco soluço de inalação.

"Henry?" Ela diz, calmamente. “Henry! Oh meu Deus."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Charlotte

Observando meu reflexo no minúsculo espelho do banheiro no avião, estou irreconhecível. Desta vez, não é o cabelo, a maquiagem ou o uniforme. Está nos olhos, embora não tenha nada a ver com os contatos coloridos que estou usando.

Limpando as lágrimas, passo cuidadosamente minhas pálpebras, preocupada em desfazer todo o esforço que acabei de colocar. Meu rímel certamente escorrerá.

Enfiando um pouco de corretivo debaixo das pálpebras, verifico minha aparência mais uma vez.

Nesta linha de trabalho, é sempre importante lembrar-se de quem é o inimigo. Para mantê-lo na vanguarda de sua mente e aprofundá-lo profundamente, para que, quando chegar a hora, haja poucas dúvidas, não haja recuo.

Mas desta vez... bem... desta vez o inimigo sou eu mesma.

Henry está morto. Eu muito bem deveria estar. Quem o matou também estava mirando em mim, mas eu estava atrasada e, por qualquer motivo, inevitavelmente poupada. Eu podia sentir

os olhos em mim; estava claro que eu estava sendo vigiada e Henry tinha marcado o encontro para fazer a queda, detalhes e instruções para o golpe em Dunsmore, que eu pude recuperar dele, depois que ele sangrou na terra. Muitas vezes, ele mantinha um pedacinho de papel colado no fundo do relógio. Desta vez, estava dentro de seu sapato. Quando eu pedi para ele enviar por e-mail as informações que ele recusou, dizendo que havia algo que ele queria discutir comigo, e eu tive a impressão de que era importante, o tipo de informação que ele não queria que a agência ou qualquer outra pessoa para colocar as mãos.

Por razões óbvias, eu estava preocupado que fosse uma armadilha - que Henry me atraísse para aquele parque, que eu me tornara sua marca -, então fiquei para trás e o esperei sair, e é por isso que estava atrasada.

Quem quer que estivesse lá pretendia nos matar. Aquilo me atingiu naquele parque - eu não podia ir para casa. Não então, nunca mais. Fazer isso seria a morte certa para minha família. Eles estarão vigiando a casa. Daí as lágrimas. A melhor coisa que posso fazer agora é ficar o mais longe possível e aguardar notícias da agência. O próximo passo pode vir na forma de uma bala ou na forma de informação.

Até lá, tenho que executar minha tarefa atual conforme programado e continuar normalmente. Ou pelo menos

fingir. Quinze anos bons que dei à agência. Inúmeras mortes. Um número ímpio de mortes. Agora, sou eu quem eles querem. Primeiro, eles pegaram Henry.

Henry foi a coisa mais próxima de um amigo de verdade que eu já tive. É minha culpa que ele esteja morto. Ele veio me avisar, me ajudar, e o deixei morrer.

É apenas uma questão de tempo até que eles me encontrem e me matem. Minha morte será explicada facilmente, um trágico acidente que ocorreu durante uma viagem de trabalho. Se minha família for poupada, o dinheiro do seguro deve servi-los bem.

Meu queixo treme quando mais lágrimas ameaçam transbordar. Sou grata por nunca ter confiado em Michael. Foi a melhor decisão que já tomei. Toda e qualquer mentira. Todos esses anos, tantas vezes eu poderia ter escapado facilmente. Eu nunca fiz. E por isso estou orgulhosa.

Por falar em orgulho, verifico meu reflexo mais uma vez e penso no que quero deixar para trás, nas coisas que preciso reparar e em terminar o que comecei.

Homens como Geoffrey Dunsmore não são fáceis de ficar sozinhos. Não que eu tenha que tê-lo sozinho. Neste ponto, suponho que não importa. Mas isso torna mais fácil.

Voar para Paris sem Henry, embora maravilhosamente calmo e quase pacífico, parece triste e errado. O interior do jato está agradavelmente vazio e eu afundo no meu assento, exausta. A decolagem está atrasada e o crepúsculo já cai quando a aeronave finalmente levanta as rodas, chega à cidade cintilante e segue seu caminho para Paris.

A França sempre evoca lembranças de Dan, o piloto. É onde nos conhecemos, é onde nos fodemos, e se meus cálculos estão corretos, é onde Sophie foi concebida.

Por acaso também é onde eu o matei.

Eu não queria que isso acontecesse. Na verdade não. Pobre Dan. Ele tinha um fetiche de ser meio sufocado. Ele gostava que eu pressionasse e segurasse sua artéria carótida apenas o suficiente para leva-lo à beira, até o limite da consciência. Ele gostava de couro; ele gostava de ser amarrado. Ele gostava de se colocar em situações perigosas, e eu sempre estava mais do que ansiosa para ajudar.

Não houve variação com Dan. Ele era conhecido entre nossos colegas por seus flertes, suas incessantes posições de uma

noite. Às vezes, como acontecia comigo, Dan pegava um uniforme e pendurava neles, até o brilho desaparecer, ou no meu caso, até que eu me tornasse um passivo.

Não havia escassez de avisos no meu caminho. Às vezes, vinham na forma de histórias, outras, em olhares de piedade. Eu estava determinada a provar que todos estavam errados.

Naquela viagem, logo antes do nosso voo final, depois de nos envolvermos em sua maneira ritual de sexo, ficamos lado a lado no quarto de hotel de Dan. Falando sobre o futuro - ou melhor, Dan falou e eu ouvi. Ele não tinha a intenção de deixar escapar, mas tinha. Ele não estava voltando para os Estados Unidos comigo e com a equipe. Ele não estaria nos EUA quando o aborto fosse agendado ou acessível por telefone, mas disse que eu poderia enviar um e-mail, se quisesse. Ele explicou que estava viajando para a Itália, em uma viagem de aniversário com sua esposa. Seus filhos estavam programados para encontrá-los no meio do caminho, pois havia um período prolongado de férias para celebrar a formatura de sua filha. Enquanto ele discutia a logística, havia algo na maneira como ele disse isso que me fez perceber que eu não estava no futuro dele. Eu era apenas uma diversão ao longo do caminho.

No aeroporto, costumo entrar e sair de passageiros cansados, tomando cuidado para vigiar a vigilância. A melhor maneira de perceber se você está sendo seguido é seguir em frente. Seguir uma pessoa é realmente mais uma arte do que uma ciência, e a tradição de vigilância não é exceção. Como tocar violino ou correr uma maratona, leva tempo e prática para se tornar um praticante de vigilância hábil. Para minha sorte, a maioria das pessoas envolvidas em espionagem simplesmente não dedica o tempo necessário para dominar essa habilidade. Por causa disso, eles têm uma técnica terrível, usam procedimentos desleixados e não têm sutileza quando estão seguindo pessoas.

Henry me ensinou o melhor. A vigilância é na verdade uma atividade não natural, e uma pessoa que participa dela deve lidar com fortes sentimentos de autoconsciência e de estar fora do lugar. As pessoas que conduzem a vigilância frequentemente sofrem do que é chamado de "síndrome de queimadura", a crença errônea de que as pessoas que estão assistindo as viram. Sentir-se "queimado" fará com que os vigilantes façam coisas não naturais, como subitamente voltar para uma porta ou virar-se abruptamente quando inesperadamente ficarem cara a cara com o alvo. Pessoas inexperientes na arte da vigilância acham difícil controlar essa reação natural. Mesmo aqueles de nós que são experientes agentes de vigilância ocasionalmente têm a sensação de serem queimados; a diferença é que recebemos muito

treinamento e somos mais capazes de controlar nossa reação e trabalhar com ela. O mais importante é manter um comportamento de aparência normal, mesmo quando seu interior está gritando que a pessoa que você está pesquisando o viu.

Quanto mais eu conseguir parar, pausar e examinar meu entorno, mais fácil será detectar a vigilância. Então, entro no banheiro do aeroporto e me refresco, adicionando óculos de armação grossa ao meu repertório.

Eu coloco a peruca loira no lugar, reorganizo várias mechas de cabelo erradas e, finalmente satisfeita, sorrio para o meu trabalho manual. Dada a distância da minha cor natural, fico surpresa de não parecer tão ruim. Quando minha expressão se suaviza, mais uma vez ficando frouxa, pareço cansada e inútil, e no final muito comum, o que pode ajudar.

Eu não me pareço com Charlotte Jones nem um pouco.

Em vez de pegar um ônibus para o hotel, peguei um táxi. Em um táxi, será mais fácil identificar se estou sendo seguida. Posso dar instruções ao motorista, mudar de direção, direcioná-lo para onde quero que ele vá, sem precisar perder o rabo.

O motorista olha para mim pelo retrovisor de uma maneira que me deixa desconfortável. Embora o voo através do Atlântico seja oficial, um trabalho real, transportando um empresário de

verdade e a agência queira que esse trabalho seja realizado, nunca se pode ser muito cauteloso. Então, dou um tapinha na pistola da minha bagagem, um lembrete de que todos podem ser iguais, caso eu precise.

Ele fala em francês quebrado em um telefone celular, e eu entendo que ele está tendo uma discussão com o filho.

Voltando minha atenção para a janela, olho para a cidade da luz. Eu sempre odiei Paris, mas odeio mais no inverno. Talvez eu odeie mais, porque é o tipo de lugar que se deve amar. Não sinto nada disso. Há muitas pessoas e não há uma única razão para se sentir sozinho.

Hoje à noite, a última coisa que quero é ficar sozinha. Estou em uma missão, e essa missão, e estar em Paris, me faz querer dançar. E então eu faço.

Eu a encontro na pista de dança, macia e suada, cerca de cinco minutos depois do auge. Cabelo escuro, olhos atentos. Ela fala apenas francês. Eu, quase nenhum. Ela é meu contato. Ela sabe coisas que eu preciso saber. O resto esqueço. Não importa o amanhã de qualquer maneira.

Ou mais tarde no meu quarto de hotel.

A atmosfera no quarto é pesada, com uma pitada de lavanda no ar. O tapete pálido sob meus pés é macio e grosso.

Agora que estamos aqui no meu quarto de hotel, tudo parece um pouco mais sério; a sexualidade que eu havia jogado livremente na boate parece subitamente perigosa. Nada na vida é gratuito, informações incluídas.

O ato físico é bastante fácil, principalmente mecânico quando se trata disso. Se beijando. Dedos. Estimulação oral e manual. Está tudo agindo, realmente. E daí que às vezes você gosta do trabalho? Ainda assim, eu me pergunto o que perderia se seduzisse essa mulher. Nada, eu percebo. Não há nada que possa ser tirado de mim que ainda não tenha sido tirado.

Depois, nua, ela se senta em uma cadeira, como um gato preguiçoso, e fuma um cigarro. Não é um quarto pequeno, fiquei em situação pior. Ainda assim, ela ocupa muito espaço. Ela quase não disse uma palavra, o pouco sexo que tivemos foi horrível, e não tenho certeza se já odiei mais alguém. Ela diz algo em francês, algo universal, algo como há quanto tempo você está aqui? Quando posso te ver novamente?

Eu ofereço apenas duas palavras em resposta: Geoffrey Dunsmore.

Ela torce o nariz, parece momentaneamente surpresa, antes de exalar uma espessa nuvem de fumaça no ar.

Outro motivo para odiar Paris. Todo mundo fuma.

Vestindo a túnica do hotel, vou até onde ela está sentada e mostro a foto dele no meu telefone. Ela sabe que sei que o conhece. E eu sei que ela sabe como e onde localizá-lo. Os dois têm um tipo de relacionamento. "Eu preciso encontrá-lo."

Ela encolhe os ombros e murmura alguma coisa em francês.

"Você pode me dizer onde ele fica?"

"Isso eu não sei."

Sorrio, atravesso a sala e coloco o telefone na mesa. Adoro quando as pessoas fingem não falar o seu idioma, mas obviamente o fazem. Isso torna as coisas simples.

"Ele é amigo de um amigo", digo a ela. "Eu acho que ele é seu amigo também, não?"

“Passamos um tempo juntos. Sim."

"Você sabe onde eu posso encontrá-lo?"

Ela dá uma longa tragada no cigarro e depois encolhe os ombros enquanto vira o rosto para o teto e exala. "La Tempête, talvez."

Largando o roupão, vou até ela e coloco minhas mãos suavemente no lado do rosto dela. "Merci".

Inclinando-me e beijando-a na boca, suspiro. Ela tem gosto de cigarros velhos e mentiras fáceis. "Você foi maravilhosa."

Minhas mãos seguram seu rosto esbelto enquanto ela dá uma longa tragada em seu cigarro. Antes que ela tenha a chance de expirar, eu estalo seu pescoço.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Charlotte

O clube é tudo o que eu esperava. Quando você já viu um desses, praticamente já viu todos. A decoração é de veludo preto e detalhes dourados, a síntese de luxo e conforto evidente em todos os detalhes. Você pode dançar, beber e - se seus bolsos forem fundos o suficiente - tenha o que for mais adequado ao seu gosto. Com seu interior incrível, que combina móveis antigos com uma atmosfera moderna, todas as paredes são decoradas com espelhos, o que torna o clube mais interessante, principalmente quando distorcem os corpos das pessoas que se contorcem na pista de dança.

Já são as primeiras horas da manhã quando chego. Eu só tenho algumas horas até a luz do dia quando os vampiros que frequentam esse tipo de lugar ficam cansados e levam a festa para outro lugar, recuando para seus respectivos clãs.

As horas estão pesando em mim. Tenho uma longa noite pela frente e estou com o jet-leg como está.

Já dediquei um dia de trabalho e mais um pouco. É preciso muito para tirar um cadáver de um quarto de hotel. Não sei o que

estava pensando. Nós realmente deveríamos ter ido para a casa dela.

Para fazê-la caber na minha mala de bagagem enorme, tive que quebrar as duas pernas e um dos braços. Não sei o que teria feito se ela não fosse pequena. É um pequeno milagre que ela esteja em boa forma, mesmo para os padrões parisienses.

Eu a rolei direto pelo saguão e entrei na noite. Enquanto eu caminhava ao longo do Sena, pensei em sua língua dançando com a minha, seus dedos delgados, seu sorriso raso, e me perguntei quem poderia sentir sua falta.

Liguei para casa e falei com Michael e as meninas. Eles estavam ocupados vivendo suas vidas, brigando entre si, enviando mensagens instantâneas sem sentido. Não basta parar e falar comigo. Sou mãe deles, esposa - sempre haverá amanhã. Aos olhos deles sempre serei um fato. Eles não têm ideia de que essa pode ser a última vez que ouvem minha voz. Isso me faz pensar com quem a mulher na mala falou pela última vez por telefone. Isso foi importante? Era alguém que ela amava? Eles fizeram valer a pena?

Perguntas inúteis da minha parte. Eu digo às garotas que as amo e Michael também. Depois, desligo o telefone e, quando tenho certeza de que ninguém está olhando, simplesmente chuto a mala na água escura e fria. Sem dúvida, a mala vai aparecer com o

tempo. A autópsia determinará a morte dela como um assassinato, mas até lá, estarei muito longe.

[redacted]

Geoffrey Dunsmore não está presente hoje à noite, mas não há escassez de outras pessoas para olhar. Existem corpos por toda parte. Nus, os jovens e os bonitos e aparentemente inquietos.

É preciso falar com seis pessoas antes que eu tenha um endereço em mãos.

Quando termino meu copo de vinho branco, procurando o endereço no meu telefone, olho de vez em quando, parando para ver os clientes participando de várias formas de sexo. Até onde eu sei, não há rima ou razão para duas ou mais pessoas se associarem, e com o humor certo, isso pode me excitar. Pode até me deixar um pouco com saudades de casa, todos os corpos contorcidos, suados e ansiosos. É uma pena que nenhum deles seja o que eu quero.

[redacted]

Ouvindo o clique da fechadura, meus olhos demoram um segundo para se ajustar enquanto a luz suave inunda a sala. Consigo distinguir duas sombras através da fenda que me resta, então abro a porta um pouco mais. Desta vez, é a minha vez de assistir.

Dunsmore se vira para a garota e coloca o braço sobre os ombros dela. Ele a beija levemente na boca e passa a mão na bochecha dela. Então ele a puxa para mais perto e a beija bruscamente.

Dunsmore se afasta e olha para ela através dos olhos fechados. Desejo puro, mal contido.

A garota é jovem, mas não tão jovem quanto as do vídeo. Esta pode até ser maior de idade, mas não muito. Meu corpo está tenso, mil nervos expostos. A sensação no meu estômago está doente, rolando como o oceano durante uma tempestade.

Pelas portas do armário, observo enquanto ele joga a jaqueta no chão e começa a procurar os botões da camisa. Eu estou escondida, presa aqui há horas, minha bexiga dolorosamente cheia, minha cabeça tonta por causa do ar viciado e falta de oxigênio.

Inclinando-me para frente, vejo a garota entrar em foco. Ela chega atrás dela e abre o zíper do vestido, deixando claro que essa não é sua primeira dança com Geoffrey Dunsmore. É evidente em seus olhos. Ela está ciente de seu fascínio. Ela ocupa o espaço que habita com confiança. Ela aprendeu a usar seu corpo; a questão é se ela realmente quer ou não, quanto disso é um ato.

Livre do vestido, a garota cai de costas na cama, apoiada pelos cotovelos, nua, exceto por uma calcinha. Dunsmore caminha lentamente em sua direção, pega a perna pelo tornozelo e a puxa para a beira da cama. Ele coloca o pé dela na boca e chupa o dedão do pé antes de mover lentamente os lábios sobre o resto do pé, girando a língua ao longo do arco, aninhando o rosto nele.

Isso continua para sempre, enquanto minha bexiga grita comigo, até que finalmente ele coloca a perna dobrada da garota na cama com um tapinha e desliza em direção à cabeceira da cama como a cobra que ele é. Ele está ansioso, com a boca trabalhando duro, até chegar ao ponto máximo da parte interna da coxa dela. Registro o som, o rasgar da calcinha, o som rítmico do colchão.

À medida que o balanço se torna mais alto, irregular e menos previsível, sei que essa é minha chance. Seguindo o ritmo do grunhido de Dunsmore, empurro a porta do armário para a frente e lentamente saio.

Ele está em cima da garota, bombeando para longe. Eu ando na ponta dos pés pelo quarto. O bufar cresce quando ele se move mais e mais rápido. Além do brilho amarelo pálido que cintilava pela sala, os gemidos e a tapa na pele, estou surpresa por me sentir calma e no controle.

A parte traseira nua de Dunsmore entra em foco quando eu enrolo o fio firmemente em volta dos meus punhos. Vou para a cama, como um gato, e, ajoelhando-me sobre ele, coloco o fio de aço em sua garganta. Soa como percussão enquanto eu o aperto, cortando sua carne. Ele bate nas minhas pernas, batendo como um peixe fora d'água, enquanto suas mãos lutam por sua garganta. Eu posso senti-lo puxando, puxando o fio, embora ele seja incapaz de avançar, porque quanto mais ele luta, mais eu puxo.

Com um puxão para cima, o arame de aço roça sua traqueia, e sinto uma ligeira queda em sua carne. Meus olhos encontram os da garota. Ela olha sem entender para mim, com a boca aberta.

Seus dedos se movem como se ele estivesse tocando uma música frenética de piano, tentando desesperadamente consertar o fio. Com o tempo, seu corpo começa a convulsionar, tremendo violentamente como um filhote de cachorro tentando balançar a liderança.

A menina começa a empurrar seu peito, se contorcendo para se libertar, tentando desesperadamente evitar o sangue que está chovendo sobre ela. O sangue do pescoço cortado de Dunsmore pinta o rosto, o peito e as mãos da menina. Mesmo quando a convulsão começa a diminuir e diminuir, o burburinho continua.

Eu não solto o fio, permitindo que ele se mova através de sua carne, através de sua traqueia, cortando seu pescoço na extensão que a força da parte superior do meu corpo permitirá.

Geoffrey Dunsmore não é um homem pequeno. Meus braços doem, minha garganta queima, a respiração é superficial e vem rapidamente.

Quando os tremores começam, não tenho certeza se são dele ou meu, mas, eventualmente, seu corpo estremece como um carro velho sem gasolina, e então a sala inteira fica quieta.

Por um minuto inteiro, a garota olha para mim antes de se mover para o canto mais distante da cama, cobrindo-se, encolhida no canto como um animal assustado.

Subo sobre o cadáver, procuro seu braço, seu pulso enfiado cuidadosamente sob sua barriga gigante. É preciso algum esforço, mas eu consigo contorná-lo. Rapidamente, tiro o relógio. A menina começa a chorar, produzindo soluços enormes. Somente quando eu o levanto, ela faz uma pausa. "Um Rolex, é claro", eu digo, e então sorrio, pensando que Henry ficaria orgulhoso.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

JC

Foram vinte e quatro horas bastante difíceis. Primeiro, eu a segui até a França, onde aprendi que ela não apenas gosta de clubes sexuais, mas também gosta de homens velhos. Decepcionante para dizer o mínimo.

É por isso que você não pode deixar as pessoas com seus próprios vícios.

Isso ficou aparente quando a observei em Paris, de um ponto de vista do outro lado da rua. Ela usava uma peruca loira curta e maquiagem pesada para os olhos, coberta por óculos de armação grossa, tornando óbvio que ela não queria ser reconhecida.

A peruca caiu agradavelmente em torno de seu rosto e uma carranca pesada brincou em seu rosto. Ela se mexia com frequência, aludindo a uma sensação de nervosismo que só poderia ser explicada por estar em um país estrangeiro, sozinho, à noite.

Ela é o tipo de mulher que não suporta ficar sozinha, algo que eu acho adequado ao meu gosto. Esse conhecimento se

manifestou quando a vi pegar uma mulher na pista de dança e levá-la de volta para o quarto. Ela é cheia de surpresas. Eu queria estar dentro daquele quarto de hotel, queria ver como ela era quando estava sem roupa, quando fazia amor, quando pensava que ninguém estava olhando.

Eu me acostumei a esse privilégio, e ali naquela esquina, sob o frio e a garoa, não pude deixar de me sentir traído.

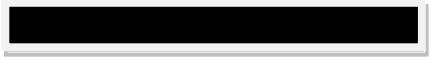
Esperei muito tempo naquele canto, parado no escuro, antes de desistir. Temendo ser notado, fui para o meu quarto, parando primeiro na recepção, onde paguei à atendente que me mandasse uma mensagem de texto se e quando Charlotte saísse do quarto.

As mulheres estão tão dispostas a vender outras mulheres. Ela não faz ideia. É por isso que ela precisa de mim. É por isso que ela precisa ter cuidado. As pessoas farão quase tudo por um dinheirinho.

Não sei se fiquei surpreso ou não quando o texto chegou. Observando-a passear pelas margens do Sena, fiquei preocupada com a segurança dela. Ela trouxe sua mala, o que não ajudou em sua causa. Ela parecia uma turista. Ela estava distraída, com o nariz no telefone. Eu estava preocupado que ela tivesse decidido voltar mais cedo, mas então ela chutou a mala na água, e eu percebi que tinha muito mais com o que me preocupar do que ficar para trás.

O que você está fazendo, Charlotte? Eu pensei quando a vi entrar naquele clube decadente. Vê-la lá, vendo-a nesse contexto, fez com que algo em mim mudasse. Ela é esposa e mãe, mas está agindo como uma prostituta. Eu senti uma raiva crescendo. Talvez houvesse o sentimento de injustiça, um nível de decepção que eu estava começando a entender. Talvez ela não possa ser o que eu quero que seja. Talvez ela não possa ser o que alguém quer que seja.

Tudo o que sei é que só há uma maneira de descobrir.



Ela sentia que as coisas estão prestes a mudar - que a vida como ela a conhece está precariamente em risco? Ela pode sentir meus olhos nela? Ela tem um sexto sentido quando se trata de monstros? Pensar nisso me faz feliz. Perversamente, há uma parte de mim que espera que ela possua um senso extra para detectar o mal. Mas eu a observo há semanas; Eu sei que ela está completamente alheia à minha presença. Mesmo quando ela sabe que eu existo no mesmo espaço, ela permanece fixa em seu próprio mundo, me banindo facilmente para a periferia.

Da França, ela organizou meu voo de volta para Dallas, no qual falou oito palavras para mim. Ela tem que ser a pior aeromoça da história. Dos três empresários e eu, todo mundo disse isso, pelo menos uma vez.

É difícil ser bom no seu trabalho quando você passa tanto tempo em distrações nefastas. Estou preocupado com ela. Ela parece doentia, com o rosto pálido, verdade seja dita. Com bolsas pesadas e olheiras sob os olhos, é evidente que a vida noturna não é para ela.

Depois que os passageiros desembarcaram e reabastecemos, ela estava programada para o meu voo fretado para Anchorage. Após uma breve escala e uma mudança de tripulação, seguimos o caminho para o Alasca.

Agora, somos apenas nós dois. Exatamente como deveria ser.

Você realmente não tem ideia do que é preciso para deixá-la sozinha.

Os pilotos também estão com ela.

Embora, eles não contam. Eles estão mortos.

Então, sou apenas eu aqui em cima no cabine do piloto. Eu e um dispensário de frascos de comprimidos meio vazios. Xanax, Valium, codeína, Adderall - praticamente tudo o que você poderia querer - tenho tudo alinhado em uma fileira bem organizada em cima do painel de instrumentos.

Talvez valha a pena mencionar, geralmente não sou tão descontraído. Segunda coisa que você deve saber: eu

normalmente não voo sob a influência, mas é isso que você poderia chamar de circunstância especial.

Aqui em cima, onde o ar é fraco, há apenas nós tentando ficar acima do tempo.

Bem, pelo menos um de nós está tentando.

O outro é todo de olhos tristes e o que você poderia chamar de emocional. Podem ser os laços. Não é a primeira vez que fui acusado de levar as coisas longe demais.

Isso e bem... ela não se importa particularmente com o termo "refém". Obviamente, isso é mais do que isso. Se alguém foi cativo em toda essa provação, sou eu. Também pode ser que ela esteja pensando em suas filhas. Elas vão ficar bem. Eu fiz o meu melhor para garantir isso a ela. Elas têm idade suficiente para fazer sua própria comida, amarrar seus próprios sapatos. Elas têm um pai sobressalente. Nem todo mundo tem tanta sorte, eu disse. Nem todo mundo tem dois.

Ela não parecia confortada com isso, mas sempre teve uma cara de pôquer.

Talvez nós dois somos mais parecidos do que diferentes.

Originalmente, meu plano era nos derrubar no Pacífico.

Uma missão suicida com uma vítima relutante e desavisada.

Mas quanto melhor me sinto, mais as pílulas entram em ação e fazem sua mágica, mais vejo a possibilidade em uma situação de merda. Isso me faz pensar que ainda não estou pronto para que essa fantasia termine.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Charlotte

Eu acordo com uma dor de cabeça que parece que minha cabeça foi dividida em duas. Imediatamente, percebo várias coisas ao mesmo tempo: está escuro, minha respiração é difícil e superficial e, em uma terrível reviravolta de ironia, sou dobrada em uma posição impossível e presa em um espaço muito pequeno. Estou me movendo? Minha visão é nebulosa, meus olhos se abrem e se fecham rapidamente, por instinto, para obter uma aparência de equilíbrio, reconhecimento de qualquer coisa que eu possa usar como informação. Conhecimento é poder, e eu sei disso com o treinamento SERF: Sobrevivência, Evasão, Resistência, Fuga. Nesta situação, toda informação é importante.

O que eu sei é que estou em um veículo em movimento. Rasgou lágrimas de vinil nas minhas costas, uma sensação piorada a cada solavanco e sulco na estrada. Minhas mãos ainda estão amarradas nas minhas costas, exatamente como estavam no avião. Meus tornozelos estão presos por fita adesiva e minhas pernas são decididamente muito pesadas.

Flexionando os pés para frente e para trás, mexo os dedos dos pés, tentando fazer o sangue fluir. Qualquer tentativa de fuga

exigirá execução. Ter o uso das minhas pernas não é opcional. É imperativo.

Meu primeiro instinto é lutar. É uma batalha entre o que meu cérebro e meu corpo estão me dizendo para fazer. É isso que você faz quando seu pior pesadelo está acontecendo na sua frente. É preciso tudo em mim para metaforicamente dar um passo atrás e avaliar a situação. Na maioria das vezes, essa é uma resposta involuntária, aperfeiçoada ao longo dos milênios, uma enxurrada de produtos químicos que contribuem para o mecanismo de fuga ou combate conectado ao cérebro. Meu treinamento reforçou isso, ensinando-me como substituí-lo.

Respirando fundo, eu seguro. Então deixe sair. Repito o processo várias vezes até ficar tonta, mas quase calma. Lembro-me de que metade da batalha está na espera, de um tempo de fuga que maximize minha chance de ter sucesso. A maioria dos cativos não tem chance de escapar duas vezes.

Meu sistema nervoso vai me ajudar, eu sei da SERF, mas anular meu senso de medo é fundamental. Será um obstáculo. As habilidades físicas serão inúteis se eu estiver tão paralisada ou paralisada pelos aspectos psicológicos e mentais dos eventos que estão acontecendo ao meu redor, que estou desamparada.

Enquanto minha respiração se estabiliza, penso no que sei sobre fuga. Consciência e atitude estão no auge durante as

primeiras 24 a 72 horas. Antes que os captores introduzissem qualquer tipo de rotina. Isso é claro, se eles planejam mantê-lo vivo. O fato é que, na maioria das vezes, não o fazem.

Eu tenho que usar esse tempo inicial para minha vantagem. Em qualquer sequestro, a melhor chance de fuga acontece enquanto seus captores estão em movimento e durante esses dois ou três dias iniciais.

Eu digo a mim mesma, me forço a pensar sobre essas coisas, mas todo esse conhecimento, esse treinamento, não significa nada agora. Até que isso aconteça, você pode realmente saber o que fazer e como agir. Até o treinamento ser colocado em ação, são apenas informações. E o que eles não dizem, o que você não pode saber, é como o medo se instala profundamente em seus ossos, incorporando-se a cada fibra do seu ser. Este sempre foi o pior de todos os meus medos, ser detida e torturada até que eu acabe sendo morta. Tive o cuidado de evitá-lo. Eu segui as regras em termos de me tornar invisível. Eu mantive minha cabeça baixa. Mudei de aparência, assumi o que achava serem riscos calculados. E ainda assim, meu pior pesadelo me encontrou. Eu posso ouvir a voz do meu pai na minha cabeça, me perguntando: "E agora?"

Entro e saio do sono. O carro balança devagar. Sou arremessada aleatoriamente sobre o assento no pequeno táxi. Eu

sei que fui drogada. Minha cabeça nada e salta pesadamente sobre o banco de vinil gasto. Eu não acho que eu poderia levantá-la se eu tentasse.

Várias vezes viro a cabeça para o lado e vômito, o lado do rosto úmido, a garganta e o pescoço cobertos.

Acho que ouço música no rádio, cascalho triturando sob os pneus, enquanto eles se movem pela estrada. Às vezes, há um zumbido agudo e, outras vezes, é a voz de Henry que eu ouço. Quando meus olhos tremem, abrem e fecham, eu o vejo lá, sentado ao meu lado, mesmo sabendo que isso é impossível. Henry está morto. Mas quando eu flutuo, parece real, o calor do colo dele e minha cabeça descansando contra sua coxa. Ocasionalmente, ele se inclina e sussurra algo no meu ouvido. Ele recita as informações no caminho. Ele não tenta me confortar, apenas lista as instruções metodicamente e, embora eu saiba que é um sonho, que não é real, em algum lugar no fundo de minha boca um soluço escapa. Eu quero acreditar.

Mantenha sua atitude forte internamente, mas Liv, faça o que fizer, não mostre isso ao seu captor. Em vez disso, mostre sinais físicos de rendição ou submissão. Lembre-se: é tudo um ato. Cabeça baixa, ombros encurvados para a frente, andar aleatoriamente, adquirindo um leve ferimento, doença ou fraqueza. Fale baixo e suavemente. Dirija-se aos seus captores com um medo e respeito

transmitidos. Chore. Aja como se você tivesse desistido. É assim que você se oferece alguma vantagem.

Papel jogar suas fraquezas. Desenvolva uma "história" fictícia para você em torno dela. Isso não apenas o ajudará a manter o caráter, mas também a fornecer um falso "ponto de ruptura" (um ponto em que você desmorona e finge ser emocionalmente destruída, como se tivesse desistido completamente), se estiver sendo torturada ou ferida por informações ou diversão por seus captores. Pense na sua família, pense na posição deles, imagine testemunhar algo tão horrível acontecendo com seus filhos que você não consegue superar isso. O que for preciso faça. É sua única chance de sobrevivência.

E lembre-se de todas as coisas que examinamos. Force-se a recordar seu treinamento, nossas horas e horas no ar, discutindo casos como o que você está enfrentando.

Você é uma mulher atraente, Olivia. Você deve trabalhar para se tornar menos atraente. Use sujeira, falsifique seu período, doença, mude sua postura e defina seu rosto com uma careta pouco convidativa. Mas certifique-se de entender primeiro o seu sequestrador. Você não quer acabar como um cativo descartável, se pudesse ter usado sua sexualidade a seu favor.

Você precisa comprar tempo e oportunidade suficientes para escapar e, enquanto isso, precisa fazer o que for preciso para

sobreviver e permanecer saudável até esse ponto. Quanto mais cedo essa oportunidade surgir, maior será sua chance de sobrevivência, se você conseguir escapar.

Tente não se destacar de forma alguma. Interpretar uma pessoa fraca e submissa oferece a você o elemento surpresa, se você precisar superar seus captores. Isso a torna menos uma ameaça. Eles ficarão relaxados; eles não a assistirão tão de perto.

A maioria das ligações pode ser facilmente removida e desgastada com qualquer aresta ou atrito. Sair das restrições não é tão difícil quanto parece. A maioria dos trechos de material.

Mas o mais importante, não se esqueça de permanecer atenta. Imite a maneira como um gato sai. Pare e cheire o ar, ouça e assista. Transite lentamente. Isso não apenas fornecerá informações sobre o ambiente, como fará você parecer fraca e com medo.

[redacted]

Na próxima vez que acordo, mãos grandes cavam minhas axilas, enquanto minhas pernas, estendidas, caem ao acaso. Estou sendo arrastada por um piso duro, supostamente em direção à água corrente que ouço. Ou talvez seja apenas minha mente fazendo truques. As batidas na minha cabeça batem

incessantemente, tornando difícil dizer o que é real. Não quero abrir os olhos para descobrir.

Eu tenho que abrir.

A sala gira, o mundo como eu o conheço muda e se inclina, e sem aviso, eu vomito. Ele me deixa cair e eu rolo para o meu lado. Meu rosto congratula-se com a sensação do azulejo frio, enquanto eu fico lá, seca, o homem está acima de mim, com as mãos nos quadris, deixando claro que não é o que ele esperava. Eu olho para ele, minha expressão implorando. "Temos que fazer você se sentir melhor", diz ele, pouco antes de fechar meus olhos, deitar a cabeça ao lado do vômito e desmaio novamente.



Algum tempo depois, quando recupero a consciência, estou em um quarto mal iluminado, amarrada a uma cama. Lágrimas inundam meus olhos e um gemido escapa dos meus lábios.

Chega a mim em flashes, toda vez que eu desapareço. Desta vez não é diferente. A arma. Acordando no avião, zip fechado e completamente contida. Os homens mortos nos assentos ao meu lado, olhando inexpressivamente para a frente. Pneus em uma estrada de cascalho. Vinil rasgado. O cheiro azedo de vômito. O banho frio. As palavras ditas suavemente. O cheiro de sândalo.

Amarradas nos pulsos e nos tornozelos, minhas restrições dão um pouco, felizmente, mas quando mudo, uma sensação de queimação inunda meus sentidos. Não há lugar onde eu não sinta isso. Meu cabelo está molhado, meu pescoço está rígido e, pior, quando tento virar a cabeça, descubro que não posso. Estou usando algum tipo de colar cervical.

Pelo que vejo, o quarto é espaçoso e bem decorado, o tipo de lugar que parece acolhedor. Não parece remoto, ou despenteado, mas o tipo de lugar que alguém pode visitar ou encontrar, o que me dá esperança. Considerando a esperança, passo a lista de coisas que sei. Suponho que estou em algum lugar do Alasca, pois é para lá que estávamos indo, considerando que havia um plano de voo. Ainda assim, não tenho ideia de onde, no Alasca, se isso está correto, nem há quanto tempo estou dormindo. Nós poderíamos estar em qualquer lugar. O que sei é que as paredes ao meu redor são feitas de toras. Eu estou em um quarto.

Sinto que estou sendo vigiada. Em algum lugar próximo, mas não muito próximo, ouço o som fraco da música. Ópera. Sinto o cheiro de fogo, queimando madeira e fumaça, canela e comida.

Além da engenhoca do pescoço, estou de pijama de lã que obviamente não vesti. Meus lábios estão secos, minha língua pesada na minha boca. Meus olhos querem desesperadamente fechar. Minha mente acena para dormir. É a minha única fuga.

Mas sabendo que não posso prolongar o inevitável, faço o que deve ser feito. Eu luto alto, para que ele saiba que estou acordado. Melhor acabar com isso, digo a mim mesma, mesmo que meu interior esteja gritando, é um erro terrível.

[redacted]

Ele se move lentamente para dentro da sala. “Oh, que bom. Você está acordada. Você me preocupou por um minuto.”

Eu posso vê-lo apenas parcialmente, pelo canto do meu olho. Mas eu posso senti-lo. Sua presença forte, sua energia determinada. "Aqui", diz ele, deslocando a chave no meu pescoço, o que me permite ter um pouco mais de movimento. "Isso deve ajudar."

Ele tira um rolo de fita adesiva de uma mesa antiga e rasga um pedaço com os dentes. Andando até a cama, ele a coloca gentilmente sobre minha boca, apesar do fato de eu me recusar a manter meu rosto imóvel. “Você poderia gritar o quanto quisesse, mas ninguém iria ouvi-la. Esse não é o objetivo da fita, caso você esteja se perguntando. Eu só não quero morder. Pelo menos até que nos familiarizemos melhor.” Ele sorri. "Tenho certeza que você entende."

Observo enquanto ele desabotoa o cinto e o segura no punho fechado. "Você não tem ideia de quanto tempo eu queria isso - como paciente eu fui."

Eu luto contra as restrições. Pelo menos inicialmente. Ele pega uma tesoura e as segura perto do meu rosto. "Eu realmente espero que você não vá tornar isso difícil."

Abrindo a tesoura, ele corta minha calça de pijama de uma ponta à outra. Minha respiração fica mais rápida agora. Não importa quanto alguém queira esconder o medo, é preciso mais controle do que você imagina que é capaz de convocar.

"Que vergonha", diz ele. "Eu realmente deveria ter pensado nisso." Ele não pode remover minhas calças sem desfazer as restrições, daí a tesoura.

"Está tudo bem", ele me diz, segurando as calças rasgadas. "Há mais de onde isso veio." Ele sorri e depois se inclina e beija a ponta do meu nariz. "Por favor, não me faça te dar sua dose novamente."

Meus dedos das mãos e pés apertam e depois flexionam e amolecem, apertam e amolecem. "Confie em mim", ele sussurra, afastando meu cabelo do meu rosto. "Você vai querer acordar para isso."

Ele levanta meu top. Meu sutiã foi removido. Ele beija meus seios, faminto, antes de diminuir a velocidade e tomar um mamilo na boca. Depois de rodar a língua várias vezes, ele morde com força. Então ele olha para mim e sorri. Lágrimas picam o canto dos meus olhos. Ele segura os seios e aperta. "Deus. Se você soubesse quanto tempo eu queria fazer isso."

Ele move as mãos devagar pelo meu corpo, acariciando, cutucando, oferecendo comentários ao longo do caminho, dizendo que ele está conhecendo a situação da terra. "Você é tão bonita."

Ele se atrapalha entre as minhas pernas, o que me faz pensar que ele é inexperiente, até eu perceber que está me testando, tentando encontrar meu ponto de ruptura. "Tenho tantas coisas que quero lhe perguntar, Charlotte. Muitas. Felizmente, há tempo." Ele mergulha um dedo dentro de mim, e é isso - ele encontrou o ponto que estava procurando. Meus quadris dobram loucamente. Eu percebo que é inútil. Amarrada a esta cama, toda a resistência do mundo não vai me libertar ou parar o que está prestes a acontecer. Em algum momento, o curso foi definido e o momento me levou até aqui. Sua vontade é obviamente forte. "Diga-me... quantas pessoas você seduziu e depois matou?"

Ele desliza outro dedo. "São tantos?"

Mordo o lábio até provar o sangue. Eu conto as linhas no teto. Ele adiciona outro dedo. "São tantos?"

Quando ele ri, eu entendo, o pior ainda está por vir. Ele é um profissional. Ele pensou nesse momento muito mais do que já pensei. Ele tem a vantagem de jogar em casa.

"Você deveria saber, Charlotte", ele sussurra, enquanto paira sobre mim. "O que vai volta."

Eu me questiono sobre a capital de cada estado. Ele separa minhas coxas e entra em mim. Enquanto ele se afasta, eu as passo em ordem alfabética, chegando até Vermont. Montpelier. Isso vai contra todas as fibras do meu ser e todo o treinamento que tive. Mas não darei a ele o que quer. Não mostrarei medo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

JC

Aconteceu por acidente. Disse de outra maneira: eu não pretendia vê-la. Para dizer bem, ela é uma cativa difícil, e acho que você poderia dizer que há uma parte de mim que era curiosa. Eu tinha que saber. Eu fiz a coisa certa? Eu escolhi bem? Não sei se é o mesmo para as mulheres, mas todos os homens pensam assim.

O termo 'esposa troféu' existe por uma razão.

A seleção é importante.

Ela está fora da minha liga? Mas não tanto que eu precise me preocupar (a última coisa que um homem quer é seu orgulho testado) apenas o suficiente para que ela pareça uma pegadinha, me fazendo parecer melhor por sua vez? Ela vai corresponder às minhas expectativas a longo prazo? Ela vai se deixar ir? Ela vai engordar como a mãe? E se ela não cumpre as expectativas de quem eu preciso que ela seja - se ela fica gorda como a mãe - como me livrar dela com a menor quantidade de dano?

Suponho que essas perguntas circulando no meu cérebro hora após hora é o que me leva a verificar as câmeras. Eu preciso saber que ela faz falta. Quero saber que ganhei algo

importante. Eu quero saber como sua família está segurando, e talvez, apenas talvez, se eu recolher um pouco de informação sobre suas filhas, eu posso usá-la para minha vantagem, alimentando-a, para ela me dar o que quero.

E o que é isso? Neste ponto, eu tenho uma ciência. Acredite em mim. O que quero é que ela me deseje tanto quanto a desejo. Não é isso que todo mundo quer, realmente? Não é essa a própria definição de amor?

Quão raro e precioso é o momento disso, estou começando a entender.

Eu percebo que Roma não foi construída em um dia. Vai demorar um bom tempo para se acostumar. Quanto tempo é a questão. Li outro dia que leva apenas quatro minutos para se apaixonar. Considerando que a nossa situação é um pouco mais desafiadora do que o seu encontro normal, acho que pode demorar um pouco mais do que isso.

Enquanto isso, eu a estou mantendo confortável. Ela é sortuda. Mais sortuda do que ela parece perceber, dadas as lágrimas incessantes. Por um lado, o choro acende uma luxúria profunda e inflexível. Ele rola através de mim como um dente latejante, a dor e um forte desejo de possuí-la, de ter poder sobre ela. Por outro lado, é horrível, essas demonstrações extravagantes e intermináveis de emoção. Os soluços irritam meus nervos,

apertam meu intestino, me deixam doente, me fazem perguntar se cometi um erro.

Ela está melhor aqui do que muitas pessoas em países do terceiro mundo. Com que facilidade ela esquece. Quão facilmente eu esqueço. É sempre assim no começo.

Demonstrações excessivas de emoção. Que engraçado, hoje em dia, com todos os flocos de neve frágeis, as pessoas choram pelas coisas mais bobas, pelas injustiças mesquinhas do mundo. É fácil focar nessas coisas quando as grandes coisas, as verdadeiras coisas assustadoras, não estão batendo na sua porta da frente. Como é cativante que as pessoas pensem que são tão seguras, que vivem sob essa falsa ilusão de que sequestros e resgate são experiências distantes, não algo que pode acontecer perto de casa. É muito ruim. Essa ilusão é uma fachada.

Acredite, eu faço isso para viver. Bem, não é exatamente um meio de vida - isso é mentira. Meu avô era o homem do petróleo, assim como o avô de seu avô. O que faço não é pelo dinheiro, mas pelo amor à caça. Para o esporte, você poderia dizer. Um hobby muito demorado, mas gratificante.

Até o momento, tive treze esposas. Não esposas legais, mas o que você pode chamar de casamentos de coração.

Treinar mulheres é minha especialidade. É uma arte, desenvolvendo outro ser humano para o que você quer que eles sejam. Talvez eu pareça louco, mas a realidade é que todos fazemos isso. Alguns de nós são simplesmente mais enérgicos e honestos na maneira como lidamos com isso, enquanto outros passam anos - até décadas - tentando convencê-la usando formas patéticas de manipulação e desonestidade. Esse é o seu casamento normal.

Treinar mulheres não é tão diferente de treinar um cachorro. É difícil e implacável a princípio, mas eventualmente, com consistência e uma quantidade adequada de comunicação, que é melhor aprendida na forma de recompensação e punição, elas também ficam ansiosas para agradar.

Quando funciona, é quase fácil. Isso é satisfatório. Quando isso não acontece, elas morrem. Geralmente elas morrem. É comum, eventualmente, ficar entediado. Meu avô me ensinou isso. Ele criou cavalos e depois caçou cães.

Ele sempre dizia: a vida de um cachorro é talvez uma década e meia, se você tiver sorte, e então você começa de novo. Um casamento, por outro lado, graças a uma superabundância de contos de fadas, deve durar para sempre. Mas nada dura para sempre. Foi assim que aconteceu, que eu sofri a viuvez treze vezes. Foi também como Charlotte Jones tornou-se esposa

número catorze. Eu acho que nossos demônios poderiam brincar lindamente juntos.



Perdoe-me, por antes. Saí pela tangente. Eu quis te contar sobre as câmeras. Nunca olhe para trás, meu avô sempre dizia. Conselhos sólidos. Se ao menos eu tivesse prestado atenção.

Se leva quatro minutos para uma pessoa se apaixonar, é preciso menos do que isso para tudo virar uma merda.

Foi exatamente o que aconteceu quando liguei o feed dessa câmera. Por acaso, o Sr. Jones está realmente sentindo falta da esposa. Ele também não é quem ele disse que era. Nem um pouco. Parece-me surpreendente que alguém em sua posição estaria alheio a alguém que não apenas se intrometesse em sua casa, mas se estabelecesse, observando todos os seus movimentos.

Mas então, se eu tivesse um níquel por cada jogada idiota que as pessoas altamente inteligentes fizessem, bem, eu seria rico. Espere. Eu sou rico. Mas você entende meu ponto.

Aprendi duas coisas ligando a câmera. Duas coisas muito ruins.

Primeiro, Michael Jones tem sangue nas mãos. E muito disso. Acontece que eu raptei uma assassina muito valiosa. Acontece que sou um homem morto andando.

Eu o ouvi em seu escritório. Ouvi enquanto ele fazia intermináveis telefonemas. Ouvi quando ele falou e se enfureceu. Assisti enquanto ele andava incansavelmente, a qualquer hora. Ele fez arranjos sem fim sobre recuperar sua premiada assassina. Ele não falou da esposa como você falaria de um cônjuge. Ele falou dela como uma mercadoria, como um produto que significa muito para ele. E, curiosamente, de acordo com os telefonemas dele, parece que ela não tem ideia de que é o marido que está ordenando que ela faça os assassinatos. Algo que acho muito difícil de acreditar. Algo que pretendo chegar ao fundo.

Enquanto isso, certas coisas estão começando a fazer muito sentido. Coisas que escrevi nas últimas semanas enquanto a observava. Acontece que Michael Jones, quando não está construindo casas, tem laços com a máfia.

Que nefasto, para um cara tão manso.

Que interessante.

Embora isso não seja nem a metade. Fica melhor. Notei que o Sr. Jones entra e sai do quarto da filha em horários estranhos.

No começo, pensei que talvez a garota simplesmente sentisse falta da mãe. Isso, ou talvez estivesse ajudando-a com a lição de casa. Pensei em muitas coisas. Mas então, voltei e procurei por imagens antigas e descobri que o ir e vir acontece regularmente quando Charlotte está fora da cidade. E então, duas coisas, ficaram claras quando a garota saiu atrás dele. Quando eu ampliei o zoom no rosto dela, parecia exatamente como o da mãe dela. A expressão distorcida e dolorida é familiar. É exatamente como a mãe dela ficou quando deslizei minha mão entre as pernas dela.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Charlotte

Quando ele entra no meu quarto, ele traz comida. Ovos e bacon, o que me faz querer vomitar. A visão disso faz minha boca se encher de saliva. O cheiro torce meu estômago em nós apertados. Tenho zero inclinação para comer.

Meus nervos estão no limite. Minha raiva por estar nessa posição está ganhando vida própria. É uma coisa viva e zangada, roendo e rugindo ao longo da minha pele.

Penso na primeira vez que o vi e depois na segunda e, melhor de tudo, na terceira.

Isso foi em Fort Lauderdale. Eu estava observando a filha de Dan. Não sei por que, mas às vezes, sempre que estávamos na mesma cidade, se eu tivesse tempo, criava um hobby de procurá-la e segui-la.

Talvez eu quisesse ver se Sophie era como ela, se fossem meias-irmãs, elas compartilhavam alguma característica. Talvez fosse culpa por ter levado o pai embora. Eu tinha aprendido como era, afinal.

Enfim, as pessoas colocam todos os seus movimentos nas mídias sociais, e Janine Thomas-Moore não é diferente. Eu a observei em Estero. A essa altura, ele a perseguia havia cerca de uma semana. Eu não sabia o porquê, mas sabia o suficiente para saber que, qualquer que fosse o motivo de seu interesse, não era por nada de bom.

Eu reconheci esse tipo de comportamento quando o vi. Era óbvio, uma habilidade construída ao longo de anos perseguindo e matando predadores, o entendimento de que JC Warren era precisamente isso.

Quando tudo na minha vida começou a virar de cabeça para baixo, primeiro as filmagens no supermercado, as entrevistas, a situação com Dunsmore, percebi que, se eu quisesse fazer uma pausa limpa, a maneira mais fácil de fazer isso seria deixar o "destino" seguir seu curso. Ele não parava na meia-irmã da minha filha e, talvez depois de tudo, considerei que estava pagando uma espécie de penitência. Ou talvez eu estivesse apenas entediada e pronta para um desafio, fora do relógio. Talvez eu quisesse ver se ainda tinha em mim algo para atrair um homem. Peguei-o na minha teia. Mais do que provável, estava pensando em como era bom matar uma pessoa por minha própria conta, pro bono, por assim dizer. Mas não vou mentir. Claro, havia algo nele para mim. Se eu quisesse matar JC Warren, primeiro deixaria que ele

me ajudasse a desaparecer. Que coisa linda é matar tantos pássaros com uma cajadada.



"Seu marido tem um currículo", ele me diz enquanto se despe na minha frente. Presumo que ele esteja falando de arquitetura. Fico triste pensar em Michael e as meninas, pensar nelas se perguntando onde estou e por que não liguei. Eles relataram meu sumiço? Eu não sei. Tudo o que sei é que a última conversa que tive com meu marido foi sobre não saber se eu queria permanecer no casamento. Talvez seja melhor assim, uma pausa limpa, mas quando penso em minha própria mãe e no jeito que ela foi embora, não tenho tanta certeza.

"Eu quero isso", diz ele, acenando com a cabeça para a minha pélvis, sua expressão deixando claro que ele tem toda a intenção de conseguir o que veio buscar. Ele remove as restrições das minhas pernas. Meticulosamente, ele massageia cada tornozelo, esfregando em círculos cuidadosos. "Mas primeiro... primeiro tenho algo que quero discutir com você."

Meus olhos examinam a área da sala que posso ver. Não mudou muito; ele não trouxe nada com ele. Sem telefone, sem arma, nada que pudesse ser útil. "Aqui", diz ele, inclinando-se para mais perto, para que eu possa sentir o cheiro do almoço em

seu hálito. Salmão. “Deixe-me tirar isso. Você vai querer usar sua cabeça para isso.”

"Eu tenho que usar o banheiro."

Ele me olha com desaprovação. "É para isso que serve a fralda."

"Eu tenho que usar o banheiro", eu digo mais uma vez. Não quero parecer argumentativa, mas também não quero usar uma fralda novamente.

Com um breve aceno de cabeça, ele aperta um botão, e então eu estou sendo içada pelos meus pulsos amarrados. Ele me levanta pela cintura e me arrasta da cama, meus braços suspensos acima da cabeça no ar, presos ao teto. Ele aperta outro botão e eu fico mais alto até ficar em pé, dolorosamente oscilando na ponta dos pés.

Pendurada ali em exibição, meu corpo esticado, todo o meu corpo exposto, sinto-me igualmente aterrorizada e enfurecida.

Ele remove a fralda de adulto e eu assisto quando ela cai no chão. "Receio ter más notícias."

"O que poderia ser pior do que isso?" Eu digo, incapaz de me ajudar.

"Você realmente quer saber?"

"Eu tenho uma escolha?"

"Você sempre tem uma escolha, Charlotte."

Lágrimas ardem no fundo da minha garganta quando ouço as palavras de meu pai na boca deste homem. Mesmo se eu escolher isso, isso não facilita as coisas. Às vezes, escolhemos apenas o menor dos dois males, e eu realmente queria viver.

"Então quero saber."

“Primeiro, há algo que estou morrendo de vontade de saber... por que você não mencionou sua ocupação? Sua verdadeira ocupação.”

Eu posso ver em seu rosto que ele não está chamando meu blefe. Ele sabe quem e o que sou. "Isso mudaria alguma coisa?"

"Provavelmente não. Mas com seu marido, sim. Eu não teria chegado perto. Eu teria mantido distância.”

"Ok?"

"Como é trabalhar com seu cônjuge?"

Ele empurra sua alavanca novamente e eu sou puxada mais alto. Meus dedos dos pés não roçam mais o chão. É preciso cada grama de força que tenho para dar uma resposta, que é o que ele quer. "Eu não tenho certeza do que você quer dizer."

"Ele ordena os assassinatos, você os executa."

Eu não respondo. Ele não está fazendo nenhum sentido.

"Eu deveria estar preocupado?"

"Sim."

"Eu acho que você está certo. Capturei algo muito valioso, Charlotte."

Ele caminha até mim e passa a mão ao longo do meu tronco. "Seu marido vai procurá-la, e não vai ser bonito, receio."

Ele me revolve. "Você me colocou em uma posição muito difícil."

Eu olho para o chão, mantendo meus olhos fixos em um ponto. Quanto mais me recuso a encontrar seu olhar, mais submissa e derrotada vou aparecer. Ele se ajoelha e separa minhas coxas. "Eu não acho que você é do tipo que simplesmente solta." Eu sinto a língua dele roçar em mim, trabalhando desde as minhas coxas até meu núcleo. Ele não é inexperiente com a língua, e acho surpreendente sentir meu corpo respondendo à sua técnica.

Minha cabeça se inclina para trás. Eu fixo meus olhos no teto. Se eu reagir positivamente, acabará mais cedo e poderá me

render um favor. "Como isso funciona exatamente? Ele ordena os assassinatos, você os executa?”

Minha cabeça se encaixa em sua posição correta. "Michael não está no negócio."

Ele se levanta e pega um punhado do meu cabelo, forçando meus olhos nos dele. “Primeira regra, minha querida. Sem mentiras.”

"Não é mentira."

Soltando minha cabeça, ele dá um passo para trás e me dá uma olhada. "Eu pareço estúpido para você?"

Antes que eu possa responder, ele soca meu estômago. A força do golpe dele solta cada grama de ar que tenho em mim. Ele se ajoelha mais uma vez para beijar meu estômago, no local em que me bateu.

Finalmente, meu joelho se conecta solidamente com o rosto dele. Ele cai de volta no chão. Enfurecido, ele vem até mim de novo, e desta vez me golpeia com o punho fechado diretamente embaixo do meu queixo. Sinto fragmentos de osso na minha boca, minha língua sobrecarregada com o gosto do sangue.

"Então você gosta de lutar", diz ele. "Eu também."

Quando ele se posiciona atrás de mim, cuspo sangue no chão. Olho para a porta e ele entra em mim com um impulso brutal.

Suado e ofegante, ele se inclina para a frente e morde minha orelha. Eu aperto meu queixo por impulso. "Seu marido está molestando sua filha mais velha."

CAPÍTULO TRINTA

Charlotte

As notícias que JC Warren oferece são muito para receber. Não que eu precise lembrar, mas ele é um psicopata. É da natureza dele, e sem dúvida é um objetivo dele me desentender. Ele certamente fez isso.

Eu digo a mim mesma que não pode ser verdade, Michael não faria isso, ele nunca se comportar inadequadamente em direção a Sophie. Pelo menos eu não acho. Ele faria?

Se o que JC Warren diz é ou não verdade, não sei. O que sei é que a revelação dele me faz questionar toda a minha vida. Como qualquer mãe faria, me debruço sobre os detalhes de nossas vidas diárias, penso nos últimos anos, procurando sinais. Procurando por algo errado.

Nada se destaca em mim. Sophie é uma adolescente mal-humorada. Mas todos os adolescentes não estão de mau humor? Eu sei que certamente estava. Ela prefere dar uma volta para casa com sua paixão, em vez de seu pai, mas não há nada de surpreendente nisso. Michael sempre amou Sophie. Desde o minuto em que ela nasceu. Mas ele a amou demais?

Ele participa de todos os seus jogos de basquete, ajuda-a nos estudos, cuida dela quando está doente. O mesmo que ele faz para Hayley. Eu nunca fui capaz de dizer a diferença entre a filha real e a filha que ele sempre tratou como sua. Isso não faz sentido. Eu rastreio e mato predadores como meio de vida. É possível que eu tenha perdido um em minha própria casa?

Não tenho certeza. Mas tudo o que me resta são horas para refletir sobre isso. Nada que se estenda na minha frente por uma eternidade, até que, eventualmente, como a maioria das mulheres que são sequestradas, eu morra.

Recuso-me a morrer sem saber a verdade e, por isso, decido que a tentativa de JC de me perturbar também será exatamente o que me libertará.

Pode demorar um pouco para que isso aconteça. Considerando que não comi. Considerando que quanto mais tempo estou confinada a essa cama, mais meus músculos se atrofiam.

Ontem à noite, JC entrou e enfiou uma agulha na minha veia e passou uma linha intravenosa. Depois disso, ele inseriu um cateter na bexiga. Ele me dá uma jogada por peça e, embora haja uma quantidade razoável de luta em mim, percebo que é inútil. Isso, e com todos esses fluidos em mim, será melhor não ter que mentir sobre o meu próprio mijo. Ele diz que aprendeu tudo

isso no YouTube. Disse que é incrível o tipo de coisas que você pode aprender online. Depois que eu o chutei na cara, ele queria que eu soubesse que está pesquisando uma técnica que cortará minha medula espinhal, usando minhas pernas, mas que deixará outras sensações. A última coisa que ele quer é ter que trocar minhas fraldas pelo resto da minha vida. E ele gostaria de um bebê. Antes que eu fique velha. Ele quer ver a dor do parto gravada em minhas feições e se apaixonar por mim novamente.

Isso foi o que aconteceu. Um pequeno comentário pode mudar toda a sua perspectiva. Isso me fez perceber o que tinha que fazer. Literalmente. Eu teria que me cagar. Se eu fizesse uma verdadeira bagunça, ele teria que me mudar, e as roupas de cama também. Ele teria que remover as restrições para me limpar e, quando se tratasse disso, percebi que não seria apenas a minha melhor chance de escapar, seria a minha única chance.

Quando eu era jovem, e o terror noturno chegava, minha mãe costumava dizer que o que acontecia nos meus sonhos era muito pior do que qualquer coisa que pudesse acontecer na realidade. Como ela estava errada sobre isso. Afundar-se nas suas próprias fezes há séculos não é tudo o que se pensa.

Tomei o cuidado de esperar até que o quarto estivesse escuro. Não há janelas nesta sala, mas há uma claraboia. Provavelmente foi isso que me salvou.

[redacted]

Dentro e fora. Dentro e fora. Respirar. Minhas pálpebras se abrem. Eu me levanto, sem saber se estou sonhando ou acordada. Sei que algo muito ruim aconteceu, mas todas as peças estão espalhadas em minha mente, milhares de pequenos fragmentos, minha memória é nebulosa e incompleta, como um quebra-cabeça, antes de você descobrir o que deveria ser.

Líquido espesso se espalha para baixo e molha meus cílios, juntando-os. Usando as costas da minha mão, escovo o sangue. É assim que eu sei que estou viva. Há muito sangue.

Mas estou viva. Ferida, mas viva.

Ele pode estar também.

Eu tenho que saber. Não posso ficar aqui, na segurança percebida deste quarto. Enquanto ele estiver respirando, a segurança não existe. Se ele não estiver morto, isso nunca vai parar, e eu realmente preciso que termine aqui. Eu atravesso a cabine, seguindo a trilha de sangue - dele ou meu, não tenho certeza. O piso de mármore está aquecido sob meus pés, e a extensão da cabine é surpreendente.

Quando passo pelas janelas do chão ao teto, paro em uma grande lareira, pegando um pôquer de lareira. Segurando-o com força, não posso deixar de encarar a vista. É hipnotizante. Aparentemente, não há nada além de branco por quilômetros. Neve sobre neve. Sem casas, sem carros, sem estradas, sem pessoas. Eu digitalizo a propriedade. Eu vejo um pequeno galpão e uma longa viagem. Uma fileira de gaiolas suspensas no ar. É isso aí. É terrivelmente isolado. Tão remoto como qualquer coisa que já vi.

Eu ouço algo no segundo andar. Um som rangendo. Não conheço bem a casa, ou sei lá, para saber se é possível que ele pudesse ter chegado lá.

Segurando o ferro de fogo, sigo a trilha de sangue até a cozinha, sabendo que será o melhor lugar para encontrar uma arma que não seja um ferro de fogo. Embora funcione, uma faca seria melhor.

A cozinha é aberta, grande e me lembra uma cozinha para espetáculos, não uma que tenha sido vivida ou bem utilizada. As especificações de sangue diminuíram e, logo depois da enorme ilha, eu o vejo, caiu para a frente.

"Warren?" Eu digo, mas minha voz sai minúscula e estrangeira. Não soa como eu. Parece que algo está alojado na minha garganta. "JC, você pode me ouvir?"

Silêncio. Além de um assobio ou um rangido dos recantos mais profundos da casa, aqui e ali, é assustadoramente silencioso. Usando o ferro de fogo, eu o cutuco gentilmente. Seu corpo cai para a direita.

Quando ele pousa com um baque fácil, vejo a extensão do dano que causei. Lentamente, começa a voltar para mim. Ele limpando minhas fezes, uma luta que se seguiu. Mas então minha mente fica em branco. Choque, que atua como um mecanismo de proteção, eu sei.

Seu rosto está arrancado. Ou melhor, comido. Os ossos que compõem o nariz, as órbitas oculares e o queixo permanecem. Mas sua carne e parte do músculo se foram. Seus globos oculares incham e tremem de vez em quando, confirmando que ele está vivo. Seus lábios estão faltando, mas sua língua está intacta, ou pelo menos o que resta dela. Seus dentes, uma vez brilhantes e brancos, agora estão manchados de sangue.

Eu já vi coisas piores. Talvez. Meu estômago se inclina para a frente e eu quero vomitar, mas o alívio toma conta, empurrando a bile para baixo.

Agora, devo me concentrar.

Eu estou no meio do nada. Eu preciso sair daqui. Eu preciso encontrar um telefone e um carro, mas primeiro, roupas. Meu

corpo está fraco e machucado, e há um corte severo na base da minha têmpora que eu preciso parar de sangrar. Minha mão direita está possivelmente quebrada. Há um homem morto no chão, com o rosto meio mastigado. O sol está se pondo, a luz logo desaparecerá. Mas por enquanto estou segura.

Segura, como dizer, esse bastardo me deixa muito boa e bem fodida. Depois de acertá-lo com o ferro, apenas para garantir que ele realmente esteja morto, eu chego em busca de um pulso. Ele se joga para frente, os olhos fixos em algum lugar distante. É a primeira vez, em todas as minhas mortes, que eu já vi o que parece sob a pele no rosto de uma pessoa. A bile rasteja pela minha garganta. Meu estômago revira.

Eu o deixo e depois vasculho os armários, esperando localizar um kit de primeiros socorros, algumas aspirinas e a gaveta de facas.

Andando até onde ele está afundado, eu mostro a faca na frente de seus olhos mortos. "Gosta de cortar uma medula espinhal?"

Seu corpo se contrai, o que me dá um bom susto. O corpo nem sempre está parado, uma vez que morre, e não importa quantas vezes você tenha visto isso acontecer, é o tipo de coisa com a qual nunca se acostuma. Se você já viu um esqueleto sem

pele, pode imaginar como ele é. Fiz muitos danos. Não haverá caixão aberto para ele.

Num minuto eu estava deitado na minha própria merda, minhas costas ardendo, meus próprios resíduos queimando minha pele. No outro, ele estava me mudando, desatando minhas restrições, me colocando em uma banheira de água fria.

Eu olhei para frente, jogando com o fator de choque, enquanto ele limpava meu corpo, enquanto ele ensaboava meus cabelos com shampoo, enquanto raspava minhas pernas, axilas e região pubiana. O tempo todo, fiquei muda, silenciosa, resignada.

Então, quando ele ficou satisfeito com o trabalho e se virou para pegar a toalha, vi minha oportunidade e a aproveitei. Eu me joguei nele, deixando-o sem equilíbrio, minhas unhas arranhando sua pele, seus olhos, meus dentes rasgando seu pescoço e rosto. Mordi e mastiguei, bati e arranhei, até que todo o seu corpo ficou imóvel. Provei seu sangue e sua carne em minha boca, e minhas unhas estavam cheias de pedaços dele.

Ganhei, pelo menos temporariamente, mas não saí ilesa. Em algum momento durante nossa briga, eu havia sido atingida ou minha cabeça, e o sangue estava chovendo. Pintou meu corpo nu e, quando momentaneamente olhei no espelho, quase sorri para a mulher selvagem, olhando de volta para mim. Eu parecia uma

guerreira pintado em meu próprio sangue, misturado com o sangue da minha presa, incapaz de dizer qual era qual.

E agora nesta cozinha, olho para ele deitado lá. Uma desculpa patética de um humano. Agora nada mais que um cadáver.

Não quero nada mais do que sair daqui, encontrar o caminho de casa. Mas também não quero estragar essa situação. Embora tenha tempo para planejar minha próxima jogada, pretendo tomá-la. E mais do que tudo, quero lembrar como o fiz sofrer.

Meu corpo inteiro dói. Dói mais do que qualquer dor que já experimentei, pior do que depois do parto, quando todo o seu corpo parece ter sido atingido por um caminhão Mack. Estar presa a uma cama, pendurado no teto por horas é, para mim, um novo território. Eu me pergunto como será se eu morrer aqui. Alguém algum dia me encontraria? Provavelmente não. Eu só me importo por causa das meninas. É difícil aceitar a morte quando não há corpo - acredite em mim, eu sei.

Eu tenho que parar. Eu tenho que arrumar isso. Nada disso importa agora. Eu não quero morrer. Eu não vou morrer. Você tem que se mexer. O sussurro é urgente. Persistente. Você tem que se mover, e você tem que se mover agora.

Eu procuro na casa, procurando um telefone. Claro, eu não tenho tanta sorte. A única coisa que acho é um cofre. Sem computador, sem TV, sem telefone. É onde ele guarda? Trancado? Eu sei que ele tem um celular. Ele disse que estava vigiando minha casa. Foi apenas mais uma de suas mentiras? Eu afundo no chão. Eu preciso encontrar chaves, um carro. Eu preciso sair desta casa. Seria estúpido sair à noite em busca de ajuda. Está escurecendo, não tenho ideia de onde estou, nem mesmo em que direção dirigir, mesmo que consiga localizar as chaves de Warren. Isso significa que estou presa aqui com seu corpo morto até o amanhecer, a menos que por algum milagre eu consiga localizar sua cela. Coloco duas aspirinas na boca e as persigo com uma pequena quantidade de água. Ignorando a dor no meu tornozelo, tropeço em direção ao quarto e vasculho as gavetas em busca de roupas. Não é surpreendente descobrir que JC Warren é meticuloso; tudo é branco e dobrado ordenadamente, de maneira idêntica. Corro pelas roupas, procurando qualquer coisa que possa estar escondida. No final, não encontro nada, exceto um par de calças compridas, um par de jeans largas, uma flanela e meias de lã que são grandes demais para os meus pés. No armário, encontro uma fileira de TVs, cada tela mostrando uma área diferente da casa. A tela me dá uma boa visão do resto da casa e, assustadoramente, o quarto em que eu estava, com câmeras montadas em vários ângulos, Warren tinha uma foto minha de todos os lados.

Há um tiro na garagem onde está o caminhão velho, um Bronco vintage, como se vê. Se não conseguir localizar as chaves, talvez consiga ligar com fio quente, um velho truque que meu pai me mostrou uma ou duas vezes, quando minha mãe pegou as chaves e se recusou a devolvê-las. Essas memórias, situações que pareciam caóticas e terríveis na época, agora parecem um pote de ouro no final de um arco-íris muito sombrio.

Quando examino a fileira de telas e localizo a cozinha, minha respiração fica presa e engasga na garganta. Warren não está caído no chão no lugar que eu o deixei.

Freneticamente, examino as telas em busca de movimento. Eu não vejo nada. Meus joelhos ficam fracos e ameaçam dobrar.

Tomando o ferro de passar roupa da cômoda, percebo que tenho que tomar uma decisão. Eu tenho que pegar um ou outro, mas não ambos. A faca é muito grande, a lâmina muito perigosa, para ser enfiada nas minhas calças.

Eu procuro nas telas mais uma vez. Não há sinal dele. Não em nenhuma das telas. Considero que minha mente pode estar pregando peças em mim. Em última análise, eu sei melhor. Provavelmente, há um atraso e ele também saberia evitar as câmeras. Eu digitalizo as imagens, indo de sala em sala, tentando detectar rastros de sangue. Estou prestes a desistir

quando a vejo. Em um quarto no corredor, atrás da porta, um pé. Ele olha diretamente para a câmera e vira o pássaro. A próxima coisa que sei é que há passos atrás de mim. Eu posso sentir a respiração dele no meu pescoço. Eu pego um vislumbre momentâneo de uma arma, quase como se ele soubesse que chegaria a isso. Eu giro para ele, seu rosto carnudo e estéril, cambaleando para trás, seus dentes à mostra. Os globos oculares dele incham, meros tecidos nas órbitas. Eles olham diretamente para mim como um desafio tácito.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Charlotte

Eu giro o ferro de fogo quando ele dispara a arma. Não percebo imediatamente que fui atingida - estou muito ocupada girando. Faço contato com a cabeça dele, dando um soco na têmpora esquerda. Ele desce segurando a arma, mas não lhe dou a chance de mirar ou atirar. Incansavelmente, bato nele na cabeça repetidas vezes, até que as paredes estão salpicadas com o sangue dele e tufos de matéria cerebral, remanescentes do interior de uma abóbora, grudam nos meus braços e pernas e pequenos pedaços de seu crânio estão espalhados as fibras do tapete.

Não paro por um longo tempo, até que não haja quase nada em sua cabeça. Meus braços estão pesados e cansados quando finalmente paro. Eles parecem geleia.

Nada nunca pareceu mais certo do que ver seu corpo ali, sua cabeça obliterada. O nada no que resta de seus olhos.

É difícil saber a princípio, de quem é o sangue, já que estou coberta da cabeça aos pés. A adrenalina inunda meu sistema e, pela primeira vez em dias, não sinto dor.

Acontece que isso não é uma coisa boa. O ferro de fogo cai no chão e eu começo a me sentir tonta. A sala parece um pouco fora de controle, e de repente começo a entrar em pânico, tirando a roupa ensanguentada. É então que eu vejo: um pequeno buraco no meu abdômen bombeia sangue. Eu deslizo para frente, me curvando, segurando minha cintura. Se eu não fizer algo, eu poderia muito bem sangrar aqui mesmo neste andar, ao lado deste cadáver. Não é assim que quero morrer, não depois de tudo.

Tropeço para o banheiro, pressionando meu ferimento, andando como o corcunda de Notre Dame. Procuro embaixo dos armários um kit de primeiros socorros, algo com o qual possa parar o sangramento, mas não encontro nada além de algumas toalhas e um rolo de papel higiênico.

De volta ao quarto, vou, onde pego uma camisa da cômoda e dobrei, pressionando-a na ferida. De repente, sinto muito frio, tremendo incessantemente, mas também estava nua. De qualquer forma, não é bom.

Usando uma camiseta e um rolo de fita adesiva, faço um curativo improvisado. Pego outra roupa e vasculho a cozinha, pegando finalmente um punhado de garrafas de água, um pedaço de pão e um cacho de bananas.

As bananas são a última coisa que me lembro antes de todo o meu mundo ficar preto.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Charlotte

Quando acordo, estou esparramada no chão de mármore. Minha cabeça dói e minha visão está embaçada. Estou certa de que sofri uma concussão por desmaiar e cair no chão.

Terrivelmente devagar, puxo-me para uma cadeira e, preguiçosamente, consigo me sentar. A partir daí, depois de várias tentativas fracassadas e dolorosas, consegui ficar de pé.

Demoro uma eternidade, mas acabo tropeçando da cozinha para a garagem, onde tento ligar o Bronco com uma ligação direta. Demora quase duas horas até ser forçada a desistir. Estou cansada e com muito frio para continuar.

Se eu vou morrer, há lugares piores em que posso pensar em fazê-lo.

Ainda assim, eu sei melhor do que adormecer. Não tenho certeza de que não será uma situação permanente. Mexendo no saco de itens da cozinha, abro o pedaço de pão e retiro uma fatia, rasgando os menores pedaços, deslizando-os na minha língua. Não estou com muita fome, mas farei o que for preciso para me impedir de perder a consciência. Preciso de toda a

energia e força que puder obter. É então que penso no IV no quarto. Se Warren tinha esses suprimentos, ele provavelmente teria outros. Infelizmente, é tarde demais para voltar. Eu sei que não posso reunir a força necessária para voltar para casa e subir as escadas. Eu morreria tentando. E me recuso a morrer naquela casa.

Ouço um motor ligado e acho que devo estar sonhando. Quando abro os olhos, faróis de luz passam pela porta da garagem. Quando olho para baixo, vejo que sangrei a camiseta.

"Olá?" Eu ouço uma chamada de voz. "Warren?"

Há um som de batida, seguido por uma porta de carro abrindo e fechando. Não tenho energia para chegar ao abridor da porta da garagem preso na parede a tempo. Eu ouço o caminhão dar marcha à ré. Eu deixei meus olhos se fecharem e se afastarem na escuridão. De repente, estou sentado na caminhonete de meu pai em frente à loja de alimentos do condado. "Vou demorar um minuto, amendoim", ele diz para mim. "Se alguém tentar entrar, você fica deitada na buzina."

Meus olhos se abrem, e dou tudo o que resta em mim para pressionar a buzina.

Minhas pálpebras estão pesadas, mas eu as forço a abrir. São necessárias várias tentativas para que eu possa entender o que estou vendo. Tudo é um borrão. Meu punho está firmemente enrolado em um lençol branco. Eu flexiono os dedos dos pés. No alto, luzes brilhantes passam. Uma mulher se inclina. Ela tem o rosto de um anjo. “Você está indo para a cirurgia. Você vai ficar bem.”

Ela obviamente não pode saber que vou ficar bem, eu acho. Mas eu gosto que ela minta. Quão terrível seria para qualquer outra coisa ser as palavras finais que ouço.

Não sei se vou ficar bem. Mas, neste momento, não tenho mais nada em que me preocupar.

Eu adormeço e sonho com meu pai. Penso no que ele me disse no dia em que cheguei em casa do meu turno de garçonete para encontrar um berço no quarto de hóspedes. Eu disse a ele que não pretendia morar na casa dele para sempre. Que semtia muito. Eu nunca quis acrescentar mais ao prato dele. Eu disse a ele que sabia que tinha estragado tudo. Ele me olhou diretamente nos olhos e disse: “Não se trata de cair, Charlotte. É sobre ficar no chão. E eu conheço você. Você não ficará caída por muito tempo."

[redacted]

Eu acordo em recuperação. Eu não sinto dor. Eu não sinto nada. "Foi tudo bem", diz uma voz firme. Não consigo ver o rosto que pertence à voz que fala comigo, mas sinto o cheiro do perfume dela. Algo delicado. Ela fica na cabeceira da minha cama, pressionando os botões no monitor. "Conseguimos parar o sangramento."

Ela não oferece mais informações e não pergunto. Observo enquanto ela se move propositalmente pela sala, verificando e revisando seu trabalho. Eventualmente, ela empurra algo através da minha linha IV, e antes que eu perceba, mais uma vez caio no esquecimento.

Na próxima vez que abro os olhos, há policiais em pé ao meu lado. Fecho os olhos e finjo estar muito cansada e traumatizada demais para falar. Estou muito drogada e tenho medo do que posso dizer.

[redacted]

Michael fica ao meu lado. O FBI também. O rosto do meu marido parece sério, se não solidário. Por instinto, começo a chorar. Ele coloca a mão na minha. É grande, fria e muito familiar. Soluços cheios, do fundo do peito e borbulhantes escorrem de mim. Eventualmente, os homens se oferecem para

sair e nos dar privacidade, e a enfermeira pergunta se eu gostaria de algo para me acalmar. "Você não precisa dizer nada a eles, Charlotte", diz Michael quando finalmente estamos sozinhos. "Você sabe disso."

Ele tem razão. Eu sei disso.

Estou ciente de que não posso contar tudo a eles. Mas eu posso dizer muito a eles.

"Sinto muito", ele me diz, colocando pedaços de gelo na minha boca. Ele não detalha o motivo pelo qual está se desculpando, e faço o meu melhor para parecer que não sei.

"Você não tem por que se desculpar", eu respondo, surpresa com a facilidade com que a mentira escapa da minha língua. “Você me disse que eu precisava reduzir o trabalho. Eu deveria ter ouvido. Agora..."

"Isso não é sua culpa." Ele coloca o copo de gelo sobre a mesa e afasta os cabelos emaranhados do meu rosto. Suas mentiras também fluem sem esforço. Sua expressão, seu comportamento, é o mesmo de sempre. Enquanto vivemos juntos, desde que o conheço, há quase duas décadas, pensei que poderia dizer quando ele estava sendo desonesto. Mas aqui nesta cama de hospital, Deus sabe onde, posso ver que isso não é verdade.

Minha vida está precariamente nas mãos dele. Eu sei. Eu assisti as imagens de JC Warren. É por isso que eu faço o meu melhor para fingir.

Ele se inclina e beija meu rosto. "Não precisamos fazer mais aquilo que fingimos, querida."

"O que você quer dizer?"

"Eu sei que você já passou por muita coisa."

Olho para a janela. Está escuro lá fora.

"Estou tão feliz que você saiu dessa casa."

Eu penso na cabine. Da abundância de evidências contidas no interior. Quem sabia o que JC Warren havia escondido lá? Ele sabia muito sobre a minha vida. Ou pelo menos ele fingia.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Michael caminha até a porta e depois volta para a cama. “Eles pensaram que você estava dentro. Eles pensaram que você se foi. Eu pensei que tinha te perdido.”

"Eu estava dentro."

Michael inclina a cabeça. "Você se lembra de algo sobre o que aconteceu antes de ser encontrada?"

Eu finjo ignorância. "Na verdade não."

“O fogo, Charlotte. Foi ruim."

"O fogo."

Seu rosto permanece neutro. “As meninas estão tão preocupadas. Eles queriam vir, mas eu peguei o primeiro voo. Não sabia em que condição encontraria você. Eles não me disseram nada.”

"E agora? Elas estão bem? Elas sabem que estou bem?”

"Elas estão com minha mãe."

"Bom", eu digo. "Eu acho que elas deveriam ficar lá."

“Um pouco, sim. Eu concordo.” É o que ele diz. Mas é o que ele não diz que realmente conta. Ele não diz que eu não fui nada além de uma ferramenta para ele, todos esses anos, esse tempo todo. Ele não diz que me procurou, que mentiu para mim o tempo todo. Ele não diz que seu escritório de arquitetura é uma fachada, que ele dirige a agência o tempo todo.

Ele não me conta nada do que ouvi assistindo e ouvindo as gravações de JC Warren de dentro de nossa casa. Ele simplesmente diz: “A imprensa está sobre isso. Como você pode imaginar."

Ele não sabe o que sei. Ele não sabe se eu sei alguma coisa. Então, ele não explica por que me usou para enfrentar a

concorrência - ele não diz que é porque ele é o maior pedófilo de todos.

Também não digo isso.

Há tempo para isso.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Charlotte

Michael estava certo. A mídia estava por toda parte. Aparentemente, é uma história que vale a pena perseguir. Todo o caminho para o Alasca, e é claro, eles estão preparados e esperando em casa. O custo da fama, a violência contra as mulheres - independentemente de minha profissão, participar de um voo como um todo, é sexista. Está tudo lá, debruçada, discutida incessantemente, minha vida examinada sob um microscópio.

Isso não contribui para uma boa situação. Meu marido não diz isso, mas posso dizer. Ele deseja que eu tenha morrido naquele incêndio. Provavelmente era essa a intenção dele quando ele tinha definido. Ele não sabia, não podia saber - que eu estava na garagem - que um vizinho gentil, vendo a cabana acender em chamas, correria para garantir que todos saíssem bem.

Após a cirurgia, não posso viajar por várias semanas.

Após cinco dias, Michael retorna ao Texas.

Embora elas permaneçam sob os cuidados de sua mãe, ele quer verificar as meninas. Eu o faço chamada de vídeo todos os dias. Elas estão ansiosas para eu chegar em casa. Mas tenho certeza de que elas não estão nem de longe tão ansiosas quanto eu.

[redacted]

Três semanas depois que fui resgatada, finalmente consegui voltar para casa, para minha própria cama. Apesar da fisioterapia e da pura determinação, ainda confio bastante em Michael para fazer a maioria das coisas por mim.

A imprensa voltou a chover sobre nós, na nossa rua, na nossa vizinhança. Eu supostamente tenho melhores amigos que nunca conheci. Todo mundo fala como se tivesse algo novo a dizer, algo que nunca foi dito antes. Um grupo de "guerreiros da justiça" foi detido na semana passada e, pelo que aprendi online, a maioria dos grupos começou a fracassar. O crime grave é um pouco demais para uma dona de casa comum, suponho. Não é tudo uma decepção. Não é tudo um desperdício. Há simpatizantes, flores, cartões, refeições e uma conta lotada do Fund Me.

Michael se destaca por interpretar o marido preocupado e atencioso, e estou mais do que feliz em deixá-lo.

Enquanto tivermos toda essa atenção em nós, será difícil para ele fazer algo drástico no que me diz respeito. As meninas estão seguras e moderadamente felizes com a mãe dele, e isso me dá tempo para elaborar um plano.

"Eu não sei se você deve voltar ao trabalho, você sabe, depois de..." ele diz uma manhã tomando café. “Temos dinheiro suficiente na conta do Fund Me… eu estava pensando que você poderia tirar algum tempo e… eu não sei… relaxar. Ou talvez escreva o livro sobre o qual você sempre falou.”

O sentimento me faz sorrir. "Veremos."

É engraçado como ele parece diferente agora que eu não me importo mais com ele. Agora, posso ver como ele é comum, como foi meu amor que o tornou especial, que fez parecer que ele era um bom marido e pai - que o colocou em um pedestal.

Mas, com toda a honestidade, foi mais do que amor que me fez apaixonar por Michael. Nosso relacionamento começou como de natureza transacional e terminará assim também.

Meu pai costumava dizer isso sobre o trabalho policial. A maneira como as coisas terminam geralmente é a maneira como elas começam. Eu realmente nunca pensei muito no que ele quis dizer, mas faz sentido.

No início desta semana, tive uma longa conversa com Hayley em uma chamada de vídeo. Ela está tendo problemas com o mesmo garoto que eu quase dei laxantes. Se apenas. "Há uma verdade fundamental que aprendi", disse a ela. "Se você não tem certeza de quem é e o que deseja, atrairá pessoas ansiosas demais para orientá-lo a encontrar essas respostas."

"Fale inglês", ela bufou.

"Eu estou. Hayley, há pessoas sem fim" - eu disse a ela. "Pessoas com infinitas opiniões, regras, requisitos e sugestões sobre como você deve viver sua vida, como deve se comportar, mas nenhuma delas é capaz de levar em consideração a única coisa que importa: elas não podem realmente entender. Se preocupe com seus desejos da maneira que você faz, para que eles não estejam de forma alguma equipados para guiá-lo."

"Elliot não está tentando me guiar, mãe. Ele está tentando me namorar."

"Não, Hayley. Ele está tentando manipular você."

"Você não sabe disso."

"Então por que estamos tendo essa conversa?"

"Porque você perguntou."

"Olha", eu disse. “Mesmo quando as pessoas têm a melhor das intenções, e até mesmo se eles tentam ser altruístas, nunca é possível para eles separar o seu desejo por você a partir de seu próprio desejo por si. É por isso que, se você ouvir, se desistir, se permitir ser liderada, sem perguntar o que eles querem de você, ou quem e o que eles querem que você seja, você sempre estará jogando um jogo perdido.”

Uma noite, na mesma semana em que conversei com Hayley, estou na cama quando Michael entra. Embora ainda não esteja totalmente adormecida, não estou com disposição para me divertir, fazer de conta e, então, finjo. Eu escuto enquanto ele sobe na cama. Fazendo minha pele arrepiar por ter que dormir ao lado de um homem que prejudicaria minha filha, mas a vida é cheia de coisas difíceis.

Ele rola e beija minha bochecha e sussurra: “Diga-me, Charlotte. O que você deve fazer quando não pode deixar algo ir, mas também não pode matá-lo?” E só por um momento, não tenho certeza se não estou sonhando.

Estou em casa por seis dias quando a mãe de Michael leva as meninas para casa. Eu aprendi muito naquele tempo. Uma pesquisa completa no computador do meu marido me diz muitas coisas que preciso saber, mas não tudo. Vou precisar conversar

com Sophie sobre o pai dela. E isso precisará acontecer em breve. Recuso-me a deixá-lo perto das minhas filhas, mas o tempo de prisão, embora talvez seja a solução mais simples, não parece suficiente. Além disso, ele empurrará ainda mais minha família para os holofotes; ter que fazer um depoimento e possivelmente testemunhar apenas danificará mais minha filha. Ela já sofreu o suficiente. Ela não precisa perder o anonimato também.

Além disso, eu nunca poderia viver comigo mesma, sabendo que matei outros homens por menos. Apodrecer em uma cela de prisão não é suficiente.

Uma varredura do computador de Michael me diz que JC Warren estava certo sobre a maior parte do que ele disse. Michael está negociando e vendendo garotas e já faz algum tempo. Enquanto ele não faz o trabalho pesado, por assim dizer, e-mails criptografados provam que ele está definitivamente envolvido. Ele é o mentor.

Ele tem muito dinheiro em contas no exterior, algumas das quais esconde no setor imobiliário. Sob vários codinomes. Mas tem mais. Michael tem outros filhos. Várias crianças com várias mulheres, a maioria delas nascidas de mulheres jovens que estão encarceradas por prostituição, drogas ou que estão desaparecidas ou mortas. Quatro filhas e um filho, todos mais novos que

Hayley. Não está claro onde eles residem. Mas ele os fornece monetariamente.

[redacted]

Como é possível viver com um estranho, quando o tempo todo pensava que era você quem tinha todos os segredos? Uma pergunta que me fiz sem parar. Talvez isso fosse parte do golpe. É difícil ver a verdade sobre os outros quando você está tão ocupado tentando escondê-la. Quando olho no espelho, pareço uma concha de quem eu costumava ser. Minha vida hoje, em comparação com seis semanas atrás, é quase irreconhecível.

Basta dizer que minha auto-estima não está no seu nível mais alto.

Não me considero uma pessoa estúpida e, no entanto, tenho conseguido ignorar a realidade da minha situação há anos. Enquanto isso, aparentemente todos ao meu redor viram através de Michael e suas mentiras. Até minha própria filha.

Eu deveria ser uma das garotas dele, no começo, quando ele apareceu na festa da fraternidade? É por isso que ele estava lá? Ele era obviamente mais velho - ele estava em busca de presas? Ele planejou isso desde o começo? Perceber que a resposta provavelmente é sim me deixa fisicamente doente. E, no entanto, nada muda.

Depois de ter certeza de que Michael está dormindo, entro sorrateiramente no quarto de Sophie, onde a balanço. "Soph"

Seus olhos se abrem, e eu me pergunto quantas vezes ela já fez isso antes. Quantas vezes ela ficou aterrorizada? E pior?

"Sophie", digo com os dentes cerrados, me sentando na beira da cama dela. "Eu preciso perguntar uma coisa e preciso que você seja honesta comigo."

Seu rosto cai, mas ela se recupera rapidamente. "É sobre o dinheiro?"

"O dinheiro? Não."

"Oh", diz ela. “Porque eu disse a ele que você descobriria. Quero dizer... eu sabia que você faria.”

Eu sinto que vou vomitar. Ele não apenas molestou minha filha, mas também pagou pelo silêncio dela. “Sophie”, digo estremecendo. “Soph, eu sinto muito. Eu sei que não ando muito por aí.”

"Isso não é verdade", ela me diz, sentindo problemas. "Você está por perto."

"Sophie, eu preciso saber..." Faço uma pausa e examino a sala. Mastigando meu lábio inferior, digo: "Preciso saber se seu pai está machucando você".

As sobrancelhas dela se enrugam. "Me machucando?"

"Sim. Machucando você. Ele se comportou de maneira inapropriada com você... sexualmente?”

Ela corre para trás na cama. "Ai credo. Não. Por que você diria uma coisa dessas?” Seu rosto se contorce e, finalmente, ela inclina a cabeça como se tivesse acabado de se lembrar de algo. "Esperar. Você está nas drogas?"

"Não. Estou falando sério, Sophie. Não é algo que você deva mentir para mim.”

Ela corre para a beira da cama e se levanta. “Não acredito em você! Não acredito que você me perguntaria isso! Papai nunca me machucaria. Você sabe disso."

De repente, toda essa raiva reprimida se mostra e ela mostra os dentes. De repente, estou inclinada a acreditar nela. De repente, percebo que a raiva que ela está exibindo não é totalmente genuína. Ela está escondendo alguma coisa. "O dinheiro... do que você estava falando?"

"Nada", ela zomba. "Saia."

“Sophie. Você vai me dizer a verdade. E você vai me dizer agora.”

“Não é grande coisa. Papai estava certo. Você vai fazer dessa coisa enorme. Você age como se eu fosse criança!”

"Papai estava certo sobre o que?"

“Que você diria que ele deveria estar economizando seu dinheiro. Que eu deveria querer participar de graça.”

Meus olhos se fecham. Não consigo me abri-los. "Participar como?"

"Com as listas."

"Que lista?"

"As listas de meninas nas mídias sociais."

“Soph, eu preciso que você soletre para mim. O que você está fazendo com listas nas redes sociais?”

“Faço amizade com as meninas. Então papai vai atrás da família para fazer negócios.”

"O negócio? Que negócio?"

Ela olha para mim como se eu crescesse três cabeças. “Por suas coisas de arquitetura. É tudo sobre sete graus de separação, você sabe. Marketing... vida... "

"Oh, Sophie." Eu não consigo dizer a verdade. O pai dela estava pagando o dinheiro do sangue dela para fazer coisas realmente ruins.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Charlotte

Quando pousamos em Cabo, um homem local, que não é velho, mas não é jovem, se oferece para nos mostrar o local. Ele se oferece para carregar nossas malas, recomendar restaurantes e os melhores passeios turísticos. "Eu posso levá-lo para as baleias", diz ele em uma voz estridente.

Michael diz que tudo o que ele quer é chegar ao hotel. Estou realmente feliz por não ter me apressado. "Talvez", eu sugiro, olhando as meninas. "A observação de baleias pode ser divertida."

Os olhos do homem brilham. “Onde fica o seu hotel? Eu posso te levar."

"Temos um carro alinhado", Michael diz a ele.

O homem, exposto ao sol, o estuda, com uma expressão séria no rosto.

É a primeira vez que sinto que consigo realmente respirar em semanas. Inspirando profundamente, o homem cheira a sal,

peixe e liberdade. Sinto uma sensação de calma correr sobre mim. Felizmente, convencer Michael a fazer uma viagem em família durante as férias de primavera acabou sendo mais fácil do que eu esperava. Ele concordou que poderíamos passar algum tempo em família. Algum tempo para permitir que a poeira assente um pouco.

"Você deve ter cuidado", diz ele a Michael enquanto olha para mim. “Os cartéis. Difícil saber em quem confiar.”

Com um aceno de cabeça e de modo cortante, Michael garante ao homem que ficaremos bem.

Quando entramos no dia, está ensolarado e bonito, e as meninas parecem felizes. Eu não as deixo fora da minha vista. Eu sei como é fácil desaparecer aqui.

O sol, a areia e a sensação despreocupada de não ter um lugar em particular que você precisa estar me faz desejar ter feito mais viagens como essa. Antes. Voltar quando as coisas eram diferentes, voltar quando eu não sabia a verdade. Eu tenho pensado muito sobre isso quando me recuperei - essa é uma das coisas sobre ficar fora de serviço, as horas intermináveis e ininterruptas em que pensar. Que presente é ser ingênuo. Viver sua vida acreditando que é de uma maneira, ausente da verdade.

Na semana passada, Michael e eu estávamos discutindo um projeto em que ele está trabalhando e ele me disse: "Se você soubesse que algo terminaria mal, mas que seria realmente bonito ao longo do caminho... você ainda o faria?"

Eu levantei minha sobrancelha. "Quão bonito estamos falando?"

"Uma das experiências mais bonitas da sua vida é meio bonita."

A resposta veio facilmente. "Então, sim", eu disse. "Sim eu iria."



Se eu tivesse feito essa viagem, nunca teria conseguido reunir as informações necessárias. Durante semanas, trabalhei duro para fingir que tudo é normal. Ou o mais próximo possível do normal, considerando. Pensando em Henry, lembrei dos seus Ps: o planejamento prévio evita o mau desempenho. Essa noção, ele sempre dizia, está na vanguarda de todo bom trabalho.

Falando em emprego, havia muita coisa que eu queria descobrir antes de me livrar da única pessoa que possuía todas as respostas. As listas de contas, sendo uma. Acontece que Michael foi inteligente o suficiente para abrir contas a pagar por morte

comigo listadas como beneficiárias. Com exceção de um contador, ele simplesmente esqueceu de mencionar que eles existiam.

Mas havia outras coisas também. Coisas mais importantes que dinheiro. A lista de nomes. Compradores e vendedores, comerciantes e sequestradores. Um tesouro de dados. Pessoas muito más que merecem pagar. Depois, há as meninas desaparecidas e os lugares onde elas podem ser encontradas. Ou seja, se elas ainda estão vivas.



É estranho assistir seu marido e filhas, tendo seu último melhor dia. Não é tão fácil quanto você imagina, quando você é o único que sabe o que está por vir. Eu queria torná-lo especial, para todos eles. Pensei no meu último e melhor dia. Antes que eu soubesse a verdade sobre Michael.

Antes que eu percebesse, minha vida era uma mentira maior do que eu pensava.

Quando os maiores aborrecimentos da minha vida eram caronas, almoços e sexo marcado.

Observando os três no barco, descansando no convés, rindo de algo que Hayley disse, Michael olha para cima, o rosto examinando o barco. Ele está me procurando. Ele está pensando que eu não deveria estar perdendo isso, e é genuíno. Ou pelo

menos parece que sim. Sorrio, levanto um dedo e termino de misturar nossas bebidas.

"Foi uma ótima ideia", ele me diz quando eu finalmente caminho, e estou feliz pelo homem no aeroporto. Estou feliz por ter aceitado o conselho dele. Fico feliz por ter fretado este barco na esperança de que possamos ver baleias.

O céu está sem nuvens e o dia parece o oceano, como se pudesse durar para sempre. As meninas estão tão felizes quanto eu as vi nas últimas semanas. O olhar permanente de preocupação, ou pavor, ou ambos, quase desapareceu. Seus olhos estão mais uma vez brilhantes. Dói-me saber que tudo isso é temporário, que toda a vida é. Que só podemos manter esses momentos em nossa mente.

Eu tiro muitas fotos. Ninguém reclama como costumam fazer.

O meu favorito é o de Michael, de pé na beira do barco, olhando para o oceano, uma mão na de Sophie e a outra na de Hayley. No último segundo, ele olha por cima do ombro para a câmera, para mim como se dissesse, você pode acreditar nisso?

Ele sorri e depois pula.

Michael estava viajando em uma van de dez passageiros com um grupo do nosso hotel, a caminho de um campo de golfe 11 quilômetros ao sul, quando foram emboscados pelo cartel. Ele foi baleado dezessete vezes. Apenas dois dos dez passageiros sobreviveram. Michael não era um deles.

Talvez tenha sido um caso de identidade equivocada. Mas apenas duas pessoas provavelmente terão certeza. Eu e o homem do aeroporto.

As meninas e eu estamos descansando quando a polícia nos encontra na piscina do hotel.

Eles nos escoltam para um pequeno escritório perto do lobby do hotel. Existem apenas duas cadeiras. Um terceiro é trazido, mas eu já coloquei Hayley no meu colo. Sobre a mesa está um golfinho de porcelana, na parede, uma foto aérea do hotel. Parece datado, e me pergunto quanto mudou no tempo desde que foi tirado.

Dois policiais entram na sala, diferentes dos que nos escoltaram em primeiro lugar. Piscinas de água no chão aos meus pés. Toalhas são oferecidas e a partir daí tudo o mais acontece rapidamente.

Eles me pedem para confirmar minha identidade, para identificação, mas explico que está tudo na sala. Eles perguntam

onde está Michael, e quando eu confirmo que ele está jogando golfe, eles entregam as notícias.

Mesmo sabendo o que eles vão dizer, isso me bate mais forte do que eu esperava. Todos os anos que passamos juntos passam diante dos meus olhos, instantâneos de amor e mentiras. Mas mais do que tudo isso, as inúmeras memórias que posso deixar de lado, são os lamentos das meninas que ameaçam me fazer entrar.

[redacted]

Quão infeliz uma família pode ser? É isso que todo mundo pensa quando as notícias chegam. Mesmo que não seja o que eles estão dizendo, é o que eles estão pensando.

No voo de volta para casa, mais tarde na mesma tarde, penso nas outras famílias fazendo a mesma viagem, voltando para casa, com o coração partido, em casas vazias. Eu poderia perguntar se fiz ou não a coisa certa, embora saiba que fazê-lo seria inútil.

Vidas foram perdidas. Mas muitos outros serão salvos.

É sobre equilíbrio, suponho.

Há muito trabalho pela frente. Isso me faz pensar em minha mãe, em como teria sido fácil apenas me levantar e ir embora. Quão fácil ainda pode ser.

Por enquanto estou aqui. As meninas ainda não estão prontas para saber a verdade sobre o pai. Não é um conceito fácil de entender que algo pode ser bom e ruim, e às vezes é melhor perder algo lentamente, ao invés de tudo de uma vez.

Chegará o tempo, eventualmente, em que terei de sentar e explicar tudo. É inevitável. Caso contrário, as coisas não podem seguir o planejado.

EPÍLOGO

Charlotte

Nove meses depois

Eu paro em um café e use o banheiro para trocar de roupa e fazer minha maquiagem. Sacudindo a peruca loira curta, dobrada ordenadamente na minha bolsa Hermes, eu a coloco no lugar. Então, toco meu batom, checo meu reflexo, adiciono outra camada de rímel e, ainda insatisfeita, faço um esforço para colocar os cílios postiços no lugar. Eu fecho meus olhos e os fecho, antes de abri-los lentamente, verificando cuidadosamente minha aparência uma última vez. A transformação me faz sorrir. Eu não pareço nada comigo mesmo.

Quando Sophie sai da cabine, seus olhos se arregalam de surpresa. Os meus também. Seus olhos castanhos pintados de preto, em combinação com o batom vermelho e a saia super curta, me aterrorizam. Ela não se parece com a minha filha. Ela parece comigo.

"Devemos rever isso de novo?" Eu pergunto, olhando para ela no espelho.

"Não", ela diz. “Eu te disse mil vezes. Deixa comigo."



Nós encontramos o número dois da lista, Ian Miller, na festa do quadragésimo aniversário de seus pais. Obviamente, não estamos na lista de convidados, mas como a maioria das coisas, isso também pode ser facilmente corrigido. Invento uma história plausível. Se solicitado, direi que minha empresa faz negócios com a empresa dos Miller. Não querendo parecer inconsciente ou envergonhar-se, os Millers são muito intelectualizados para pressionar por mais.

Sophie e eu nos sentimos em casa. Juntas, nos familiarizamos com o layout da propriedade e com quem é quem na lista de convidados. Quando chega a hora, brindamos aos Miller mais velhos.

No jantar, durante o terceiro curso, Ian Miller pede licença para atender. Para os ricos, o trabalho nunca cessa. Mas a ligação é provavelmente mais prazer do que trabalho, e é por isso que me dá muita satisfação interrompê-la.

Eventualmente, nos encontramos no banheiro. É horrível, preto com manchas de ouro jogadas. Às vezes, os ricos têm bom gosto. Mais frequentemente, nem sempre. Fechando a porta silenciosamente atrás de mim, pressiono minhas costas contra ela

e, respirando fundo, pego minhas luvas na minha pequena embreagem.

Ian Miller termina o mijo e só então ele se vira.

"Eu ouvi falar de você", ele diz para mim. "Charlotte, certo?"

Nossos olhos se encontram. Ele é encantador, este. Talvez em uma vida diferente, eu teria trancado a porta e tornado a água a todo vapor por outras razões. É uma pena, realmente.

"A assassina."

“Que maneira engraçada de colocar isso. Um assassino é apenas um assassino, não?”

"Suponho que você não veio para conversar, ou fazer perguntas filosóficas."

"Suponho que não."

"Bem, então é melhor você continuar com isso." Seu tom é neutro, mas seus olhos estão tristes. Eu estimo que ele tem um pouco de luta nele.

"Você quer morrer?"

"Poucas pessoas querem morrer, minha querida Charlotte."

É uma jogada de poder me chamar pelo meu nome verdadeiro e não pela Olivia, como todo mundo. "Eu não sou sua querida."

"Você é o último rosto que eu vou ver vivo, então isso a torna especial, não?"

"Não."

Ele dá um passo à frente. “Como você quer fazer isso? Devo me sentar? Ajoelhar? Fico assim? Em outras palavras, como você me quer?”

"Como você está, está bem."

"Tudo bem", diz ele, levantando os braços em sinal de rendição. "Estou pronto."

Estou com raiva por ele estar fazendo isso tão fácil. Não é justo, depois de ter chegado tão longe, até a Suíça, que ele está removendo toda a satisfação. Ele sabe exatamente o que está fazendo.

Dando um passo à frente, abro meu canivete.

“Para responder sua pergunta”, ele gagueja, “não estou pronto para morrer e deixar tudo isso. Quem estaria?”

"Mas você não vai lutar?"

“Com uma mulher não. Nunca."

Eu não acredito nele. “Então, embora seja mentira, direi antecipadamente que sinto muito. Não te tomei por idiota.”

“Não faz sentido, eu sei. Suponho que não para alguém como você.”

Eu verifico meu relógio. “Sinto muito, mas você está certo. Não tenho tempo para conversa fiada. Está quase na hora de cortar o bolo. Mousse de chocolate, eu ouvi. Meu favorito."

"Em algum momento", ele diz, "você simplesmente para de correr".

"Conte-me sobre isso", eu digo. Ele nega para mim e eu me abro. Eu levanto a faca acima da minha cabeça e esfaqueio ele nos olhos. Por todas as garotas. Por todos os vídeos. Porque eu posso.

Ele balança novamente, mas seus reflexos não são rápidos o suficiente, graças ao aditivo que Sophie colocou em sua bebida. "Você é má", ele engasga quando eu torço a lâmina.

"Você está certo", eu digo, e então deslizo a faca e corto sua garganta.

"Olho por olho", o homem envelhecido me diz com uma risada. "Deixe que você leve a um nível totalmente novo."

“Vá se foder.” Ele não deveria estar na Suíça, mas ele é da variedade dominadora e protetora, e é seguro dizer que ainda não resolvemos essa parte.

“Cuidado, querida. Você vai sangrar em pessoas que não cortaram você.”

Meu estômago arrebenta. Henry costumava dizer isso.

De certa forma, Carlo é meu novo Henry, embora Henry nunca possa ser. Foi ele quem arranjou o golpe contra Michael. Ele não tinha que me encontrar no aeroporto, mas sim, o que significava que eu gostava dele imediatamente, do jeito que você gosta com um ódio por amor. Independentemente disso, ele é tudo o que preciso na minha vida agora.

“Basileia é linda, não é?” Ele diz para Sophie.

Ela meio que dá de ombros, e ele olha para mim. "Adolescentes."

"Ela está brava por eu não deixá-la ficar com as roupas."

Carlo sorri. “Sua mãe está certa. As roupas que você não pode guardar. Eles vão com o trabalho.”

Sophie olha fixamente para as unhas, pegando um pedaço de esmalte lascado. “Haverá mais de onde isso veio. Não se preocupe."

Ela olha para mim com expectativa. "Podemos ir às compras agora?"

"Basileia não é o lugar para fazer compras", diz Carlo. "Espere até chegar a Zurique."

"Posso ir dar uma olhada?" Ela pergunta, apontando em direção à porta.

"Não", eu digo com firmeza. "Em um minuto, nós iremos."

Meu telefone toca e eu verifico minhas mensagens. É um lembrete da minha assistente de que é hora de transferir o pagamento mensal dos outros filhos de Michael para a Nona, a senhora que cuida deles. Eu não os conheci e não sei se vou. Embora quem sabe? Talvez algum dia. "Mãe?" Sophie lamenta. "Eu posso? Por favor."

Carlo me dá uma olhada. "Ela ficará bem. Basileia é segura. Você a treinou bem. Eu digo para deixá-la ir.”

"Ela não está pronta ainda."

"Você é quem não está pronta."

"Sim", eu digo. "Eu sou a única que não está pronta."

“Isso é um problema, Olivia. Se você se segurar demais.”

"É igualmente um problema se você deixar ir muito cedo."

Há uma gargalhada no canto do café. "Seu favor foi recompensado", comenta Carlo. “Ian Miller está morto. Eu posso dormir à noite.”

"Esse é o problema dos favores", eu digo a ele, tudo para o benefício de Sophie. "Eventualmente, você tem que pagar de volta."

"Ele matou minha filha", ele diz a Sophie, que não tem consciência nem se preocupa com o fato de parecermos estar conversando em círculos ao seu redor. "Ela era mais jovem do que você é agora."

A neve começou a cair na rua. Eu fico olhando por um longo tempo e penso em Michael. "Você não vai dormir", digo a Carlo.

Ele olha para mim conscientemente. "Você está certa. Isso nunca é suficiente.”

"Então, esta lista", Sophie menciona. "O que minha mãe está sempre falando... você viu?"

"A lista de mortes."

Sophie encolhe os ombros. "Certo."

"Não", diz ele, olhando para mim. "Receio que seja toda de sua mãe."



No balcão de um café na Rue du Marché, em Zurique, fico na fila, esperando fazer um pedido de dois cafés e um bolo para Sophie. A fila é longa e as portas da loja se abrem com tanta frequência que o ar frio da rua entra continuamente. A fila serpenteia em torno de uma lareira gigante, que eu uso para aquecer as mãos.

Lá fora, começou a chuviscar. Ela cai em ondas, o tipo de queda constante que você sabe que pode se transformar em fortes chuvas. Depois nevará. Envio uma mensagem para Hayley em casa. Ela tem um recital de dança amanhã, e a mãe de Michael está ajudando-a a se arrumar. Eu digo a ela que estou triste por sentir falta disso. Ela promete enviar um vídeo.

“É legal, não é?” A voz na minha frente diz. A princípio, não percebo que ele está falando comigo até que repita uma versão da pergunta, e reconheço o sotaque como decididamente americano. "Geralmente não é tão ocupada", diz ele. “Deve ser a chuva. E as férias.”

Eu respondo com um sorriso tenso.

"Você também é americana, não?"

Outro sorriso.

"Você sempre pode dizer."

"Isso está certo?"

“Talvez apenas uma ilusão... faça com que se sinta um pouco menos solitário. Estar tão longe de casa.”

"O lar é onde você faz isso, eu acho."

Ele parece surpreso por um momento, mas não diz nada e não deixa transparecer o porquê.

"Eu sou John", diz ele, estendendo a mão.

Eu sei quem você é. Eu sorrio e coloco minha mão na dele. *Você é o número quatro na lista.* "Olivia."

Mais tarde, em seu apartamento, ele acende uma fogueira, e ficamos deitados nus, encaracolados diante dela. As chamas são quentes e convidativas, mas também perigosas. Ele acaricia minha orelha e penso na faca em minha bolsa. O frescor da lâmina, a firmeza do cabo. Isso me lembra dele, de certa forma. Liso e necessário.

"Você pode ficar?"

Encarando o fogo, penso na pergunta dele, no que ele está realmente perguntando. Ele é bonito, um cavalheiro, e o melhor leigo que já tive em muito tempo. Ele poderia ser útil, então eu digo: "Por um tempo."

"Você tem uma lareira em casa, Olivia?"

"Não", eu digo a ele. "E eu perdi a vida toda."

